



**Jiaxin  
Li**

**A segunda geração de Chineses em Portugal:  
identidade e integração no país e na comunidade  
chinesa**





Universidade de  
Aveiro  
2022

Departamento de Línguas e Culturas

**Jiaxin  
Li**

## **A segunda geração de Chineses em Portugal: identidade e integração no país e na comunidade chinesa**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Português Língua Estrangeira/Língua Segunda, realizada sob a orientação científica da Doutora Anabela Valente Simões, Professora Adjunta da Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda da Universidade de Aveiro.



Dedico este trabalho à minha avó, a quem agradeço o incansável apoio.

## **o júri**

presidente

**Prof. Doutor Carlos Manuel Ferreira Morais**  
professor auxiliar da Universidade de Aveiro

**Prof. Doutora Dina Maria da Silva Baptista**  
professora adjunta convidada da Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda,  
da Universidade de Aveiro

**Prof. Doutora Anabela Valente Simões**  
professora adjunta da Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda da  
Universidade de Aveiro (orientadora)

## **agradecimentos**

Gostaria de agradecer à Professora Doutora Anabela Valente Simões, pela orientação profissional e paciência.

Agradeço a todos os meus familiares, salientando a minha avó, por ter estado sempre do meu lado.

Agradeço aos meus amigos, pelos conselhos e acompanhamento, pela amizade ao longo do tempo.

Agradeço ainda ao meu namorado, pelo apoio e paciência.

Gostaria de agradecer aos meus pais, pela compreensão e ajuda.

Por fim, gostaria de agradecer a todos aqueles que contribuíram para a elaboração do presente trabalho.

**palavras-chave**

Segunda geração de migrantes chineses, Portugal, comunidade chinesa, identidade e memória coletiva, cultura nacional.

**resumo**

Portugal tornou-se, ao longo das últimas décadas, em país de destino de muitos migrantes chineses, mais recentemente também através do Programa Vistos Gold (Autorização de Residência para Atividade de Investimento), mecanismo implementado em 2012 com o objetivo de atrair investimento estrangeiro. É objetivo geral desta dissertação o estudo do processo de integração e construção identitária da segunda geração de chineses que nasceu ou cresceu em Portugal, procurando-se identificar quais os costumes e hábitos adotados e quais as dificuldades que encontram na vida escolar e no quotidiano. Através da aplicação de um inquérito a este grupo de indivíduos, procurou-se, assim, compreender quais os elementos que constituem a sua identidade e como se caracteriza a sua integração quer na sociedade portuguesa, quer na comunidade chinesa.



**keywords**

Second-generation of Chinese migrants, Portugal, Chinese community, identity and collective memory, national culture.

**abstract**

Over the past decades, Portugal has become a destination country for many Chinese migrants, more recently also through the Gold Visa Programme (Residence Permit for Investment Activities), a mechanism implemented in 2012 with the aim of attracting foreign investment. The general objective of this dissertation is to study the process of integration and identity construction of the second generation of Chinese who were born or grew up in Portugal, seeking to identify which customs and habits have been adopted and what difficulties they encounter in school and their daily lives. Through the application of a questionnaire to this group of individuals, we sought to understand which elements are part of the identity of second-generation of Chinese migrants and how their integration into both the Portuguese society and the Chinese community is characterised.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 – A IMIGRAÇÃO CHINESA .....	4
1.1 A imigração chinesa na Europa .....	4
1.1.1 O percurso da migração chinesa .....	4
1.1.2 Origem dos migrantes e razões para a migração.....	6
1.1.3 Novos tipos de migração.....	9
1.2 A imigração chinesa em Portugal .....	11
1.3 A comunidade chinesa residente em Portugal .....	15
CAPÍTULO 2 - CULTURA, IDENTIDADE E MEMÓRIA .....	18
2.1 Definição de Cultura.....	18
2.2 Identidade individual vs. identidade coletiva .....	21
2.2.1 Definição de identidade .....	21
2.2.2 Identidade pessoal .....	23
2.2.3 Identidade coletiva .....	24
2.3 Definição de memória .....	26
2.3.1 Memória individual.....	28
2.3.2 Memória coletiva .....	30
2.3.3 Pós-memória .....	34
2.4 As características culturais da China e de Portugal .....	36
2.4.1 Modelo de Culturas de Alto e Baixo Contexto, de Edward T. Hall .....	36
2.4.2 Modelo das Dimensões da Cultura Nacional, de G. Hofstede.....	40
CAPÍTULO 3 – VIVÊNCIAS E PERTENÇA IDENTITÁRIA DA SEGUNDA GERAÇÃO DE CHINESES EM PORTUGAL .....	50
3.1 Metodologia.....	50
3.2 Apresentação dos resultados do questionário.....	52
3.2.1 Caracterização da amostra .....	52
3.2.2 Integração social e percepção cultural dos inquiridos .....	56
CAPÍTULO 4 – REFLEXÃO CRÍTICA .....	67
4.1 Da perspetiva das diferenças culturais entre a China e Portugal .....	68

4.2 Da perspetiva da identidade pessoal e coletiva .....	73
4.3 Da perspetiva da memória pessoal e coletiva.....	76
4.4 Da perspetiva do indivíduo e do grupo.....	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	82
BIBLIOGRAFIA .....	84
ANEXO .....	89

## ÍNDICE DE FIGURAS

Fig. 1 – Principais regiões de origem da emigração chinesa.....	6
Fig. 2 – Principais razões indicadas pelos Chineses aquando do pedido de autorização de residência. ....	10
Fig.3 - Evolução dos cidadãos chineses (China Continental) em Portugal .....	16
Fig. 4 - Culturas de Alto e Baixo Contexto .....	36
Fig. 5 - Dimensões da cultura nacional, de acordo com G. Hofstede. ....	40
Fig. 6 - Comparação de 6 dimensões culturais entre a China e Portugal .....	45
Fig. 7 - Local/Cidade de residência em Portugal dos inquiridos.....	52
Fig. 8 – Local de origem da China dos inquiridos .....	53
Fig. 9 - Distribuição de local de trabalho e função exercida em Portugal dos inquiridos.....	54
Fig. 10 - Grau de escolaridade dos inquiridos .....	54
Fig. 12 - "Motivo(s) pelo qual (pelos quais) Portugal foi destino de emigração para a sua família" .....	56
Fig. 13 - Nível de domínio da língua portuguesa dos inquiridos .....	56
Fig. 15 - Frequência de contacto próximo com a comunidade portuguesa .....	58
Fig. 16 - Frequência do contacto próximo com a comunidade chinesa local.....	58
Fig. 17 - Frequência com que os pais falam aos filhos sobre a sua vida/vivências na China .....	59
Fig. 18 - Itens de origem chinesa presentes na casa dos inquiridos .....	60
Fig. 19 - Frequência com que se celebram as festividades tradicionais chinesas ...	61
Fig. 20 - As festividades celebradas pelos inquiridos.....	62
Fig. 21 - Frequência das visitas à China.....	63
Fig. 22 - Principais dificuldades sentidas na vida escolar em Portugal.....	63
Fig. 23 - Principais dificuldades sentidas na vivência quotidiana em Portugal .....	64
Fig. 24 - Perceção do grau de integração na sociedade e cultura portuguesas .....	65
Fig. 25 - "Há algum aspeto da cultura/sociedade chinesas com o qual não se sente confortável e ao qual, caso tivesse que viver permanentemente na China, teria dificuldades em se adaptar?" .....	66
Fig. 26 - Comparação dos resultados das perguntas 2. "Com quem se relaciona mais? ", 9. "Prefere os hábitos e os costumes chineses ou portugueses?", 16. "Deseja viver / regressar à China no futuro?" e 17. "Com que cultura se identifica mais?" .....	75

- Fig. 27 - Comparação dos resultados das perguntas 3. "Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a nunca e 5 a sempre, como avalia a frequência do contacto próximo com a comunidade portuguesa?" e 4. "Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a nunca e 5 a sempre, como avalia a frequência do contacto próximo com a comunidade chinesa local?" .....77
- Fig. 28 - Comparação dos resultados das perguntas 5. "Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a nunca e 5 a sempre, como avalia a frequência com que os seus pais lhe falam sobre a sua vida / a experiência na China?" e 7. "Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a nunca e 5 a sempre, como avalia a frequência com que celebra as festividades tradicionais chinesas?" .....79

## INTRODUÇÃO

No decorrer das últimas décadas, as políticas implementadas e o desenvolvimento da economia têm conduzido a um cada vez maior número de Chineses que elege Portugal como destino de emigração. Com efeito, dados de julho de 2020 apontam para o facto de os cidadãos chineses continuarem no lugar cimeiro da lista de pedidos de Autorização de Residência para Atividade de Investimento no país, circunstância que representa um investimento que ronda os 56 milhões de euros (Plataforma, 2020). A obtenção desta autorização, também conhecida como Visto Gold, apresenta várias vantagens: por exemplo, se uma pessoa se candidatar, toda a família pode usufruir do visto; volvidos cinco anos, o(a) candidato(a) e a sua família poderão solicitar residência permanente e a cidadania portuguesa, com direito ao passaporte português (Global Citizen Solutions, 2020). Por se tratar de investimento seguro e estável e devido ao ambiente positivo do país, à educação reconhecida como sendo de excelência, ao baixo custo de vida, assim como a outros benefícios e vantagens, o número de imigrantes no país tem aumentado de forma considerável (Li, 2020).

Deste processo de fixação num novo país, emergem, por um lado, a questão da integração numa nova sociedade e o problema da adaptação a uma nova língua e a nova cultura. Por outro lado, a segunda geração de Chineses, ao moldar e formar a sua identidade num ambiente tão diferente do país de origem dos seus progenitores, apresenta também todo um quadro de especificidades que nos parece relevante estudar.

É nossa perceção que esta geração tem dúvidas relativamente à sua identidade étnica, não conseguindo definir claramente o seu posicionamento entre as culturas chinesa e ocidental. Por um lado, os rostos que refletem a sua origem asiática são diferentes dos rostos do ambiente circundante, o que pode dificultar a integração; por outro lado, esta segunda geração, já acostumada ao pensamento e aos hábitos de vida ocidentais, revela dificuldades de integração na própria comunidade chinesa. Além disso, não raras vezes a sua capacidade de expressão em chinês revela fragilidades, o que pode erguer uma barreira ainda maior entre si e aquela que é a comunidade nuclear dos seus pais.

O objetivo principal do presente estudo é o de procurar traçar o mapa identitário da segunda geração de chineses que reside em Portugal, analisando os contornos da sua

integração e atuação na sociedade portuguesa. Pretende-se, assim, compreender as principais questões subjacentes à problemática da construção da identidade da segunda geração de chineses e, de certo modo, apoiá-los quer no processo de integração na sociedade portuguesa, quer o reforço dos laços de pertença à comunidade chinesa. Em simultâneo, este estudo aspira também a elucidar os pais da segunda geração, ajudando-os a entender os seus filhos e as complexidades de uma vivência ambivalente e repartida entre as memórias da geração anterior e o presente do quotidiano, numa sociedade com valores, normas e princípios tão distintos do país de origem da primeira geração.

Por último, o objetivo geral é estudar a identidade da segunda geração de chineses que nasceu em Portugal e avaliar a sua integração na sociedade portuguesa. Elencam-se de seguida os objetivos específicos do presente trabalho:

- Traçar o percurso da migração chinesa para a Europa, identificando em particular as regiões de origem dos migrantes que residem em Portugal;
- Explorar o conceito de cultura e o seu papel no processo de construção da memória cultural e coletiva e, por conseguinte, da identidade de um grupo;
- Analisar as características culturais nacionais da China e de Portugal, comparando as semelhanças e as diferenças da cultura nacional dos dois países;
- Analisar a relação entre a memória individual e coletiva da segunda geração e a influência da memória familiar e da comunidade chinesa na pessoa individual;
- Identificar os costumes e os hábitos da segunda geração de chineses, e perceber o que sentem relativamente às práticas culturais específicas dos mundos ocidental e oriental;
- Identificar as dificuldades que a segunda geração encontra na vida escolar e no seu quotidiano em Portugal;
- Identificar as barreiras que possam dificultar a integração da segunda geração na sociedade portuguesa e sugerir estratégias para as ultrapassar.

A metodologia adotada baseou-se, por um lado, na pesquisa bibliográfica, em fontes diversas, com o objetivo de reunir informações necessárias para o enquadramento teórico da temática em estudo; na análise de dados divulgados por agências e organismos internacionais e, ainda, por organismos oficiais e governamentais da China e de Portugal; na comparação e análise das características culturais nacionais da China e de Portugal de acordo com vários modelos. Por outro lado, procedeu-se à aplicação de um inquérito a uma amostra de indivíduos pertencentes à segunda geração de imigrantes chineses e ao

subsequente tratamento e análise dos dados.

O presente trabalho é constituído por quatro capítulos. O primeiro capítulo traça o percurso da migração chinesa para a Europa, caracterizando-se a origem dos migrantes e a comunidade chinesa em Portugal. O segundo capítulo explora o conceito de cultura e memória e analisa as características culturais nacionais dos dois países, Portugal e a China, de acordo com os modelos de Geert Hofstede e de Edward T. Hall. O terceiro capítulo apresenta o questionário aplicado a uma amostra do grupo em estudo, a segunda geração de migrantes chineses, assim como os resultados obtidos. No quarto capítulo procede-se a uma reflexão crítica, na qual se procura estabelecer uma ponte entre os dados obtidos e a base teórica apresentada nos capítulos iniciais. Seguem-se, por último, uma conclusão, as referências bibliográficas e um anexo onde se inclui uma cópia do inquérito aplicado.



# **CAPÍTULO 1 – A IMIGRAÇÃO CHINESA**

## **1.1 A imigração chinesa na Europa**

O padrão geral da migração chinesa em Portugal é semelhante ao da migração chinesa para outras partes da Europa (Teixeira, 1998, p.238), isto é, após a sua chegada à Europa, é bastante comum a transferência de um país para outro, e depois para um terceiro ou quarto país (Li, 1998, p.27). Antes de apresentarmos o percurso da imigração chinesa em Portugal é, por isso, necessário traçar o percurso da imigração chinesa para a Europa.

### **1.1.1 O percurso da migração chinesa**

A história da migração chinesa para o estrangeiro recua bastante atrás no tempo. Os clássicos chineses indicam haver registos de chineses residentes no exterior e que mantiveram o contacto com o país de origem já desde a Dinastia Song (séculos X-XIII). A migração em grande escala, contudo, começaria significativamente mais tarde, desde meados do século XIX (Li, 2012, p. 13).

Pieke & Benton (1998, p.3) consideraram a Segunda Guerra Mundial como o momento que delimita a migração chinesa para a Europa em dois períodos. Antes da Segunda Guerra Mundial, os imigrantes chineses na Europa eram maioritariamente trabalhadores temporários, entre eles, marinheiros chineses da costa do sudeste da China que assinaram contratos de trabalho com companhias marítimas europeias. Após o final da guerra, o perfil de imigrantes alterou-se, sendo significativo o número de Chineses que viu na Europa uma oportunidade para desenvolverem as suas atividades comerciais (Yu, 2015, p.47).

Após a fundação da República Popular da China, de um modo geral, a migração ultramarina da China cessou devido ao padrão internacional da Guerra Fria e ao bloqueio imposto à China pela coligação ocidental. De 1949 a 1979, apenas 210.000 pessoas deixaram o país por razões pessoais, principalmente famílias chinesas que visitaram os seus familiares após o início dos anos 70 (Zhang, 2020, p.3). Durante a Revolução Cultural<sup>1</sup>, as relações com o estrangeiro foram consideradas "relações reacionárias" e os

---

<sup>1</sup> A Revolução Cultural Chinesa, também designado de Grande Revolução Cultural Proletária, teve início em 1963. Teve uma duração de aproximadamente dez anos, sendo o seu principal promotor o próprio Secretário-Geral do Partido Comunista Chinês, Mao Tsé-Tung. Esta revolução corresponde ao

laços dos chineses ultramarinos com a China foram rompidos (Zhang, 2020, p.3). Após a morte de Mao Tsé-Tung, em 1976, o regime de viagens da China foi liberalizado:

Previously, the Chinese in Europe came from just a few countries in Guangdong and Zhejiang. Now, a more broadly-based exodus began. Some new migrants came from old sending places, but most came from places like Fujian and northeast China with no tradition of migration to Europe or no tradition of migration at all. Some worked in Chinatown as cheap labour, others branched into new sectors. (Benton, 2011, p.64)

Após a conquista do poder político por parte de Deng Xiaoping é lançada oficialmente a Reforma e Abertura (改革开放), em 1978, uma abertura económica que objetivando uma aproximação do país à economia de mercado, reativa as relações ultramarinas, passando estas a ter desígnios positivos, nomeadamente servir de ponte de ligação da China ao resto do mundo. À medida que o processo de Reforma e Abertura avança, dá-se uma rápida abertura da China às empresas estrangeiras e ao diálogo com os EUA. Paralelamente, os emigrantes chineses passaram a poder manter laços e contactos cada vez mais estreitos com a China, em todos os aspetos, estreitando-se, assim e cada vez mais, a sua identificação com o país natal (Zhang, 2020, p.3).

Mediante o enfraquecimento das limitações impostas à mobilidade geográfica pela República Popular da China, a emigração chinesa, estreitamente ligada ao desenvolvimento do comércio internacional, em especial a partir da década de 80, assinala o início a uma nova era de fluxos migratórios de chineses por todo o mundo.

Verifica-se que, desde o início do século XXI, uma nova vaga de migração da China continental se expandiu de forma abrangente. Criando fluxos migratórios inter-regionais, rotas e fluxos migratórios, os seus padrões de migração são diversificados, simultaneamente crescendo o número de migrantes chineses na Europa de forma exponencial. Ao considerarmos os fluxos de migração dos chineses na Europa, e de acordo com o país de destino, podemos dividi-los em quatro classes e uma categoria especial (Li, 2014, p.31-33):

- A primeira classe corresponde às entradas em França e no Reino Unido.
- A segunda classe corresponde às entradas na Alemanha, Holanda, Itália e

---

prosseguimento, de forma radicalizada, de uma campanha contra as posturas dogmáticas e imobilistas dentro do partido e do aparelho de Estado, objetivando a preservação do comunismo chinês, e expurgando os elementos capitalistas e tradicionais da sociedade chinesa (feudalismo, burguesia e todos os elementos do património cultural do país).

Espanha.

- A terceira classe corresponde às entradas em 12 países, incluindo Irlanda, Áustria, Bélgica, Portugal, Suécia, Ucrânia Dinamarca, Hungria, Grécia, Suíça, Roménia e Sérvia
- A quarta classe diz respeito às entradas em pequenos países da Europa Ocidental e do Norte e dos pequenos países formados após a queda do comunismo da Europa Oriental.
- A categoria especial diz respeito à Rússia, onde se parece ter fixado um elevado número de Chineses (muito embora não seja ainda possível aferir números concretos com precisão).

### 1.1.2 Origem dos migrantes e razões para a migração

Na história moderna, a origem principal da migração chinesa situa-se em zonas costeiras como Fujian e Guangdong, as quais, respetivamente, se tornaram na primeira e segunda cidade natal dos Chineses que residem no estrangeiro, com fortes recursos financeiros vindos do exterior, graças ao investimento dos seus emigrantes (Zhang, 2020, p.3). Antes dos anos 70 do século XX, os imigrantes chineses fixaram-se principalmente em países europeus, normalmente com base num contrato de trabalho ou estatuto de refugiado ou, ainda, porque procuravam a reunificação familiar. Alguns seriam também migrantes ilegais. A maioria destes indivíduos era originária de localidades rurais como Zhejiang, Fujian e outras províncias (Figura 1).



Fig. 1 – Principais regiões de origem da emigração chinesa  
Fonte: [http://www.zhaotuu.com/index\\_shop\\_sid\\_7259\\_id\\_1618667](http://www.zhaotuu.com/index_shop_sid_7259_id_1618667)

No que concerne à sua educação ou habilitações literárias, a maioria destes migrantes possuía baixos níveis de formação (Song, 2013, p.69). Uma vez alcançada uma vida mais estável no exterior, estes indivíduos geralmente voltavam à sua cidade natal para levarem consigo outros familiares para o exterior. Em simultâneo, continuavam a incentivar as gerações mais jovens a emigrarem também.

De acordo com alguns estudos (Li, 2001; Li, 2014; Fengyang, 2016) os grupos de migração chinesa podem também caracterizar-se através da sua origem. Procede-se de seguida à apresentação das principais características sociais, à identificação da sua localização geográfica, assim como, também, a uma breve apresentação da sua situação da integração na Europa, de acordo com o local de origem.

### *1. Os imigrantes da Província de Guangdong*

Os Cantoneses do Delta do Rio das Pérolas chegaram aos principais portos do noroeste da Europa (Londres, Liverpool, Rotterdam, Amsterdão, Hamburgo, Antuérpia e Barcelona) como marinheiros. No final da Segunda Guerra Mundial, a maioria deixou a Europa, mas alguns permaneceram (Pieke & Benton, 1998, p.6). Estes marinheiros de Cantão ficavam à espera de novo emprego nas principais cidades portuárias da Europa, tendo sido frequentemente recrutados por companhias marítimas europeias para quebrar o poder dos sindicatos dos marinheiros europeus (Pieke & Benton, 1998, p.3).

### *2. Os migrantes da Província de Zhejiang*

Os migrantes da província de Zhejiang têm origem nas duas regiões mais importantes desta divisão territorial, mais precisamente, das importantes regiões de Wenzhou e Qingtian. A migração em massa de Wenzhou teve início no período de Reforma e Abertura da China e continua até aos dias de hoje, não obstante uma diminuição significativa na última década. No que concerne à migração proveniente de Wenzhou, esta caracteriza-se principalmente por movimentações por questões familiares. Por exemplo, à procura de melhores condições económicas, este grupo migrava para França, onde residiam os seus familiares chineses. Para este grupo, as suas vivências familiares e sociais estão mais relacionadas com a França e não tanto com a China (Du, 2019, p.4).

Aquando da Primeira Guerra Mundial, em Qingtian, atual condado sob administração da cidade de Lishui, vivia-se um ambiente de hostilidade, encontrando-se os seus habitantes em situação de precariedade. Na procura de melhores condições de vida, e ao abrigo das ofertas de recrutamento de mão de obra chinesa, muitos dos seus habitantes foram para o

exterior (Lv, 2013, p.43), onde vendiam estatuetas de pedra-sabão e outras bugigangas. Espalhados por toda a Europa, estes indivíduos mantiveram-se em contacto uns com os outros, mantendo-se, contudo, afastados dos outros Chineses (Benton, 2011, p.63). Embora a maioria não tenha conseguido alcançar o objetivo de se tornarem ricos, não se verificou um regresso massivo à terra natal. Acredita-se que, principalmente por sentirem vergonha de regressarem pobres e de mãos vazias, estes Chineses tivessem optado por permanecer na Europa, exercendo funções de venda ambulante, venda de gravatas baratas, laços, ou pequenos brinquedos (Mortágua, 2011, p.121).

### *3. Os imigrantes da Província de Fujian*

A província de Fujian é também conhecida como uma cidade natal tradicional de chineses migrantes. É na comunidade de Fuqing, na província, que os “Cabeças de Cobra”, o mais organizado dos grupos criminosos envolvidos no tráfico humano, encontram as suas vítimas (Pieke & Benton, 1998, p.7). Os migrantes de Fujian chegaram à Europa na segunda metade da década de 1980, em busca de melhores condições de vida. Frequentemente munidos de documentos falsos, eram transportados para locais de trânsito em Hong Kong e na Tailândia, de onde, posteriormente, seriam enviados para o Reino Unido (Boa Vida, 2004, p.12). Estes migrantes estavam bem preparados para as dificuldades que poderiam enfrentar durante a viagem para o exterior, viagens que poderiam levar meses e sem o mínimo de condições humanas. Devido ao seu baixo nível de educação e à falta de documentos legais tinham dificuldade em encontrar bons empregos (Li, 2008, p.111). Após 2000, a situação dos migrantes de Fujian tornou-se ainda mais complexa e difícil de ser generalizada. Chegavam primeiramente aos “países de trânsito”, sendo o seu destino final o Reino Unido. Num fenómeno não visto entre outros grupos de migrantes chineses, alguns migrantes de Fujian instalaram-se nos países de trânsito, acabando por aí constituir as suas próprias famílias ou trazendo as suas esposas e filhos para os países de trânsito através do reagrupamento familiar.

### *4. Os imigrantes da Região Nordeste*

Após a reforma das empresas estatais no Nordeste da China na década de 1990, a maioria de funcionários das empresas estatais encontrava-se em situação de desemprego (Times Online, 2015). Vítimas das reformas económicas, viram-se em apenas alguns anos a cair acentuadamente de classe social. Esperavam que a migração internacional melhorasse a qualidade da vida que não conseguiam alcançar na sua terra natal (Du, 2019, p.4). Antes disso, nunca houve uma tendência de migração transnacional para a Europa a partir do

Nordeste, não havendo por isso tradição de desenvolvimento transnacional (Li, 2008, p.112).

### 1.1.3 Novos tipos de migração

Como aludido anteriormente, no final dos anos 70 do século XX, a China implementou a política de Reforma e Abertura, tendo as relações entre o Oriente e o Ocidente melhorado significativamente, nomeadamente, ao nível da política de emigração, a qual facilitou a mobilidade dos Chineses para o exterior (Song, 2013, p.70). Ao passo que às primeiras gerações de migrantes estava destinado trabalho pouco qualificado, a emigração mais recente caracteriza-se por ser mais diversificada, abarcando vários tipos de migrantes e finalidades para a migração, não só para trabalhar, mas também para estudar, investir, reunir com a família já estabelecida ou casar (Zhang, 2020, p.3).

Na verdade, após os anos 90 do século XX, países como França, Reino Unido, Itália e Espanha, como membros da União Europeia, já legalizaram milhões de migrantes ilegais. A este respeito, Li (2009, p.50) dividiu os novos imigrantes chineses na Europa em quatro categorias principais:

Primeiramente, os **empresários e os industriais e empresários**, que atribuem muita importância ao aproveitamento das vantagens políticas e económicas do seu país de origem e usam o aproveitamento do capital social especial gerado pelo parentesco para expandir os seus negócios e promover a sua posição. Vão e vêm, frequentemente, entre o país de residência e o país de origem e lucram com o comércio transnacional.

Um segundo grupo composto pela migração de **trabalhadores qualificados e os estudantes internacionais** que residem permanentemente no local após concluírem a escola. Como "profissionais", a maioria desses imigrantes consegue levar uma vida razoável, existindo uma certa barreira entre eles e a sociedade chinesa composta principalmente por trabalhadores comuns.

Um terceiro grupo composto pelos **trabalhadores migrantes de “curta duração”** que entram numa determinada empresa, num certo país europeu, dentro de um prazo determinado através de um “contrato formal”. Como o custo da migração entre a China e a Europa é bastante alto, o seu contrato não será inferior a um ano. No entanto, o contrato de longo prazo é de apenas dois a três anos, porquanto um contrato de mais de 3 anos pode resultar num pedido formal de imigração.

O quarto grupo diz respeito ao grande número de **peças de base, incluindo imigrantes ilegais** que têm um forte desejo de mudar o seu destino, mas têm de começar a partir da base da sociedade do país para onde emigram, “a partir do zero”.

Segundo dados disponibilizados pelo Eurostat (Figura 2), os estudantes e os migrantes em situação de reagrupamento familiar constituem os principais grupos da migração chinesa na Europa. Particularmente significativo é o facto de, mais recentemente, muitos jovens chineses optarem por estudar no exterior, suportando as famílias esses custos, ao invés de estudarem apenas em casa, num sistema disponibilizado e financiado pelo Governo. A China tornou-se, na verdade, o país que mais estudantes internacionais envia para o exterior; esta tendência é o resultado de um mercado de trabalho cada vez mais exigente e competitivo que exige aos jovens chineses a procura de conhecimento e formação em instituições internacionais, com o objetivo de verem as suas competências e o currículo reforçados.

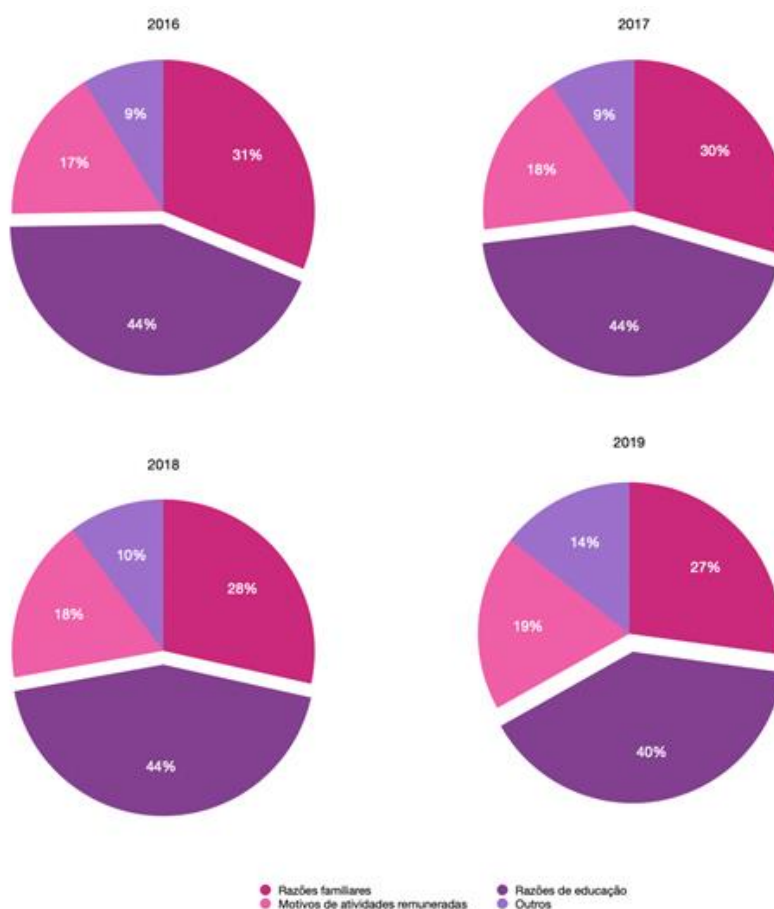


Fig. 2 – Principais razões indicadas pelos Chineses aquando do pedido de autorização de residência.  
Fonte: Elaboração própria, a partir de dados do Eurostat.

Tradicionalmente, a mão de obra migrante chinesa tem estado geralmente concentrada em três grandes setores económicos: i) a indústria da restauração, ii) a indústria têxtil e iii) a indústria dos artigos de couro. Contudo, na última década, estes setores económicos sofreram algumas alterações em maior ou menor grau: por um lado, a indústria da restauração, embora diversificada, continua a ser uma das economias mais importantes e continua a receber, absorver e empregar uma grande proporção de migrantes chineses; por outro lado, a indústria têxtil, afetada pelo rápido desenvolvimento do comércio de importação e exportação chinês, oferece cada vez menos empregos aos migrantes chineses; a indústria dos artigos de couro quase desapareceu. Estão agora a surgir novos setores económicos, sendo que a indústria da decoração interior é agora um mercado muito importante. As atividades económicas dos migrantes chineses estão a diversificar-se e a expandir-se gradualmente para cobrir uma vasta gama de campos, desde profissões técnicas profissionais (por exemplo, advogados, contabilistas, etc.) até profissões com muito poucas ou nenhuma competências (por exemplo, cuidadoras de crianças, empregado de cozinha, etc.) (Du, 2019, p.4).

## **1.2 A imigração chinesa em Portugal**

A primeira presença de imigrantes chineses em Portugal data dos anos 20, do século passado, um pouco mais tarde do que a migração para países como a França ou a Holanda, que eram os principais destinos dos chineses na Europa continental antes da Segunda Guerra Mundial (Teixeira, 1998, p.238).

Durante o período da Segunda Guerra Mundial, vários imigrantes chineses ficaram nos seus países de acolhimento a lutar ao lado da população local contra a Alemanha nazi e também houve alguns que decidiram fugir para os países não envolvidos na guerra (Yu, 2015, p.61). A neutralidade de Portugal na Segunda Guerra Mundial contribuiu para um aumento do número de chineses no país (Tomé, 1994, p.13).

Em 1986, Portugal aderiu à União Europeia (então conhecida como Comunidade Económica Europeia). A Revolução dos Cravos, que em 1974 pôs fim ao regime de Salazar, abriu o caminho à democracia e permitiu que se iniciassem as negociações para a adesão que trouxe uma estabilidade política e um desenvolvimento económico sem precedentes (Parlamento Europeu, 2006). De acordo com Manuel António dos Santos, Vice-Presidente do Parlamento Europeu, foi importante para Portugal integrar o Projeto



Europeu porque, por um lado, “no plano económico e financeiro (...) foi possível, com a ajuda da comunidade, modernizar o país e a sua economia, aligeirando as desigualdades sociais e recuperando uma parte significativa do atraso económico e social em relação aos restantes estados-membros” e, por outro lado, “no plano político, (...) a adesão de Portugal à Europa foi um fator determinante para a consolidação do regime democrático e para a qualidade do funcionamento das suas instituições” (Parlamento Europeu, 2006).

De acordo com Tratado da União Europeia (Tratado de Maastricht), “qualquer cidadão da União goza do direito de circular e permanecer livremente no território dos Estados-membros, sem prejuízo das limitações e condições previstas no presente Tratado e nas disposições adotadas em sua aplicação.” Os imigrantes chineses que dependiam dos negócios para a sua subsistência optaram por migrar para países com políticas de migração mais convidativas, alterando-se, assim, o que anteriormente era apontado como localizações geográficas de maior concentração de imigrantes chineses, Europa Norte e Ocidental, para uma nova localização, para a Europa Meridional.

Após o tratado de adesão de Portugal à CEE, assinado a 12 de junho 1985, o país integrou oficialmente a comunidade a 1 de janeiro de 1986. A intenção da adesão, prevista no programa do I Governo Constitucional, justificava-se pela “busca de uma nova identidade nacional que a descolonização tornara urgente, mas também na necessidade de apresentar ao País um projeto verdadeiramente nacional, que simultaneamente permitisse situar Portugal no espaço político, geográfico, económico e social a que, por direito próprio, pertencia.” (Boletim da Assembleia da República, 2017)

Portugal assinou o Acordo de Schengen em 25 de junho de 1991 (Eurocid, 2020). Com a assinatura do Acordo, tornou-se possível a vinda de um forte fluxo migratório de Europeus do Leste para a Europa ocidental, indivíduos que vieram em busca de melhores condições de vida e oportunidades de emprego (Yu, 2015, p.52). No relatório *Europa sem fronteiras: O Espaço Schengen*, o Comissário para a Migração, Assuntos Internos e Cidadania Dimitris Avramopoulos explica que:

(...) uma Europa sem fronteiras internas representa igualmente enormes benefícios para a economia, o que demonstra o quanto a concretização de Schengen é tangível, popular e bem-sucedida, assim como a sua importância para a nossa vida quotidiana e para as nossas sociedades. (...) A criação do Espaço Schengen é um dos maiores feitos da União Europeia e é irreversível. Atualmente, a livre circulação torna a Europa mais pequena e contribui para a nossa união. (Comissão Europeia, 2015, p.3).

Pode-se explicar a vaga de migração para o Sul da Europa entre os anos de 1990 e 2000 combinando razões sociais e pessoais (Du, 2019, p.4). Até esse momento, e embora houvesse vagas disponíveis no mercado de trabalho nos países do sul da Europa, as políticas de imigração eram mais apertadas na altura. Os imigrantes ilegais tinham menos probabilidades de se legalizar e obter autorização de residência, e mesmo os imigrantes legais tinham dificuldade em assegurar condições de vida adequadas.

Portugal acabaria por se tornar um dos locais ideais para a deslocalização dos Chineses devido à livre circulação no espaço Schengen e às grandes possibilidades de desenvolvimento empresarial chinês. Devido a isto, os Chineses começaram a mudar-se de algumas cidades centrais (Londres, Paris e Holanda ocidental) para outras áreas em busca de oportunidades, mercados e empregos que ainda não haviam sido descobertos por outros Chineses. Concretamente, muitos Chineses vieram para Portugal a partir das grandes cidades na Europa. Este fenómeno também ocorreu em Portugal: a maioria dos imigrantes vivia em Lisboa e depois migrou para as outras cidades mais pequenas para aí desenvolverem novos mercados comerciais.

A primeira década deste século representa o momento em que os fluxos migratórios asiáticos para Portugal se intensificam, devido à aprovação de novas leis de regularização dos imigrantes (Lei nº25/94 de 19 de agosto) e à passagem da soberania de Macau para a China 20 de dezembro de 1999 (Gaspar, 2015, p.3). Os dois países, a China e Portugal, resolveram a questão de Macau com vista a alcançar um consenso, e estabeleceram um modelo para a resolução de problemas históricos entre os dois países (Li, 2019, p.12). As atividades económicas e os movimentos populacionais tornaram-se mais frequentes. No período em que Macau fazia parte do território ultramarino português, muitos portugueses casaram com Macaenses. Uma vez terminada a administração portuguesa em Macau, cerca de 500 famílias migraram para Portugal (Yan, 2019, p.19).

A Lei n.º 23/2007, de 4 de julho, define os meios de subsistência de que os cidadãos estrangeiros devem dispor para entrada, permanência ou residência em território nacional. Os Chineses tinham mais facilidade em obter uma personalidade jurídica, e um grande número de imigrantes indocumentados e ilegais tiveram a sua oportunidade de obter um estatuto legal. A Lei n.º 29/2012 de 9 de agosto aditou, igualmente, o artigo 90.º-A, que prevê a concessão de uma autorização de residência a nacionais de Estados terceiros para efeitos do exercício de uma atividade de investimento, uma vez verificado o preenchimento de determinados requisitos. A Autorização de Residência através de

Investimento (ARI), também conhecida como Programa Vistos Gold, é uma modalidade de visto dedicada aos investidores que desejem injetar capital no mercado português. Esses investimentos podem ser imobiliários ou em outros setores. A principal diferença em relação ao visto de investidor é o valor do investimento, começando em 250 mil euros (Euro Dicas, 2021).

Mais 109 mil imigrantes obtiveram a autorização de residência em 2021. De entre as nacionalidades que mais investiram em Portugal encontram-se a China, o Brasil, a Turquia, a África do Sul, e a Rússia, com 4764, 989, 452, 394 e 359 vistos emitidos, respetivamente (Euro Dicas, 2021). Conclui-se, portanto, que mais de 50% do número total de vistos emitidos foram entregues a cidadãos chineses.

Mais recentemente, o Programa dos Vistos Gold “Golden Visa Portugal” foi reavaliado e, com efeitos desde 1 de janeiro de 2022 (Lamares Capela, 2021), das novas medidas implementadas destacam-se as restrições dos investimentos ao nível imobiliário, isto é, o imóvel residencial não pode estar situado no litoral, Lisboa ou Porto. Ficam elegíveis as regiões do interior do continente ou imóveis nos Arquipélagos da Madeira ou dos Açores na sua totalidade.

O Executivo de António Costa, atual primeiro-ministro de Portugal, decidiu alterar o regime dos Golden Visa para que este “possa ser dirigido preferencialmente aos territórios do interior, ao investimento na criação de emprego e à requalificação urbana e do património cultural” (Idealista, 2021). Esta decisão de impor restrições geográficas foi tomada devido ao excessivo investimento estrangeiro nas principais cidades de Portugal (Buyme, 2021), priorizando-se agora, a promoção do equilíbrio e da qualidade entre os diferentes territórios nacionais (Idealista, 2021).

Relativamente a outros tipos de visto disponibilizados por Portugal, assume especial relevância o visto para intercâmbios culturais entre a China e Portugal, o qual representa um forte contributo para os movimentos migratórios entre estes dois países. Em 2005, foi assinado um acordo de reconhecimento mútuo de graus e diplomas do Ensino Superior. Foram abertos os Institutos de Confúcio na Universidade do Minho, Universidade de Lisboa, Universidade de Aveiro, Universidade de Coimbra e Universidade do Porto (Sítio Oficial da Embaixada de Portugal em Pequim, 2020). Foram também assinados o Acordo Cultural e um plano de execução de três anos para o Acordo de Intercâmbio Cultural, e

um acordo sobre a criação mútua de centros culturais, em 2016. Estas medidas permitiram que cada vez mais estudantes migrassem para Portugal, e alguns destes, após os seus estudos, demonstram interesse em permanecer e trabalhar em Portugal.

### **1.3 A comunidade chinesa residente em Portugal**

A propósito da presença dos primeiros imigrantes chineses na área do Porto, Ana Matias (2007, p.48), no seu estudo *Imagens e Estereótipos da Sociedade Portuguesa sobre a Comunidade Chinesa*, indicou que as atividades mais registadas e praticadas por estes imigrantes foram as de comerciante, estucador e montador de material em carris dos comboios da estação ferroviária de S. Bento. De acordo com o mesmo estudo, alguns destes migrantes chineses vieram de Moçambique após a descolonização, sendo oriunda de Cantão, o seu domínio do português era bom e, em Moçambique, este grupo desenvolveu várias atividades, nomeadamente, no comércio, em finanças e contabilidade, etc. (Matias, 2007, p.76-77).

Em comparação com os chineses da China continental, estes indivíduos apresentavam um maior domínio da língua e cultura portuguesas. A comunidade que veio de Moçambique tem servido muitas vezes de ponte entre as comunidades chinesas que chegam a Portugal e a sociedade de acolhimento, facilitando desse modo os contactos entre as partes (Yu, 2015, p.63). Entretanto, como os imigrantes chineses que vieram de Moçambique eram conterrâneos ou tinham uma relação de parentesco, uniam-se e ajudavam-se uns aos outros na vida quotidiana, bem como nos negócios. Organizaram-se, em suma, em torno de uma comunidade fechada (Li, 2019, p.22).

Os imigrantes na década de 1980 mostraram uma forte homogeneidade geográfica, sendo mais de 90% deles provenientes das cidades de Qingtian e Wenzhou, na província de Zhejiang (Li, 2012, p.15). Principalmente localizados nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto, dedicaram-se maioritariamente ao pequeno comércio da restauração e ao setor têxtil (Gaspar, 2015, p.5). A presença e as atividades dos Chineses de Fujian começaram no final dos anos 80, e a maioria deles veio para Portugal de forma ilegal (Yu, 2015, p.65). A imigração nos anos 1990 teve principalmente objetivos económicos, sendo composta por imigrantes do continente chinês, principalmente de Zhejiang, Shandong e do Nordeste.

A comunidade chinesa tem crescido de forma consistente em Portugal desde a década de 1990, com especial intensidade a partir do início da década de 2000 (Fig. 3) (Gaspar, 2015,

p.1). Principalmente concentrados nas cidades de Lisboa e Porto, a sua presença foi também relatada em cidades mais pequenas como Setúbal e Beja, no Sul de Portugal (Teixeira, 1998, p.238).

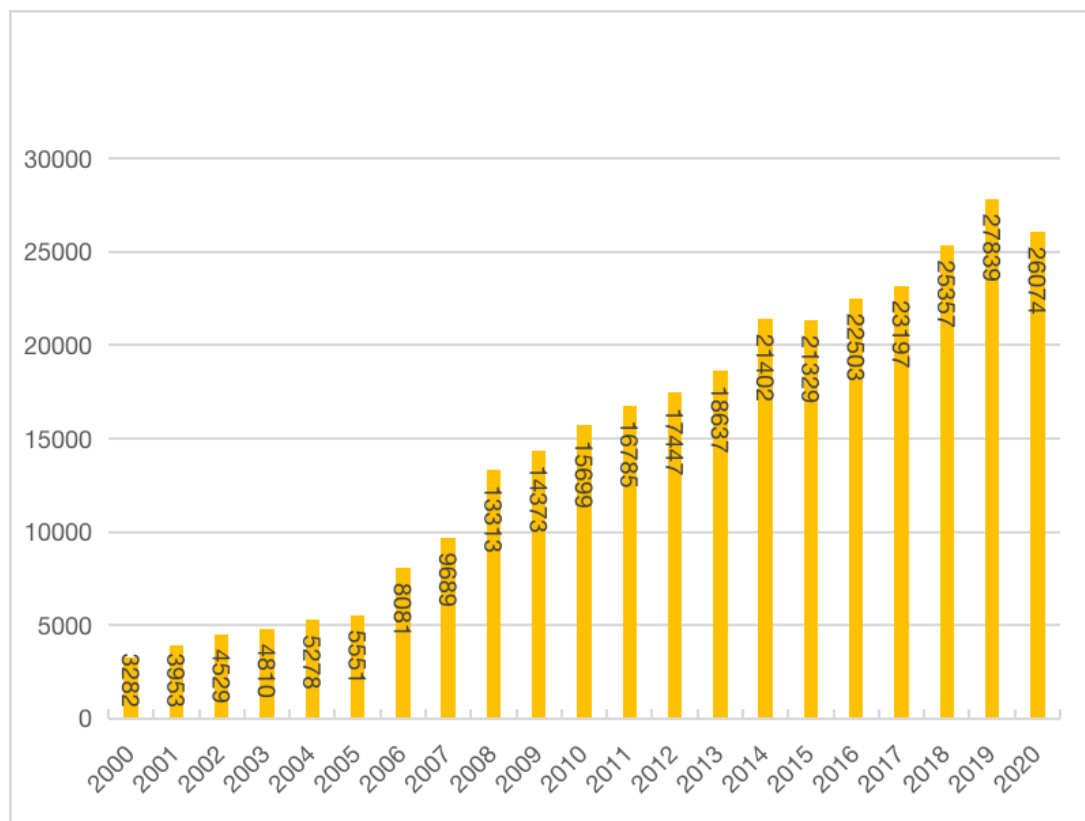


Fig.3 - Evolução dos cidadãos chineses (China Continental) em Portugal  
Fonte: Serviço de Estrangeiro e Fronteiras.

Nos últimos anos, assinala-se um abandono gradual da classe média das zonas centrais da cidade, optando estes indivíduos por viver nos subúrbios com fácil acesso a transportes e compras; os grupos com rendimentos mais baixos concentram-se em centros urbanos superlotados e tendem a isolar-se na própria comunidade, evitando os contactos interculturais. No caso dos residentes em Lisboa, verifica-se uma importante concentração residencial e comercial na zona do Martim Moniz e na Avenida Almirante Reis (Gaspar, 2015, p.4). A Praça Martim Moniz caracteriza-se pela coexistência multiétnica e assume-se como centro de atividades comerciais de imigrantes, bem como de um grande número de pequenos comerciantes indianos e africanos (Li, 2011, p.16). Grande parte destes comerciantes negociam no próprio bairro e vivem nas proximidades para facilitar a rotina diária.

De acordo com Matias (2007, p.44), desde 1930, muitas áreas do grande Porto viram o

seu visual alterado pelo comércio chinês, nomeadamente a baixa portuense, zona preferida dos imigrantes chineses que se instalavam aos poucos com o seu comércio e armazéns. Em Vila do Conde, em terrenos sem utilidade para o cultivo tradicional, existem pequenas plantações de diversas plantas oriundas da China. Este fenómeno pode indiciar que os imigrantes chineses, mesmo encontrando-se num país com características geográficas e culturais distintas das do seu país, procuram viver de acordo com os seus hábitos e cultura chinesas. Como referido anteriormente, mais recentemente, um outro perfil de Chineses tem vindo a instalar-se em Portugal por meio dos Golden Visa, obtendo, assim, a sua autorização de residência.

Em suma, a origem dos imigrantes chineses na Europa, incluindo Portugal, é de Zhejiang, Fujian, Guangdong e da Região Nordeste. Muitos destes imigrantes trouxeram os seus parentes e amigos para constituírem empresas familiares. Cada grupo tem o seu próprio dialeto, de difícil compreensão entre os diferentes grupos, o que origina a existência de pequenas comunidades que se fecham entre si.

## CAPÍTULO 2 - CULTURA, IDENTIDADE E MEMÓRIA

Neste capítulo iremos apresentar um enquadramento teórico que se propõe a definir os conceitos de cultura, identidade e memória, através da pesquisa das relações entre identidade pessoal e identidade coletiva. Quanto à memória, ir-nos-emos debruçar sobre as vertentes individual e coletiva, havendo ainda lugar para algumas considerações sobre o conceito de pós-memória. Com base nos modelos de Edward T. Hall e de Geert Hofstede iremos igualmente apresentar uma comparação entre as culturas da China e de Portugal.

### 2.1 Definição de Cultura

Definir cultura não é uma tarefa simples. A cultura evoca interesses multidisciplinares, é estudada em áreas como a sociologia, antropologia, história, comunicação, entre outras. Em cada uma dessas áreas a cultura é trabalhada a partir de distintos enfoques e usos.

Marcus Tullius Cicero (106 - 43 a.C.), porventura a primeira pessoa a utilizar o conceito de “cultura animi” na sua obra *Tusculaneae Disputationes*, define cultura como o cultivo da alma. Devida à multidisciplinidade que o conceito abarca, a sua definição é de extrema complexidade. No seu livro *Culture: A critical review of concepts and definitions*, Kroeber e Klickhohn (1952, p.181) apontam que nos 80 anos, decorridos entre 1871 e 1951, surgiram mais de 164 definições de conceito de “cultura”. Para Harrison e Huntington (1951, p.181) que a definição da cultura tem tido vários significados em diferentes disciplinas e contextos.

Kroeber e Parsons (1985, p.585) consideram que a definição de cultura deve ser limitada, devendo “transmitir e criar conteúdos e padrões de valores, ideias e outros sistemas de significado simbólico como fator na formação do comportamento humano e dos artefactos produzidos através do comportamento”. Esta definição implica que a cultura seja aprendida. Enquanto comportamento objetivo real, é principalmente biossocial, uma adaptação instintiva que, tendo em conta algumas variáveis, pode ser descrita de forma universal (Gastil, 1961, p.1281).

Edward B. Tylor, na sua obra *Primitive culture* – na qual consta o primeiro registo do conceito de cultura no mundo moderno –, define cultura como “esse complexo conjunto

que inclui conhecimento, crença, arte, moral, direito, costumes, e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (Tylor, 1871, p.1). Por sua vez, Edward T. Hall argumenta no seu livro *The Silent Language* que a definição de Tylor “carece da especificidade rigorosa que caracteriza muitas ideias menos revolucionárias e úteis”, propondo a seguinte definição: “Cultura é comunicação e comunicação é cultura” e “A cultura não é uma coisa, mas muitas”.

Uma das mais significativas teorias desde a perspectiva antropológica é a afirmação de que a cultura tem dois níveis: “overt culture” – visível e facilmente descrita – e “covert culture” – invisível, apresentando dificuldades mesmo para o observador treinado. Contudo, Kluckhohn considerou que esta teoria não se apresentava adequada para descrever o conceito, propondo uma divisão da cultura em dois níveis, o explícito e o implícito:

By culture we mean all those historically created designs for living, **explicit and implicit**, rational, irrational, and nonrational, which exist at any given time as potential guides for the behavior of men. (Kluckhohn & Kelly, 1945)

Mais tarde, em 1952, na obra *Culture: A critical review of concepts and definitions*, Kroeber e Kluckhohn reforçaram essa definição:

Culture consists of patterns, **explicit and implicit**, of and for behavior acquired and transmitted by symbols, constituting the distinctive achievements of human groups, including their embodiments in artifacts; the essential core of culture consists of traditional (i.e. historically derived and selected) ideas and especially their attached values; culture systems may, on the one hand, be considered as products of action, and on the other as conditioning elements of further action.

Edward Hall também partilhou desta mesma perspetiva:

Explicit culture, such things as law, was what people talk about and can be specific about. Implicit culture, such as feelings about success, was what they took for granted or what existed on the fringes of awareness. (Hall, 1959, p.85)

Para Hall esse conceito era tão elevado de tal forma que não podia ser desenvolvido, pois considera-os uma divisão de análise bipolar “preto ou branco”. Hall e Trager (1953, p.4) utilizam igualmente uma divisão da cultura em três diferentes níveis “formal, informal e técnico”, isto é, tempo formal funciona muito bem na vida quotidiana e é conhecido e pressuposto pelas pessoas; já o tempo informal assenta em referências situacionais ou imprecisas como “por algum tempo, mais tarde, num minuto”, etc; por fim, o tempo



técnico é mais especial, é um sistema totalmente diferente utilizado por cientistas e técnicos, por isso, a terminologia pode ser desconhecida para o público em geral.

No livro *Beyond Culture*, Hall menciona que os antropólogos concordam com três características da cultura: aprendida, inter-relacionado (nas várias facetas) e partilhada. Isto significa que a cultura não é inata e quando se toca num só lugar tudo o resto é afetado, além disso, define de facto as fronteiras de diferentes grupos. Para além disso, “a cultura é o meio do homem, todos os aspetos da vida humana podem ser tocados e mudados pela cultura. Isto significa que a personalidade, como as pessoas se expressam e a forma como pensam podem ser influenciadas pela cultura” (Hall, 1976, pp.16-17). A cultura é sempre a mesma e há padrões de cultura; os sujeitos são sempre os mesmos e há padrões de comportamento humano, acrescentou (Hall, 1976, p.42):

A man's body is recognizably human everywhere, even though such superficial characteristics as skin color, hair form, physiomy, and body build may vary. Unless we start tempering with it, this panhuman form will be with us for thousands of generations to come. What has changed, what has envolved, and what is characteristically man, in fact, what gives man his identity no matter where he is born, is his culture, the total communication framework: words, actions, postures, gestures, tones of voice(...)

Hofstede (2002, p.1359) afirmou ainda que a “cultura não existe. De alguma forma, os valores não existem, as dimensões não existem”. Caso não entendamos o verdadeiro sentido destas frases, podemos não conseguir alcançar o conceito de cultura. Isto é, cultura e dimensão são construções que têm de provar a sua utilidade pela sua capacidade de explicar e de prever o comportamento. A cultura não é a única coisa a que devemos prestar atenção, porque é redundante em muitos casos práticos, como no que respeita aos fatores económicos, políticos e institucionais. Porém, às vezes, este fenómeno não acontece, pois precisamos da construção contínua da cultura. À semelhança dos estudos de Hofstede, Triandis (1994, p.23) propõe que, além dos pontos anteriormente citados, a ecologia seja um dos pontos determinantes para a adaptação dos indivíduos na cultura. Desta forma, Triandis inclui o conhecimento empírico que os indivíduos necessitam possuir para o funcionamento eficaz do indivíduo no seu ambiente social. Assim, cultura pode ser definida como

(...) um conjunto de elementos objectivos e subjectivos de origem humana que no passado aumentaram a probabilidade de sobrevivência e resultaram na satisfação dos

participantes num nicho ecológico, tornando-se assim partilhada entre aqueles que podiam comunicar uns com os outros porque tinham uma língua comum e viviam no mesmo tempo e no mesmo lugar. (Triandis, 1994, p.23)

Desta forma, podemos admitir que a formação da cultura de uma sociedade se dá através da relação entre os indivíduos e o seu ambiente socioecológico.

Numa outra linha de pensamento, chegamos a uma outra definição de Kluckhohn (1951, p.86), que considera que

Cultura consiste em formas padronizadas de pensar, sentir e reagir, adquiridas e transmitidas principalmente por símbolos, constituindo as realizações distintivas dos grupos humanos, incluindo as suas encarnações em artefactos; o núcleo essencial da cultura consiste em ideias tradicionais e especialmente nos seus valores agregados.

Hofstede (1980, p. 25), por sua vez, propõe uma definição resumida de Kluckhohn, afirmando que “culture is the collective programming of the mind that distinguishes the members of one group or category of people from others”. Defende-se, portanto, que a cultura é uma programação coletiva, que pode ser ligada a diferentes grupos, uma vez que dentro de cada comunidade existe uma variedade de grupos de indivíduos com características a eles intrínsecas.

Para a definição do conceito de cultura contribuíram também Fons Trompenaars e Charles Hampden-Turner (2011, p.20), que a descrevem como “um sistema de significados partilhados. Ele dita aquilo a que prestamos atenção, como agimos e o que valorizamos”, acrescentando que a mesma organiza tais valores no que Geert Hofstede chama “programação mental”.

## **2.2 Identidade individual vs. identidade coletiva**

### **2.2.1 Definição de identidade**

Complexo e não facilmente definível (Simões, 2014, p. 134), o conceito de “identidade” possui diferentes significados ancorados em múltiplos campos de estudo, tais como a filosofia e a lógica (Ye, 2018, p.105). Tem origem no latim *identitas*, o qual tem sido interpretado de duas maneiras: por um lado, como ideia sinónima do que é único ou singular e, por outro lado, como similaridade no meio da diferença (Bunnin & Yu, 2001, p.466).

Podemos entender a identidade individual de um sujeito como uma estrutura complexa, integrada e coerente do Eu, que se elabora em interação com os outros dentro de um contexto cultural particular, traduzindo-se a consciência identitária por um sentimento de permanência e continuidade que o indivíduo experimenta nas suas relações pessoais, assim como pelo reconhecimento dos outros, operado de forma dinâmica a partir de interações sociais (Simões, 2009, p. 16).

Conceito abstrato, dinâmico e multifacetado, a identidade desempenha um papel fundamental nas interações de cariz intercultural. A globalização, o casamento intercultural, e os padrões de imigração prometem acrescentar ainda mais complexidade às identidades culturais deste século (Samovar & Porter, 2010, p.95). A identidade muda em função das vivências e, de certo modo, a origem das muitas identidades de um indivíduo que fornecem uma base para o seu significado são resultantes de uma variedade de influências, tais como geografia, história, fantasias, religião, etc. (Samovar & Porter, 2010, p.82), por exemplo, uma pessoa pode ser pai, cristão, professor e membro de uma associação simultaneamente. Devido a esta interação de factores, caracterizar a identidade afigura-se uma tarefa complexa, e chegar a um conceito consensual por todos os especialistas parece ser difícil.

Com efeito, a definição do conceito de identidade tem sido um dos objetivos das ciências sociais desde 1960 (Samovar & Porter, 2010, p.95). Acredita-se que existem múltiplas personalidades, o que torna a identidade um conceito fluído e instável, de complexa fusão entre identidade e “identificação”, por isso, a “identidade”, enquanto imaginação única fixa de estilo filosófico inicial e antropológico, tornou-se gradualmente tema de debate da identidade social, de género, nacional e cultural (Ye, 2018, p.105). Taylor (1989, p.27) definiu o conceito do seguinte modo:

A minha identidade é definida pelos compromissos e identificações que fornecem o quadro ou horizonte dentro do qual posso tentar determinar de caso para caso o que é bom, ou valioso, ou o que deve ser feito, ou o que eu endosso ou que me oponho.

Em concordância com este conceito, Martin e Nakayama (2005, p.87) caracterizaram a identidade como “o nosso autoconceito, que pensamos ser como pessoa”. Gardiner e Kosmitzki (2005, p.154) também consideram a identidade como “a autodefinição de uma pessoa como um indivíduo separado e distinto, incluindo comportamentos, crenças e atitudes”. A este respeito, Stuart Hall (cf. Eisenstadt & Giesen, 1995, p.78) acrescentou que:

(...) a identidade é na realidade algo formado através de processos inconscientes ao longo do tempo, em vez de ser inata na consciência à nascença. Há sempre algo ‘imaginário’ ou fantasioso sobre a sua unidade. Permanece sempre incompleta, é sempre ‘em processo’, e ‘em formação’ (...).

A cultura exerce uma grande influência na formação e manutenção da identidade, já que a identidade é construída socialmente através de uma lente de cultura, empregando o meio de comunicação. Três características da identidade são apontadas por Melucci (1995, p.46) “a continuidade de sujeito, além das variações no tempo e das adaptações ao ambiente; a delimitação de sujeito em relação aos outros; a capacidade de reconhecer e de ser reconhecida”. Em suma, entende-se que a identidade pode não ser constante, devido às diferentes influências a que um indivíduo é sujeito, influenciado pelos vários elementos, tais como comportamento, crenças, atitudes, a nação, a cultura, entre outros.

É através dos estudos de Yael Tamir que assistimos à incorporação do fator coletivo. Para este autor, o fator pessoal diz respeito à construção da identidade que o indivíduo quer ser, manifestando-se nas suas crenças morais, planos de vida, interesses e desejos individuais. Por outro lado, o fator coletivo diz respeito à identidade de grupo, refletida nas suas características enquanto pertencente a determinado grupo ou sociedade (cf. Ye, 2018, p.106).

### **2.2.2 Identidade pessoal**

“A identidade pessoal é, de certo modo, o resultado das realizações de identificação da própria pessoa” (Habermas, 1985, p.21). O “Eu”, está em relação com os aspetos concretos da realidade, com as normas da sociedade, e em relacionamento com outros indivíduos, através da linguagem. Esse entrelaçamento é que permite a formação da identidade do “Eu” no coletivo.

Para Samovar, Porter, McDaniel & Roy (2016, p.161), a identidade pessoal consiste nas características que nos distinguem dos outros no seu grupo, naquelas coisas que nos tornam únicos, e na forma como nos vemos a nós próprios. Na visão de Gardiner e Kosmitzki a definição da identidade, pode significar um método que ajuda o indivíduo a separar-se dos outros. A “Identidade Pessoal” é influenciada pela cultura.

Samovar et al. (2016, p.161) exemplificam a influência que a cultura exerce sobre a identidade através da comparação entre culturas distintas. Por exemplo, a cultura dos

EUA é uma cultura mais individualista, na medida em que os americanos tentam demonstrar a sua identidade pessoal através da roupa, da aparência, contrariamente aos japoneses, que são influenciados pela cultura coletiva, preferindo por isso vestir-se de forma semelhante para se misturarem.

### **2.2.3 Identidade coletiva**

Melucci (1995, p.44-45) define identidade coletiva como o processo de “construção” de um sistema de ação:

Collective identity is an interactive and shared definition produced by several individuals (or groups at a more complex level) and concerned with the orientations of action and the field of opportunities and constraints in which the action takes place. By “interactive and shared” I mean a definition that must be conceived as a process because it is constructed and negotiated through a repeated activation of the relationships that link individuals (or groups).

Collective identity as a process involves cognitive definitions concerning the ends, means, and field of action. These different elements or axes of collective action are defined within a language that is shared by a portion or the whole of a society or that is specific to the group; they are incorporated in a given set of rituals, practices, cultural artifacts; they are framed in different ways, but they always allow some kind of calculation between ends and means, investments and rewards (...) (Melucci, 1995, p.44-45).

Quanto aos fatores que podem influenciar a identidade coletiva, Wendt (1994, p.338) propõe que ela varia consoante a temática, tempo e lugar e pode ser bilateral, regional e global. No entanto, não se deve considerar que as identidades dos indivíduos de identidade coletiva são coletivismos, a cultura de narcisismo aponta que os individualismos também se encontram no conjunto de identidade coletiva (cf. Castells, 2011, p.7). As fortes concepções da identidade coletiva implicam fortes noções de delimitação e de homogeneidade de grupo. Implicam um elevado grau de agrupamento, “identidade” ou similaridade entre os membros do mesmo grupo, assim como uma distinção acentuada dos não-membros, e uma fronteira clara entre o interior e o exterior (Brubaker & Cooper, 2000, p.11).

Note-se que a identidade pessoal e a identidade coletiva apresentam diferenças evidentes: a identidade pessoal acentua a singularidade, unicidade e alteridade de cada indivíduo e,

pelo contrário, a identidade coletiva faz destacar as características compartilhadas pelos indivíduos ou ainda por similaridade. A identidade coletiva pode ser utilizada num âmbito mais vasto do que o dos indivíduos, como grupos, raças, etnias, nações, etc.

Podemos de certo modo concluir que a singularidade da identidade de um indivíduo é inteiramente influenciada pela sociedade. Embora seja formada sob a influência de fatores internos como o temperamento pessoal, é indubitável que a verdadeira singularidade de um indivíduo não pode ser separada do ambiente social em que o indivíduo vive (Wang Chengbing, 2007).

Assmann (2011) acredita que a identidade está intrinsecamente relacionada com a consciência, na medida em que tem uma estreita relação com a reflexão sobre uma imagem que um indivíduo tem de si próprio. Nesta perspectiva, pode-se aplicar o conceito tanto a nível individual como a nível coletivo. Existe uma relação estranha, aparentemente contraditória entre os dois níveis de identidade. Segue-se a demonstração destes níveis de acordo com os Assmann:

1. A self grows from the outside in. It builds itself up individually by participating in the interactive and communicative patterns of the group to which it belongs and by contributing to that group's self-image. Therefore, the "we" identity of the group takes precedence over the "I" of the individual - in other words, identity is a social phenomenon, or what we might term "sociogenic."

2. The collective "we" identity does not exist outside of the individuals who constitute and represent it. "We" is a matter of individual knowledge and awareness.

(Assmann, 2011, p.112)

Repare-se que no primeiro dos argumentos anteriormente apresentados, é colocado o todo à frente da parte, e no segundo argumento, é invertida essa relação. E entende-se que a combinação das duas consciências tem "(...) relação com a sociedade, a consciência individual emerge do exterior para o interior no processo de socialização do indivíduo, enquanto a consciência individual é o "transportador" do autoconhecimento coletivo ou da consciência "nós", e na base do indivíduo, que se forma uma comunidade" (Assmann, 2011, p.112).

### 2.3 Definição de memória

No que concerne à definição do conceito de memória, investigadores provenientes de diferentes culturas têm conceptualizado o termo, o que nos permite apresentar múltiplas perspetivas que contribuem para o estudo da identidade e da questão da integração comunidade chinesa.

De acordo com a teoria de Halbwachs (2002, p.335), a noção de memória enquanto fenómeno “coletivo” tem origem nas tradições de Bergson e Durkheim, e o estudo da “memória cultural” de Jan Assmann provém da tradição humanista alemã, assim como do seu próprio histórico de investigação, particularmente os seus estudos sobre a sociedade do Egipto Antigo (Assmann, 2011, p.214).

Nos estudos de Aleida Assmann (2016, p.8) a memória é um fenómeno complexo e ambivalente, até mesmo incompreensível, o qual se baseia em diferentes tradições, diferentes perspetivas (memória cultural do indivíduo ou do grupo), diferentes meios (Literatura, imagens, lugares) e diferentes discursos (Literatura, História, Arte, Psicologia); desenvolver, por isso, um paradigma teórico a este respeito mostra-se uma tarefa de extrema complexidade. Além disso, e apesar da existência do paradigma teórico, este não seria aplicável ao paradoxo da memória.

O psicólogo austríaco Alfred Adler (2016), fundador da psicologia individual, defende que a memória de cada pessoa é acompanhada por si própria, na medida em que o indivíduo usa repetidamente a sua história para se avisar ou confortar, para se concentrar nos seus objetivos, e para se preparar para o futuro com padrões de comportamento que foram testados segundo a sua experiência passada.

Em suma, a memória é a recordação, reprodução ou reconhecimento de algo que foi experienciado pelo cérebro humano, e é a base para atividades da psiche humana, nomeadamente, o pensamento.

As primeiras experiências de um indivíduo podem influenciar, de alguma forma, os seus padrões de comportamento no futuro (Zhao, 2021, p.15). Em concordância com a afirmação anterior, o neurocientista alemão Wolf Singer (cf. Munsat, 1965, p.1) define a memória como “data-based inventions”, concluindo Munsat que “a memória é uma capacidade de lembrar experiências anteriores (etc.) e de as descrever, é a retenção de um certo tipo (esta reclamação convida a falar de “estoque”, “mecanismos de memória” ou “células” e é apenas uma subclasse de “saber”, ou melhor, “uma forma de alguém poder

saber alguma coisa (...)” (Munsat, 1965, p.1).

Entende-se, assim, que as memórias são as várias lembranças, recolhidas das nossas atividades de comunicação diária. Assim como os indivíduos podem ser simultaneamente membros de vários grupos, a memória recolhida sobre um mesmo facto pode também ser colocada em inúmeros quadros, produto da existência de diferentes memórias coletivas. Os psicólogos limitaram as suas pesquisas ao nível individual, concluindo que a memória no pensamento individual pode unir-se das mais variadas formas (Halbwachs, 2002, p.93). A este respeito, Halbwachs afirma que, “na verdade, a memória aparece em forma de sistema”, o qual explica da seguinte forma:

A memória apenas pode ser ligada entre si naquelas mentes que as recordam, porque algumas memórias permitem que outras sejam reconstruídas. No entanto, os vários modos de união de memórias originam-se das várias formas de aliança dos indivíduos. Só podemos compreender cada memória do que aconteceu numa mente individual quando esta se encontra na mentalidade de grupo correspondente. (Halbwachs, 2002, p.93)

Além disso, o autor (2002, p.93) destaca ainda a complexidade deste sistema. Para uma compreensão correta da intensidade relativa destas memórias e de como as unir, é imprescindível que “os indivíduos estejam ligados aos grupos múltiplos a que pertencem”.

Através da perspectiva dos historiadores a memória não é confiável, é pessoal, e desta forma, é falível, no entanto é um método significativo de reconstrução do passado. A utilização dessa memória exige, portanto, que os historiadores apliquem uma análise crítica e um método de verificação, a fim de apresentar como uma fonte de prova desta teoria (Gedi & Elam, 1996, p.33-34; Simões, 2015<sup>b</sup>, p. 144-152).

A defesa de que a memória é uma fonte não fiável da história já é um facto bem conhecido. Vários especialistas em memória acreditam que esta é uma entidade viva real (Gedi & Elam, 1996, p.34) e já Assmann (2006, p.211) considera que no discurso quotidiano, [nos] referimos geralmente a duas formas de memória: à que diz respeito ao indivíduo e ao conjunto, influenciando-se, inevitavelmente, esta memória individual e a memória coletiva.



### 2.3.1 Memória individual

Como anteriormente referido, a memória individual, manifestada através da linguagem e da consciência, é de um modo geral altamente conectada à vivência social de cada sujeito. Assim, Assmann (1995, p.127) propõe o conceito de “memória comunicativa”, desenvolvido a partir da sociabilidade da memória individual de Maurice Halbwachs. A memória individual procede da interação humana e a emoção desempenha um papel fundamental na formação da memória comunicativa. O que Halbwachs descreveu como “memória comunicativa” é uma memória autorregulada e difundível na qual existe uma relação interativa entre o esquecimento e a memória.

Assmann e Czaplicka resumem o ponto de vista de Halbwachs do seguinte modo:

Every individual memory constitutes itself in communication with others. These “others,” however, are not just any set of people, rather they are groups who conceive their unity and peculiarity through a common image of their past. Halbwachs thinks of families, neighborhood and professional groups, political parties, associations, etc., up to and including nations. Every individual belongs to numerous such groups and therefore entertains numerous collective self-images and memories. (Assmann & Czaplicka, 1995, p.127).

Os autores apontam ainda para a forma como a memória é constituída e a relação entre memória e identidade:

For us the concept of “communicative memory” includes those varieties of collective memory that are based exclusively on everyday communications. These varieties, which M. Halbwachs (1985, 1950) gathered and analyzed under the concept of collective memory, constitute the field of oral history. Everyday communication is characterized by a high degree of nonspecialization, reciprocity of roles, thematic instability, and disorganization. Typically, it takes place between partners who can change roles. Whoever relates a joke, a memory, a bit of gossip, or an experience becomes the listener in the next moment (Assmann & Czaplicka, 1995, p.127).

O indivíduo preserva memórias de períodos da sua vida que reaparecem continuamente; através delas, por meio de uma relação de continuidade, consegue que o sentido de identidade perdure (Halbwachs, 2002, p.82). Desta forma, as memórias pessoais são um processo de armazenamento do passado e, simultaneamente, de construção de identidade.

Em função da sua própria personalidade e das circunstâncias de vida, a capacidade de memória de cada indivíduo pode variar. Não obstante, cada memória individual, mesmo

que diferente entre indivíduos, continua a constituir parte integrante da memória coletiva. Cada impressão ou ação factual, mesmo que diga respeito apenas a um indivíduo em particular, deixa uma memória duradoura, e permite pensar cuidadosamente sobre a mesma, ou seja, está ligada às ideias originadas no nosso ambiente social (Halbwachs, 2002, p.94). A memória individual constitui-se, assim, como meio dinâmico para o tratamento da experiência subjetiva e para a construção da identidade social. Se estas memórias são em certa medida idiossincráticas, isto não significa obrigatoriamente que sejam exclusivamente privadas ou exclusivas do indivíduo (Assmann, 2006, p.212).

A perspectiva sobre a noção de memória defendida por Halbwachs serve de referência aos estudos de Assmann. Este último desenvolve uma reflexão mais profunda, um estudo que aborda a memória num campo que vai desde o indivíduo até à família (e, até certo ponto, ao coletivo):

According to the French sociologist and memory theoretician Maurice Halbwachs (1925), a completely isolated individual could not establish any memory at all. Memories, he argues, and his argument is corroborated by current psychological research, are built up, developed, and sustained in interaction, i.e. in social exchange with significant others. Following Halbwachs, we may say that our personal memories are generated in a milieu of social proximity, regular interaction, common forms of life, and shared experiences. As these are embodied memories, they are defined by clear temporal limits and extinguished with the death of the person. In the shape of stories and anecdotes transmitted in oral communication, some of the episodic memories can transcend the individual person's lifespan. They are recycled within a period of 80-100 years, which is the period within which the generations of a family-three as a rule, but sometimes up to five-exist simultaneously, forming a community of shared experience, stories, and memories (Assmann, 2006, p.212).

Compreende-se então que, como somos parte da humanidade, temos de confiar na memória, uma vez que é esta que nos torna humanos, citando a ideia de John Locke, filósofo inglês, “sem esta capacidade e pelo menos um sentido da sua fiabilidade, não poderíamos construir um ego nem poderíamos comunicar com os outros” (cf. Assmann, 2006, p.212). Esta visão também aponta para a relação entre memória e identidade, e “comunicar com os outros” assim como pretendia Halbwachs no que concerne à memória comunicativa.

A memória é indispensável para o indivíduo, “as nossas memórias são indispensáveis porque são as materiais a partir do qual se fazem a experiência individual, as relações

interpessoais, o sentido de responsabilidade, e a imagem da nossa própria identidade” (Assmann, 2006, p.212). Segundo Assmann, as memórias individuais existem e relacionam-se com a consciência, e ainda podem ganhar formas diferentes, tais como memória traumática e memória reprimida:

To be sure, it is always only a small part of our memory that is consciously processed and emplotted in a “story” that we construct as a backbone to our identity (Randall, 1995). A large part of our memories, to put in a Proustian language, “sleeps” within our bodies until it is “awakened” or triggered by some haphazard external stimulus. In such a case, these hitherto wholly somatic memories suddenly rise to the level of consciousness, reclaiming for a moment a sensuous presence, after which they may or may not be symbolically encoded and categorized for further conscious retrieval. They are not only involuntary memories; there are also inaccessible memories. They are “repressed,” which means that they are too painful or shameful to be recalled to consciousness without external therapeutic help or legal enforcement. For traumatic memories to rise to the surface, a positive social climate of empathy and recognition is necessary (Assmann, 2006, p.212).

Com base nas “Estruturas sociais da memória” de Maurice Halbwachs, são, pois, vários os autores que concordam que as memórias individuais são sempre produzidas e formadas a partir de determinado contexto social (Gedi & Elam, 1996, p.35).

### **2.3.2 Memória coletiva**

A memória coletiva afigura-se como um tema multidisciplinar, abrangendo campos como a sociologia, antropologia, psicologia, história, análise literária, entre outros, havendo, porém, pouca ligação entre as teorias subjacentes a cada uma destas áreas (Wertsch e Roediger, 2008, p.318).

Yadin Dudai (2002, p.51) entende que o termo “memória coletiva” se refere, na verdade, a um conjunto de três entidades: (1) “um corpo de conhecimento”, (2) “um atributo” e (3) um “processo” (cf. Wertsch e Roediger, 2008, p.318). “O corpo de conhecimento” diz respeito a uma característica da cultura dos indivíduos que partilham alguma semelhança, podendo os indivíduos participar em vários grupos distintos (com diferentes memórias coletivas), os quais se podem segmentar com base na geração/grupo etário a que o sujeito pertence, país de origem, local de residência, etc. “O atributo” é “a imagem holística distintiva do passado no grupo”, como por exemplo serão os veteranos da Segunda Guerra

Mundial, nos EUA, que são referidos por alguns como “a maior geração”. “O processo” diz respeito à evolução contínua da compreensão entre o indivíduo e o grupo, pois os indivíduos podem influenciar e mudar a memória coletiva do grupo, e o grupo pode mudar a compreensão e a consciência do indivíduo (Wertsch & Roediger, 2008, p.318).

Ao considerarmos a noção de Dudai (2002) de “memória coletiva”, esta entende-se como um corpo de conhecimento partilhado por “cultura individual”, e parece qualificar-se como um exemplo de memória coletiva. O indivíduo é dependente da sociedade para a sua memória individual, para a recuperação do seu passado. Esta é uma afirmação que se assume frequentemente e representa tudo o que o indivíduo pode adquirir (Halbwachs, 2002, p. 95). Deste modo, o grupo tem a capacidade de memorizar; assim, tal como uma família ou qualquer outro grupo coletivo, todos possuímos uma memória.

No pensamento de Halbwach, o qual é influenciado pelo “dualismo” de Émile Durkheim, a dualidade da memória pode constituir uma explicação para muitos dos problemas teórico-controvertidos sobre a memória. A memória coletiva não é apenas uma preocupação sociológica, mas também psicológica.

A resolução da contradição da dualidade entre memória individual e coletiva requer a aceitação de que o sujeito da memória é o indivíduo num contexto sociocultural, um consenso baseado na ideia comum de que a memória coletiva é a memória partilhada (Assmann, 2006, p.214). Na sua teoria introdutória do livro *On Collective Memory*, Lewis Alfred Coser faz referência à diferença entre os termos utilizados por Durkheim e Halbwachs para se referir ao coletivo, sendo que, enquanto o primeiro utiliza a noção de “sociedade”, o segundo utiliza o conceito de “grupo” (cf. Halbwachs, 2002, p.40).

São várias as críticas negativas a respeito do conceito de memória coletiva. Segundo Gedi e Elam, e em concordância com Amos Funkenstein, todos os termos “coletivos” são problemáticos e a “memória coletiva” não é exceção, uma vez que, na sua génese, é desencadeada por mecanismos que operam a nível individual, isto é, só pode ser executada pelo próprio indivíduo, tal como explicam Gedi e Elam (1996, p. 34):

A consciência e a memória só podem ser realizadas por um indivíduo que age, é consciente e se lembra. Tal como uma nação não pode comer ou dançar, também não pode falar ou relembrar. A memória é um ato mental, e por isso é absoluta e completamente pessoal.

Assim sendo, e como argumenta Susan Sontag (cf. Assmann, 2006, p.222), a memória

coletiva parece ser algo que não existe:

Strictly speaking, wrote Susan Sontag, there is no such thing as collective memory. She refers to the term as “a spurious notion” and insists: “All memory is individual, unreproducible - it dies with each person. What is called collective memory is not a remembering but a stipulating: that this is important, and this is the story about how it happened, with the pictures that lock the story in our minds. Ideologies create substantiating archives of images, representative images, which encapsulate common ideas of significance and trigger predictable thoughts, feelings” (Sontag, 2003, 85-86).

The rather futile debate over the question of whether there is such a thing as a collective memory or not can be overcome by substituting for the term “collective memory” more specific ones such as “social”, “political”, and “cultural memory”. The point in doing so is certainly not to introduce further abstract theoretical constructs, but to investigate empirically with these conceptual tools how memories are generated on the level of individuals and groups, how they are transformed by media and reconstructed retrospectively according to present norms, aims, visions, and projects (Assmann, 2006, p.222).

Em suma, a “memória coletiva” só pode ser justificada a nível metafórico, uma vez que é a essência do coletivo. Para além disso, há que não esquecer que a memória é um mecanismo humano e, por isso, uma fonte histórica pouco fiável:

The employment of “collective memory” can be justified only on a metaphorical level - and this is how historians of old have always employed it - as a general code name for something that is supposedly behind myths, traditions, customs, cults, all of which represent the “spirit,” the “psyche,” of a society, a tribe, a nation. Even with respect to the latter most commonly used terms - “society,” “tribe,” “nation” - it is not necessarily suggested by historians that these terms have any real, living substance that can actually be experienced separately or independently from the members who comprise such a group. “Nation,” “tribe,” “society” are general names whose sole substance lies in their actual members who share common myths, traditions, beliefs, etc. This is the only sense in which a nation or a society can be said to exist, but never as a separate, distinct, single organism with a mind, or a will, or a memory of its own (Gedi & Elam, 1996, p.34-35).

Neste contexto, surge a distinção entre a memória coletiva e a própria história, esta última fiel à narrativa e aos factos, razão pela qual os historiadores tendem a não encarar a memória coletiva de um grupo como um repositório rigoroso e factual de eventos do

passado (Wertsch & Roediger, 2008, p.318).

Na verdade, a história e a memória coletiva representam duas formas de se relacionar com o passado, sendo que as imagens fornecidas por ambas estão frequentemente relacionadas entre si. Todavia, é importante ter em mente a diferença fundamental na função e aspiração destas duas abordagens. A aspiração da história de apresentar um relato objetivo do passado entra frequentemente em conflito direto com a abordagem simplificada e subjetiva da memória coletiva, que desempenha um papel essencial na formação da identidade. Deste modo, podemos compreender que a história está disposta a mudar uma narrativa a fim de ser fiel aos factos, enquanto a memória coletiva está disponível a mudar a informação desses mesmos factos com o objetivo de ser fiel à narrativa: “Embora a memória coletiva sobreviva num agregado de indivíduos e retire a sua força do seu básico, apenas é lembrada por indivíduos como membros de um agrupamento” (Halbwachs, 2002, p.39). A memória coletiva é lembrada pelo indivíduo, e não pela estrutura de grupo, “estes indivíduos, que são enraizados no particular contexto de grupo, também utilizam esse contexto para memorizar e reaparecer o passado, tal como, o Dia da Independência nos EUA, o Dia da Bastilha em França” (Halbwachs, 2002, p.40).

Apesar da memória coletiva envolver pensamentos individuais, esta sugere onde os indivíduos se encontram socialmente situados (Wertsch & Roediger, 2008, p.318). Supera o nível do indivíduo, pois possui características de dimensão grupal, cultural e social. A memória coletiva é do grupo e não é individual, principalmente quando membros do grupo partilham um mecanismo sociocultural semelhante, em especial o modo de narrativa partilhado na compreensão do passado (Wang, 2020, p. 158).

Através das teorias de Wertsch e Roediger, entende-se que os membros de um grupo partilham um conjunto semelhante de ferramentas culturais quando compreendem o passado, em particular as formas narrativas. Neste contexto, o estudo da memória coletiva requer colaboração interdisciplinar e de investigação desses instrumentos culturais, tal como a sua utilização particular em ocasiões particulares. O sujeito da memória é o indivíduo do contexto social, e a memória coletiva inclui diferentes níveis, tais como indivíduo, relações entre indivíduos e grupo (Wang, 2020, p. 158).

A memória não é apenas a reativação de “traços”, porém, é um processo repetido de construção, acentuando a iniciativa do processo de memorização. Conforme os argumentos de Barrett, defendidas por Wang, a memória coletiva tem um carácter determinante social (Wang, 2020, p. 158).

Percebemos que o mecanismo de formação da memória coletiva é um sistema aberto e grandioso, de natureza complexa e variável; é construído em conjunto com o comportamento participativo contínuo, tem relações de causa e efeito nos indivíduos em âmbitos sociais (cf. Wang, 2020, p. 160), sendo uma reconstrução do passado com base no presente (Halbwachs, 2002, p.40).

Preservamos as memórias de cada período da nossa vida, e estas continuam a reaparecer, através delas próprias, como mantemos esta relação contínua, o nosso sentido de identidade pode viver para sempre. Desta forma, a nossa memória pessoal armazena o passado, e simultaneamente, é o processo da construção da identidade (Halbwachs, 2002, p.82). Acrescente-se ainda que, o indivíduo coabita com outros indivíduos, ações de grupo que são guardadas de acordo com a singularidade de cada um. O conceito de “memória coletiva” assenta, pois, no conceito de uma certa “identidade coletiva”:

We must not forget that human beings do not only live in the first person singular, but also in various formats of the first-person plural. They are part of different groups whose “We” they adopt together with the respective “social frames” which imply an implicit structure of shared concerns, values, experiences, narratives, and memories. The family, the neighborhood, the peer group, the generation, the nation, the culture are such larger groups to which individuals refer as “We”. Each We is constructed through specific discourses that mark certain boundary lines and define respective principles of inclusion and exclusion. To acknowledge the concept of “collective memory”, then, is to acknowledge the concept of some “collective identity” (Assmann, 2006, p.223).

Em suma, a memória coletiva é “uma forma de memória que supera os indivíduos e é partilhada por um grupo, especialmente sob formas explicativas”, nesse caso, exige a colaboração através de linhas disciplinares para analisar os instrumentos culturais (Wertsch & Roediger, 2008, p.324). Por um lado, a memória coletiva tornou-se a noção predominante que substitui a história real dos factos. Por outro lado, substitui a memória real interpretada ou sentida por cada indivíduo, memória real pessoal (Gedi & Elam, 1996, p.41).

### **2.3.3 Pós-memória**

O termo “pós-memória” foi apresentado por Marianne Hirsch, no início dos anos 90 do século XX, a propósito das gerações que nasceram após o Holocausto, mas que, ainda assim, viram a sua identidade marcada por aquele acontecimento histórico tão marcante.

Este tipo específico de memória descreve a relação que a uma geração de indivíduos tem com o trauma pessoal, coletivo e cultural daqueles que lhes antecederam; tratam-se de experiências que “recordam” apenas através das histórias, imagens e comportamentos daqueles com quem cresceram e junto de quem desenvolveram a própria identidade. James E. Young (cf. Simões, 2014, p.136) considera que esta segunda geração tende a construir uma imagem do passado a partir do que podemos designar de “história recebida”, a qual o autor descreve do seguinte modo:

Their experience of the past is photographs, films, books, testimonies... a mediated experience, the afterlife of memory represented in history's after-images: the impressions retained in the mind's eye of a vivid sensation long after the original, external cause has been removed.

À medida que conceitos como “pós-memória” e “trauma” são estudados e defendidos, são também cada vez mais utilizados para a compreensão de situações e acontecimentos históricos semelhantes, utilizados para distinguir as memórias da segunda geração, ou dos descendentes, daqueles que vivem eventos traumáticos, como no caso dos sobreviventes do Holocausto. Os seus descendentes não experienciaram o evento traumático, logo não têm qualquer memória empírica sobre desse evento, no entanto, vivem sob a sombra da ferida mental sofrida pelos seus pais (Cheng, 2015, p.20).

A segunda geração, apesar da ausência da experiência pessoal, “experimenta” a ferida dos seus pais através das suas palavras e da sua própria imaginação, permanecendo esta experiência enquanto crescem, preenchendo a sua infância e adolescência. As memórias da adolescência têm um impacto profundo nos indivíduos, não só nas suas memórias pessoais, mas também na sua identidade pessoal e na formação dos seus valores morais. Influenciados pela pós-memória, os descendentes buscam nas suas raízes o preenchimento de eventuais lacunas da sua memória. Neste processo, preenchem as suas próprias memórias desaparecidas com as memórias visuais dos seus pais, construindo, assim, a sua própria identidade individual (cf. Cheng, 2017, p.20).



## 2.4 As características culturais da China e de Portugal

### 2.4.1 Modelo de Culturas de Alto e Baixo Contexto (Edward T. Hall)

Baseando-se na teoria psicanalítica de Freud, Hall argumenta que os indivíduos tendem a desconhecer alguns elementos presentes na comunicação não-verbal (Kittler, Rygl & Mackinnon, 2011, p.65). Hall considera que existem mensagens rápidas e lentas; um título e um livro que são, respetivamente, disso exemplo (Hall, 1989, p.4). Quando uma mensagem rápida é enviada para uma pessoa habituada a uma velocidade de transmissão mais lenta, este vai ter dificuldade em compreender o seu significado mesmo que a mensagem seja numa linguagem acessível, devido à diferença inesperada de velocidade. Tal fenómeno radica no facto de que “poucas pessoas estão conscientes de que a informação pode ser enviada a velocidades diferentes” (Hall, 1989, p.4). Hall considera ainda que “o nível de contexto determina cada aspeto sobre o carácter da comunicação e é a fundação sobre a qual assenta todo o comportamento posterior”. Para Hall, o contexto encontra-se na base da informação que envolve um determinado evento (cf. Kittler, Rygl & Mackinnon, 2011, p.65), assinalando-se uma ligação entre a velocidade da mensagem e a construção de um relacionamento: “Em suma, uma pessoa é uma mensagem lenta, leva tempo até se conhecer bem alguém” (Hall, cf. Würtz, 2005, p.280).

Os conceitos de contexto, informação e significado (Figura 4), os quais se apresentam de seguida, são essenciais para o entendimento do pensamento de Hall, nomeadamente para compreendermos as especificidades que subjazem aos processos de comunicação entre indivíduos oriundos de geografias e culturas distintas.

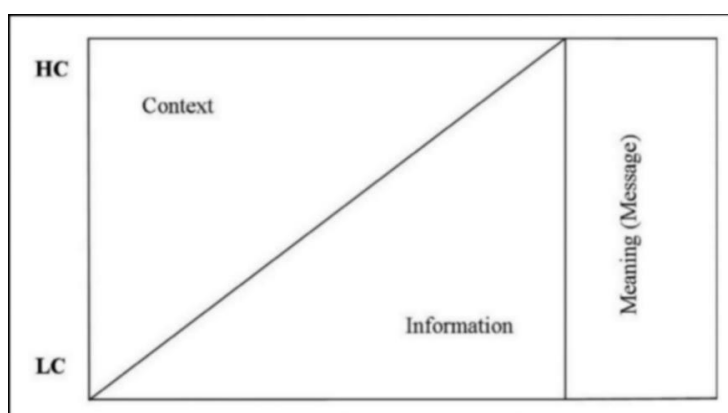


Fig. 4 - Culturas de Alto e Baixo Contexto  
Fonte: Kittler, Rygl & Mackinnon, 2011, p.66

- *Contexto*

Hall argumenta que não há significado sem a combinação de informação e contexto. O autor reconhece a importância de definir um termo fundamental como contexto, que “é sempre importante e frequentemente difícil” já que o contexto é *unido* à informação e, portanto, inextricavelmente associado ao significado da mensagem (cf. Jackson & Aycan, 2001, p.67). O contexto executa múltiplas funções, qualquer mudança do nível do contexto é uma comunicação, por exemplo, a mudança pode ser para cima, o que indica uma melhoria do relacionamento ou para baixo, comunicando frieza ou desagrado (Hall, E. & Hall, M., 1989, p.7).

- *Informação*

Na teoria da informação, uma mensagem é sempre informativa, isto é, transmite algo que ainda não é conhecido pelo recetor. No âmbito do conceito de Hall, a informação pode, então, ser entendida como elementos de significado que são explicitamente transmitidos pelo remetente e não necessitam de pré-programação para além do código comum de transmissão (linguagem). A natureza da informação nesta compreensão é geralmente (mas não exclusivamente) oral, fornecendo conteúdos explícitos (Jackson& Aycan, 2001, p.67-68).

As pessoas de alto contexto são aptas a ficar impacientes e irritadas quando as pessoas de baixo contexto insistem em dar-lhes informações de que não precisam. Inversamente, quando as pessoas de alto contexto não fornecem informação suficiente, as pessoas de baixo contexto vão ser afetadas (Hall, E. & Hall, M., 1989, p.6). Em países com cultura de baixo contexto, a informação é muito concentrada, compartimentalizada e controlada, portanto, não apta a fluir livremente. Nas culturas de alto contexto, a informação espalha-se rapidamente e move-se quase como se tivesse uma vida própria (Hall, E. & Hall, M., 1989, p.23)

- *Significado*

De acordo com as definições de contexto e informação, podemos distinguir elementos implícitos e explícitos do significado. Hall observou que “no modelo de contexto, a mesma informação juntamente com um contexto alterado produz um significado diferente”. Por conseguinte, o significado pode ser entendido como o resultado de uma combinação cognitiva de contexto e informação (Jackson& Aycan, 2001, p.68). O

significado em culturas de alto contexto é também transportado “através do estatuto (idade, sexo, educação, antecedentes familiares, título e filiações) e através das relações informais do indivíduo” (Samovar & Porter, 2010, p.217).

De acordo com o contexto, Hall classificou a cultura com sendo de alto ou baixo contexto (Samovar & Porter, 2010, p.215). Qualquer transação pode ser caracterizada como de contexto alto, baixo ou médio, sendo que as transações de alto contexto apresentam informação pré-programada que se encontra no recetor e na configuração, com apenas informação mínima na mensagem transmitida, a fim de compensar o que está em falta no contexto (tanto interno como externo) (Hall, 1989, p.101). A comunicação ou mensagem em alto contexto é aquela em que a maior parte da informação já existe na pessoa, enquanto que muito pouca está no código, parte explicitamente transmitida da mensagem. A comunicação do baixo contexto é o oposto, isto é, a massa de informação é investida no código explícito (Samovar & Porter, 2010, p.215).

#### ▪ *Culturas de Alto Contexto*

No alto contexto, muitos significados trocados durante a interação não precisam de ser comunicados através de palavras, já que os sujeitos têm experiências e redes de informação semelhantes, assim como convenções sociais bem estabelecidas.

Devido à tradição e à história, as culturas mudam muito pouco ao longo do tempo. De acordo com Hofstede, este fenómeno é “mais frequentemente encontrado nas culturas tradicionais”, por isso, para a maioria das transações normais na vida quotidiana, as pessoas não exigem, nem esperam, informação básica muito profunda (Samovar & Porter, 2010, p.215) - isto porque as pessoas se mantêm informadas sobre todos os aspetos da vida das pessoas que são importantes para si (Hall & Hall, 1989, p.7). Neste tipo de cultura / estilo de comunicação, as pessoas que dependem de mensagens verbais para obter informação são percecionadas como menos credíveis; acredita-se que o silêncio envia muitas vezes a mensagem melhor do que as palavras. Por exemplo, na China, que tem uma cultura de alto contexto, prefere-se o silêncio, havendo um ditado popular que o demonstra: “neste tempo, o silêncio é melhor do que a fala” (Samovar & Porter, 2010, p.217).

Nas organizações, os colaboradores com funções de chefia ocupam uma posição central, rodeados pelos seus subordinados, o que significa que estão no centro da rede de

informação, podendo gerir o fluxo de informação e controlar o que está a acontecer (Hall & Hall, 1989, p.10). O espaço de cada indivíduo é percebido por todos e existem grandes diferenças culturais na programação do mesmo.

As pessoas estão abertas a interrupções e em sintonia com o que está a acontecer à sua volta (Hall. & Hall, 1989, p.11-12). Esta cultura utiliza tempo policrómico, que é caracterizado pela ocorrência simultânea de muitas coisas e por um grande envolvimento com as pessoas. Há mais ênfase na conclusão de transações humanas do que em cumprir os horários estabelecidos (Hall & Hall, 1989, p.14).

▪ *Culturas de Baixo Contexto*

Neste grupo, a população tende a ser menos homogénea e, por isso, tende a compartimentalizar os contactos interpessoais. A ausência de experiências comuns significa que “cada vez que interagem com outros, precisam de informação básica detalhada” (Samovar & Porter, 2010, p.217).

As pessoas dependem em maior grau de uma triagem auditiva, especialmente quando pretendem concentrar-se (Hall & Hall, 1989, p.12). O espaço é um símbolo de poder e, por isso, os ‘andares superiores’ e ‘gabinetes privados’ têm um maior estatuto no ambiente de escritório.

No que diz respeito ao tempo, este tipo de cultura usa-o de forma monocrómica, isto é, o tempo experienciado e utilizado de forma linear, executando-se uma tarefa de cada vez. O tempo monocrómico divide-se naturalmente em segmentos, é programado e compartimentado, tornando possível a concentração, o horário pode ter prioridade acima de tudo e ser tratado como sagrado e inalterável. Tal como o petróleo e a água, os dois sistemas, tempo monocrómico e tempo policrómico não se misturam (Hall & Hall, 1989, p.13). As pessoas que são governadas em tempo monocrómico não gostam de ser interrompidas. O tempo monocrómico prende as pessoas umas às outras, como consequência, intensifica algumas relações, ao mesmo tempo que torna outras mais superficiais (Hall & Hall, 1989, p.14).

### 2.4.2 Modelo das Dimensões da Cultura Nacional (Geert Hofstede)

Em desenvolvimento desde a década de 1970, o modelo das dimensões da cultura nacional, criado por Geert Hofstede a partir de um estudo realizado na multinacional IBM, apresenta seis dimensões (Figura 5), as quais são consideradas basilares no processo de compreensão de determinada cultura nacional:



Fig. 5 - Dimensões da cultura nacional, de acordo com G. Hofstede.  
Fonte: Elaboração própria, a partir de Hofstede Insights, 2021.

Cada uma destas dimensões culturais representa as preferências e atitudes específicas que distinguem países (em vez de indivíduos) uns dos outros (Hofstede Insights, 2021). Quanto a este modelo, Samovar, Porter et al. (2016, p.198) recordam que “quando indicamos que uma cultura é caracterizada por uma das dimensões de valor, estamos a referir-nos à maioria da cultura dominante”. Os resultados dos países em cada dimensão são relativos (Hofstede Insights, 2021), ou seja, todas as conclusões são tiradas em comparação com os Estados que a pesquisa abordou.

As especificidades destas seis dimensões são apresentadas de seguida:

#### 1. *Índice de Distância ao Poder*

Aqui a questão fundamental é saber como uma sociedade lida com as desigualdades entre as pessoas (Hofstede Insights, 2021). Hofstede resume o conceito de distância ao poder assim: "A distância ao poder como característica de uma cultura define a medida em que a pessoa menos poderosa na sociedade aceita a desigualdade no poder e a considera como normal" (Samovar, Porter et al., 2016, p.203). Isto representa

desigualdade, sendo definida a partir de baixo, indicando que o nível de desigualdade da sociedade é aprovado tanto pelos seguidores como pelos líderes. Todas as sociedades são desiguais, mas algumas são mais desiguais do que outras (Hofstede, 2011, p.9).

Num contexto cultural com alto índice de distância ao poder, o estatuto social deve ser claro para que os outros possam demonstrar o devido respeito, cumprindo essa função, por exemplo, o uso de marcas de renome (De Mooij&Hofstede, 2010, p.88). Em comparação com um índice mais baixo, a sociedade com alto índice concentra-se mais no poder, valoriza o status e a posição, o número da proporção pessoal de supervisão é mais elevado. O sistema de valores estruturado determina o valor de cada trabalho, e os subordinados aderem a uma hierarquia rígida (Samovar, Porter et al., 2016, p.203). As pessoas com baixo índice consideram que a hierarquia é estabelecida por conveniência (Samovar, Porter et al., 2016, p.203), procuram igualizar a distribuição do poder e exigem justificação para as desigualdades (Hofstede Insights, 2021).

## *2. Individualismo versus Coletivismo*

A questão da dimensão “Individualismo versus Coletivismo” é extremamente importante em todas as sociedades do mundo. Esta dimensão é uma característica da sociedade, não é do indivíduo, mostrando o grau em que as pessoas desta comunidade se encontram integradas em grupos. A autoimagem definida por “eu” ou por “nós” reflete a posição da sociedade nesta área.

Numa cultura de individualismo, as relações dos sujeitos são mais soltas e é esperado de todos que cuidem (apenas) de si próprios e da sua família próxima (Hofstede, 2011, p.11). Destacam-se os direitos e responsabilidades pessoais, a privacidade, a expressão da opinião própria, a liberdade, a inovação e a autoexpressão.

Nestas culturas, a identidade de cada um é do indivíduo, que é a unidade mais importante em qualquer contexto social (De Mooij & Hofstede, 2010, p.89, Samovar, Porter *et al.*, 2016, p.199). A lealdade dos individualistas a um certo grupo tende a ser muito fraca; eles sentem que pertencem a muitos grupos. Eles estão aptos a mudar os grupos a que pertencem como lhes convém. As pessoas são conscientes do seu “eu”, e a autoatualização é importante.

Por outro lado, as pessoas de culturas mais coletivistas vêem-se integradas em grupos fortes e coesos desde o nascimento, normalmente, no seio de famílias alargadas (com tios, tias e avós) que continuam a protegê-las em troca de lealdade inquestionável,

verificando-se inclusive uma certa oposição ou demarcação relativamente aos membros de outros grupos (Hofstede, 2011, p.11). Como Trandis afirma, “uma característica distintiva das pessoas das culturas coletivistas é a sua notável preocupação com as relações” (cf. Samovar, Porter *et al.*, 2016, p.200). No coletivismo, a interdependência é típica, e as considerações individuais são subordinadas às necessidades e desejos do indivíduo em grupo, enfatizando-se a comunidade, colaboração, interesse comum, bem público e salvaguarda da reputação (Samovar, Porter *et al.*, 2016, p.200).

No que diz respeito ao estilo de comunicação, nas culturais individualistas verifica-se um padrão típico nas culturas de “baixo contexto”, isto é, uma comunicação verbal explícita. Por seu turno, em grupos com culturas coletivistas e por isso mais conscientes do “nós”, o padrão é o de cultura de “alto contexto”, isto é, a comunicação é mais indireta e implícita, baseada na interpretação das circunstâncias e não tanto na necessidade de uma verbalização explícita dos enunciados (De Mooij & Hofstede, 2010, p.89).

### *3. Masculinidade versus Feminilidade*

O Masculino desta dimensão representa uma preferência da sociedade pelo êxito, heroísmo, assertividade e recompensas materiais para o sucesso. A sociedade em geral é mais competitiva. Por outro lado, a Feminilidade representa uma preferência pela cooperação, modéstia, cuidado com os fracos e qualidade de vida, sendo ainda esta sociedade mais orientada para o consenso em geral (Hofstede Insights, 2021).

Hofstede considera que “a cultura masculina utiliza a existência biológica de dois sexos para definir papéis sociais muito diferentes entre homens e mulheres. Espera que os homens sejam assertivos, ambiciosos e competitivos, busquem o sucesso material, e respeitem o que quer que seja grande, forte e rápido” (Samovar, Porter *et al.*, 2016, p.200). Na sociedade de masculinidade, o desempenho e a realização são importantes, e a realização tende a ser demonstrada por status de marcas ou produtos (De Mooij & Hofstede, 2010, p.89).

O estudo original efetuado na IBM revelou ainda que “as mulheres dos países da cultura feminina têm os mesmos valores modestos e carinhosos como os homens; as da cultura masculina, são algo assertivas e competitivas, mas não são tanto como os homens, por isso, estes países mostram uma lacuna entre os valores dos homens e os das mulheres” (Hofstede, 2011, p.12). Na cultura masculina, o trabalho doméstico é menos partilhado

entre marido e mulher do que na cultura feminina, ao passo que na cultura feminina, os homens realizam mais tarefas domésticas (De Mooij & Hofstede, 2010, p.89), os homens não precisam de ser assertivos e podem ter uma função de alimentar e cuidar (Samovar, Porter *et al.*, 2016, p.200). Na sociedade tende a haver “uma fraca diferenciação de género na socialização das crianças” (Samovar, Porter *et al.*, 2016, p.200).

#### *4. Aversão à Incerteza*

Esta dimensão expressa o grau em que os membros de uma sociedade se sentem desconfortáveis com a incerteza e ambiguidade (Hofstede Insights, 2021). É importante destacar que aversão à incerteza não é o mesmo que prevenção de riscos (Hofstede, 2011, p.10).

Os países com um alto índice mantêm códigos rígidos de crença e comportamento e são intolerantes a comportamentos e ideias pouco ortodoxos (Hofstede Insights, 2021), enfatizam o consenso e resistem à mudança (Samovar, Porter *et al.*, 2016, p.201). Por meio de protocolos sociais estabelecidos e formais, oferece-se estabilidade aos membros da sociedade (Samovar, Porter *et al.*, 2016, p.201). Esta cultura precisa de “regras escritas, planos, regulamentos, rituais, cerimónias, etc.” (Samovar, Porter *et al.*, 2016, p.203). As pessoas desta cultura precisam de regras e formalismos para orientar a vida e tendem a ser menos abertas à mudança e inovação do que as pessoas da cultura com baixo índice de aversão à incerteza (De Mooij & Hofstede, 2010, p.89).

As sociedades com baixo índice mantêm uma atitude mais relaxada e a prática vale mais do que princípios (Hofstede Insights, 2021). As pessoas podem aceitar facilmente a incerteza inerente, tolerar os assuntos incomuns e não são influenciadas pelas ideias dos outros. Elas valorizam a iniciativa, são flexíveis, e consideram que se devem estabelecer o menor número de regras possível. Em geral, são menos limitadas pelo protocolo social (Samovar, Porter *et al.*, 2016, p.203).

#### *5. Orientação para o Longo versus Curto Prazo*

A orientação para o longo prazo implica investimento no futuro (De Mooij & Hofstede, 2010, p.90). Estas culturas tendem a adotar uma abordagem mais pragmática, encorajam poupança e os esforços na educação moderna como forma de preparar para o futuro (Hofstede Insights, 2021). Os valores deste pólo são persistentes, estimulam-se as relações por estatuto e sobressai o sentimento de vergonha, em particular mediante



uma situação de insucesso ou fracasso (Hofstede, 2011, p.13). Por seu turno, a orientação para o curto prazo prefere manter tradições imemoriais e normas honradas pelo tempo, percecionando-se a mudança social com suspeita (Hofstede Insights, 2021). Os valores deste pólo são obrigações sociais recíprocas, respeito pelas tradições, proteção da reputação, firmeza e estabilidade do indivíduo (Hofstede, 2011, p.13).

#### *6. Indulgência versus Restrição*

A última dimensão afigura-se como mais ou menos complementar à dimensão de “Orientação para o Longo Prazo versus Curto Prazo”, relacionando-se negativamente com a mesma. (Hofstede, 2011, p.15). Os três itens incluídos nesta medição envolvem a importância dos tempos livres na vida dos indivíduos, os seus níveis de felicidade e o grau de liberdade de escolha e controlo da própria vida. Quanto mais alta a pontuação, mais elevado será o nível do sentimento relativamente aos três itens atrás identificados (Beugelsdijk, Maseland & Van Hoorn, 2015, p.231).

A indulgência, numa sociedade, significa que esta permite a gratificação relativamente livre dos impulsos humanos básicos e naturais relacionados com o gozo da vida e a diversão. Restrição acontece numa sociedade que suprime a gratificação das necessidades e a regula por meio de normas sociais rigorosas (Hofstede Insights, 2021).

### **2.4.3 Comparação entre as culturas da China e de Portugal**

Ao aplicarmos o modelo das culturas nacionais desenvolvido por Geert Hofstede (Figura 5), verificamos que Portugal e a China apresentam índices aproximados nos que diz respeito às dimensões “Distância de Poder”, com uma diferença de apenas 7 pontos, “Individualismo” e “Indulgência”. Isto significa que a China e Portugal são muito semelhantes em termos da importância que atribuem ao poder e ao sentido de coletivismo que perpassa na sociedade. Já as dimensões “Masculinidade vs Feminilidade”, “Orientação para o Longo/Curto Prazo” e “Aversão à Incerteza” são os aspetos que mais diferenciam os dois países.

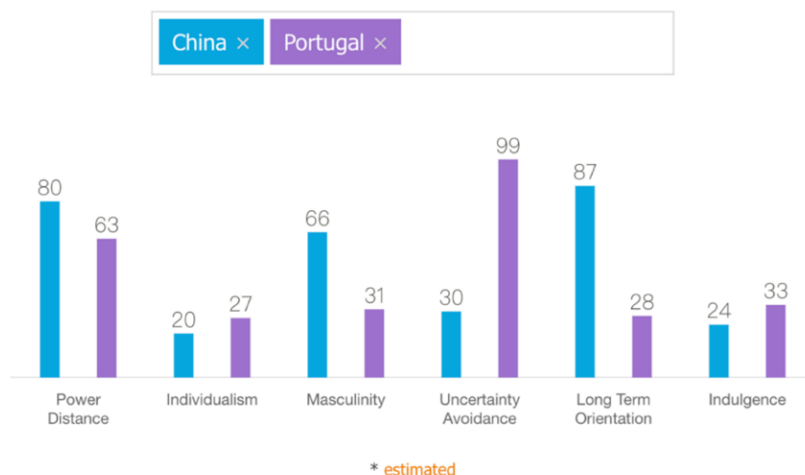


Fig. 6 - Comparação de 6 dimensões culturais entre a China e Portugal  
 Fonte: <https://www.hofstede-insights.com/country-comparison/china,portugal/>

### 1. Índice de Distância ao Poder

A pontuação da China (80) está no topo da classificação desta dimensão, isto é, a sociedade chinesa acredita que as desigualdades entre as pessoas são aceitáveis. Os indivíduos são influenciados pela autoridade formal e pelas sanções. São geralmente otimistas quanto à sua capacidade de liderança e iniciativa. Na China, as pessoas não devem ter aspirações além da sua posição (Hofstede Insights, 2021) e o povo aceita frequentemente a desigualdade de poder na organização. A sociedade tem uma tendência para polarizar as relações entre superiores e subordinados, não devendo os últimos revoltar-se contra a autoridade dos seus superiores e não exagerar a sua força. A pontuação de Portugal (63) reflete que a distância hierárquica é também aceite, embora em menor medida. Aceita-se, pois, que pessoas em posições de maior poder tenham privilégios pela função que exercem (Hofstede Insights, 2021).

### 2. Individualismo versus Coletivismo

Meyer observa que, “com os direitos individuais gravemente condicionados, a ação coletiva tem sido uma característica diferenciadora da sociedade chinesa” (cf. Samovar, Porter *et al*, 2016, p.201). “Por mais robusta que seja, uma viga não pode suportar uma casa” é o provérbio chinês que salienta a importância da orientação para trabalhar em grupo (Samovar, Porter *et al*, 2016, p.201). Aliás, na China são vários os ditados e frases que denunciam a sua tendência coletivista como, por exemplo, “Quando cada

pessoa acrescenta combustível, o fogo sobe alto” ou “O tempo não é tão importante como o terreno, mas o terreno não é tão importante como a unidade com o povo”.

Desde tempos imemoriais, a China tem acentuado a unidade e a coesão nacional e, por isso, com um índice 20, a China apresenta uma cultura altamente coletivista onde as pessoas agem no interesse do grupo. As considerações dos membros do grupo afetam a contratação e a promoção dos grupos mais próximos (como a família) os quais irão receber tratamento preferencial.

Portugal é igualmente coletivista, tendo em conta a pontuação nesta dimensão (27). Porém, em comparação com a China, Portugal demonstra mais preocupação com os interesses pessoais. Ambos os países são mais concentrados no bem coletivo, com um compromisso próximo a longo prazo com o membro “grupo”, seja ele uma família, uma família alargada ou relações alargadas (Hofstede Insights, 2021).

As pessoas dos dois países têm uma forte coesão nacional e, de acordo com o descrito por Hofstede, é mais difícil para pessoas de fora do grupo integrarem-se em ambos os países, podendo os membros internos ser “indiferentes ou mesmo hostis” em relação aos indivíduos externos ao grupo. Além disso, nas sociedades coletivistas, o crime leva à vergonha e à perda de reputação, as relações entre empregador e colaboradores são percebidas em termos morais (estabelecendo-se laços semelhantes aos familiares), as decisões de contratação e promoção têm em conta o grupo dos empregados e a gestão é de base grupal (Hofstede Insights, 2021).

### *3. Masculinidade versus Feminilidade*

Uma pontuação elevada na dimensão Masculinidade indica que a sociedade é conduzida pela competição, realização e sucesso. O sucesso é definido pelo vencedor ou pelo melhor no domínio, sendo este um sistema de valores que começa na escola e continua na vida organizacional.

Com 66 pontos, a China assume-se como uma sociedade tendencialmente “masculina”, isto é, fortemente orientada para alcançar o sucesso. A este respeito, Hofstede apresenta alguns exemplos:

The need to ensure success can be exemplified by the fact that many Chinese will sacrifice family and leisure priorities to work. Service people (such as hairdressers) will provide services until very late at night. Leisure time is not so important. The migrated farmer workers will leave their families behind in faraway places in order

to obtain better work and pay in the cities. Another example is that Chinese students care very much about their exam scores and ranking as this is the main criteria to achieve success or not. (Hofstede Insights, 2021).

Na China, são inúmeros os exemplos deste tipo de atitude; muito embora Hofstede de facto enfatize que, numa análise mais individual, possam sempre existir exceções dentro dos vários grupos, acredita-se que tais casos devem ser percecionados como sendo mais pontuais.

Portugal, com uma pontuação de 31 nesta dimensão, o conceito fundamental parece ser o “consenso”. Não se defende uma competição excessiva, as pessoas “trabalham para viver”, valorizam a igualdade, a solidariedade e a qualidade no trabalho. Os conflitos são resolvidos através de compromissos e negociações. O incentivo dos indivíduos, nomeadamente o tempo livre e a flexibilidade, são a forma de mostrarem cuidado pelos outros e de terem qualidade de vida. Trata-se, pois, de uma sociedade dita “feminina”, na qual o sinal de sucesso é quando se atinge qualidade de vida.

A China e Portugal apresentam grande discrepância nesta dimensão. A China é um país “masculino” que valoriza o alto rendimento do trabalho e sucesso material, Portugal é um país “feminino”, valorizando-se as relações de trabalho positivas com os superiores e a manutenção da qualidade de vida (Hofstede Insights, 2021). No fundo, o ponto fundamental para o que motiva as pessoas é o ser-se o melhor (Elevada Masculinidade, China) ou o fazer-se o que se gosta (Baixa Masculinidade, Portugal) (Hofstede Insights, 2021). A respeito do índice alcançado por Portugal nesta dimensão, Hofstede considerou ainda que

Portugal é um país tipicamente latino, pertencendo, por isso, ao grupo mais feminino. No entanto, reconheci imediatamente que os portugueses diferem dos outros países latinos e, ao contrário dos espanhóis, não matam os seus touros. Os portugueses tendem a ser mais simpáticos para as pessoas e são bons negociadores, tentando sempre encontrar uma via pacífica. Por isso, resolvem muitos problemas negociando, e não guerreando. (cf. Rego, 2004, p.108)

#### *4. Aversão à Incerteza*

A China (30) e Portugal (99) diferem-se significativamente neste índice. A China tem uma pontuação baixa e Portugal tem uma pontuação muito elevada, refletindo a aversão dos portugueses por situações ambíguas, necessitando de precisão e normalização. A sociedade dá muito importância à legislação e regulamentação para reduzir a incerteza.

Nas organizações, as responsabilidades dos membros de cada departamento precisam de ser claramente descritas e os objetivos do seu trabalho devem ser detalhados. Hofstede refere ainda que este índice pode “definir Portugal como muito preciso”, o que significa que os portugueses “mantêm um rigoroso código de crença e comportamento e não toleram comportamentos e ideias pouco ortodoxos” e acreditam que “precisão e pontualidade são norma e que se pode resistir à inovação”.

Os Chineses, pelo contrário, são mais aventureiros do que os Portugueses, mais recetivos à mudança, mais tolerantes à ambiguidade e à confusão na sua organização. Os Chineses sentem-se bem com as coisas ambíguas, por exemplo, no uso de “linguagem” e “legislação e regulamentação”. Aliás, os Chineses são caracterizados pelo seu espírito empreendedor e a maioria das empresas são pequenas, médias e familiares.

#### *5. Orientação para o Longo versus Curto Prazo*

A China é um país de orientação para o longo prazo, com uma cultura muito pragmática, onde se envidam esforços para uma educação moderna com o objetivo de preparar o futuro. Os indivíduos têm uma forte propensão para poupar e investir. Comparativamente a Portugal, a China tem um pensamento bastante acentuado no que diz respeito à sobriedade, resistência e manutenção das tradições. No entanto, Portugal prefere manter tradições imemoriais e normas enquanto visualiza a mudança social com desconfiança. A cultura portuguesa tende mais para o pensamento normativo do que para o pragmatismo. Presta atenção em estabelecer a “verdade absoluta”, com uma propensão relativamente menor para poupar para o futuro, focando-se mais na obtenção de resultados rápidos.

#### *6. Indulgência versus Restrição*

Hofstede considera que a cultura pode igualmente ser avaliada em termos de “indulgência” e “restrição”, na medida em que esta dimensão espelha o nível em que as pessoas tentam controlar os seus desejos e impulsos. Com uma pontuação de 24 e 33, respetivamente, tanto a China como Portugal são sociedades que apresentam características restritivas. Com índices de indulgência relativamente baixos, ambos os grupos tendem a controlar as suas emoções e sentimentos, subvalorizando o lazer e o entretenimento. A ação destes indivíduos tende a ser limitada por normas sociais, apresentando estes uma tendência para colocar grandes expectativas sobre si próprios e

para acreditar que a vida deve ser “uma luta”. Ambos os grupos apresentam uma tendência para o cinismo e o pessimismo, não se valorizando os tempos livres e controlando-se os desejos por momentos ou experiências mais apazíveis.

## **CAPÍTULO 3 – VIVÊNCIAS E PERTENÇA IDENTITÁRIA DA SEGUNDA GERAÇÃO DE CHINESES EM PORTUGAL**

Neste capítulo pretende-se apresentar um retrato da segunda geração de Chineses que ou nasceu em Portugal ou que para aí migrou ainda em criança, tendo sido, por isso, a sua personalidade e identidade construídas e moldadas por dois contextos sociais e culturais bastante distintos.

### **3.1 Metodologia**

Para a componente prática deste trabalho de investigação, optou-se pela aplicação de um questionário como meio de identificação dos costumes e dos hábitos da segunda geração de Chineses em Portugal, e que nos permitirá analisar a relação existente entre os costumes e as culturas do mundo ocidental e oriental. No decorrer desta pesquisa iremos identificar as dificuldades encontradas pela segunda geração de Chineses em Portugal, relativamente ao seu quotidiano em Portugal e à sua vida escolar, tanto no que concerne às suas interações com a sociedade no geral, como também junto da comunidade chinesa. Por último, iremos identificar as barreiras que possam dificultar a integração da segunda geração de Chineses na sociedade portuguesa e apresentar sugestões de algumas estratégias que nos pareçam adequadas para ultrapassar barreiras semelhantes num futuro próximo.

O objeto deste estudo, como mencionado anteriormente, compreende o grupo de Chineses de segunda geração residentes em Portugal. A fim de obter um número máximo de dados, a autora elaborou um questionário online com a ferramenta Google Forms, o qual depois foi distribuído por meio da aplicação WeChat, uma aplicação chinesa de comunicações sociais. A partilha do *link* do questionário foi seletivamente encaminhada pela autora para os seus amigos chineses de segunda geração residentes em Portugal. Os diferentes membros selecionados para este questionário enviaram-no para os seus próprios contactos, colegas de turma e familiares. Outros ainda compartilharam o *link* do questionário com os contactos através do Instagram. Durante este processo de disseminação, juntaram-se novos respondentes que correspondiam aos critérios de seleção da amostra.

Os dados foram recolhidos entre 06 e 07 de outubro de 2021, tendo-se obtido um total de 104 respostas ao questionário. Destas, 94 foram consideradas válidas, não tendo 10 respostas sido consideradas por não corresponderem aos critérios exigidos. De referir ainda que alguns inquiridos não concluíram o questionário, provavelmente devido ao facto de as questões terem sido na sua totalidade colocadas em português, sem qualquer tradução para a língua chinesa, presumindo-se, assim, que alguns dos respondentes possam não ter conhecimento suficiente da língua portuguesa. Devido aos hábitos linguísticos, alguns dos inquiridos preencheram as suas respostas em chinês. Ao comunicar com os inquiridos, a autora verificou que alguns deles não usavam o mandarim de forma tão fluente como aqueles que cresceram na China, não obstante alguns dos inquiridos terem frequentado escolas chinesas para aprenderem a língua ou terem sido acompanhados por tutores contratados pelos pais para que os seus filhos aprendessem chinês. A maioria dos inquiridos que nasceu em Portugal ou aí vive há muitos anos foi capaz de compreender as perguntas e de dar as suas próprias respostas. Devido à quantidade limitada da amostra deste estudo, o resultado não é representativo da realidade total, no entanto, serve de referência para o estudo da identidade e integração social da segunda geração de chineses em Portugal.

No que diz respeito à tipologia de questões adotadas no questionário (Anexo 1), a autora recorreu a questões de escolha múltipla, questões utilizando uma escala de tipo Linkert de cinco níveis e algumas questões abertas. Este questionário é composto por 30 perguntas e dividido em duas partes. A primeira parte, com doze perguntas, investiga a situação específica dos inquiridos e fornece uma compreensão geral da comunidade chinesa de segunda geração em Portugal; a segunda parte, com 18 perguntas, investiga a família, situação social, integração social e dificuldades encontradas pela amostra, bem como as suas perceções sobre a cultura chinesa e portuguesa.

Neste capítulo, os resultados dos dados obtidos serão analisados para elucidar a situação pessoal da segunda geração de chineses em Portugal, e as dificuldades encontradas no seu processo de integração na escola e na sociedade, com o objetivo de fornecer uma base de dados para a análise que se segue.



## 3.2 Apresentação dos resultados do questionário

### 3.2.1 Caracterização da amostra

No grupo da amostra da pesquisa, 34 indivíduos (36,2%) são do género masculino, 56 indivíduos (59,6%) são do género feminino e 4 indivíduos (4,3%) optaram por não assinalar o seu género. Quanto à faixa etária, a maior proporção da amostra tem idade inferior a 20 anos (48 indivíduos, 51,1%), seguida pelo grupo 20-30 anos, com 44 indivíduos (46,8%); segue-se o grupo 30-40 anos (1 indivíduo) e com idade superior a 50 anos também apenas foi questionado 1 indivíduo. No que concerne à nacionalidade, a maior parte dos inquiridos nasceu em Portugal (54 indivíduos, 57,4%), tendo 40 indivíduos (42,6%) nascido na China e depois mudado para Portugal.

Relativamente à área de residência, 58,5% da amostra vive em Lisboa, 9% em Aveiro e 25,5% em outras áreas do país, Faro, Santarém, entre outros (Figura 7). Em certa medida, isto reflete o facto de Lisboa oferecer mais oportunidades de emprego, assim como nos mostra que a população chinesa é aí mais densa do que noutras cidades, formando uma rede estreita.

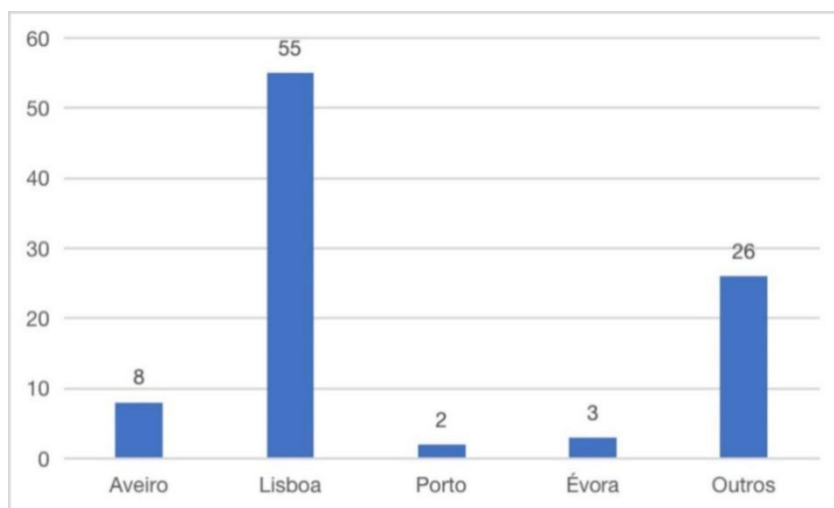


Fig. 7 - Local/Cidade de residência em Portugal dos inquiridos

Como se observa na figura 8, a maioria dos inquiridos é originária da província de Zhejiang (72,3%), da cidade de Wenzhou e do distrito de Qingtian na cidade de Lishui. Das respostas registadas para a província de Zhejiang, 25% mencionou ser de Wenzhou, 23,5% de Lishui e os restantes não mencionaram cidades específicas. Além da província

de Zhejiang, encontraram-se mais indivíduos de Xangai, Pequim, Henan e Shenzhen, o que em certa medida reflete uma mudança das prioridades dos indivíduos, ao priorizarem “por um ambiente melhor” em detrimento de “mais oportunidades de emprego”. O que surpreendeu a autora foi que apenas dois indivíduos são da segunda geração de Fujian. No passado, um grande número de trabalhadores de Fujian veio para a Europa. Da mesma forma, havia apenas dois indivíduos do Nordeste.

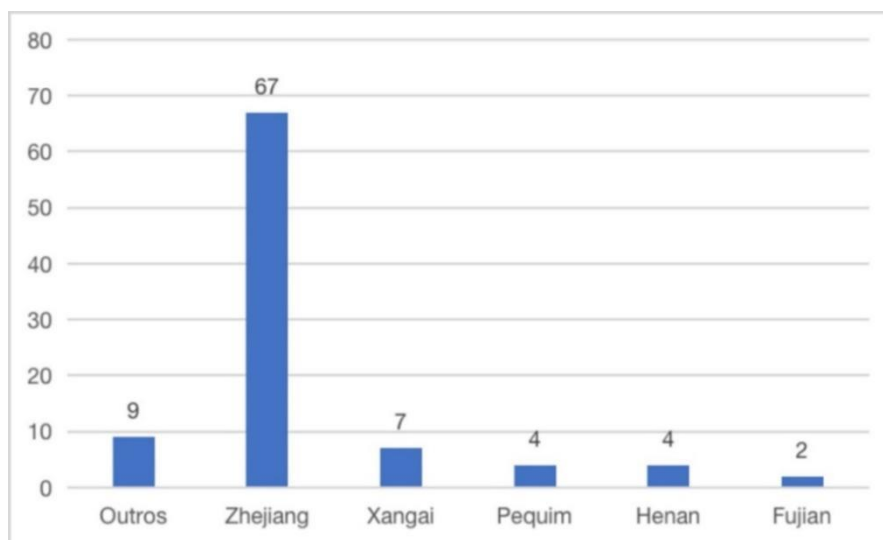


Fig. 8 – Local de origem da China dos inquiridos

No que concerne ao tipo de profissão dos inquiridos (Figura 9), a amostra encontra-se a estudar e a trabalhar na cidade onde vive. Das respostas válidas, 58% dos indivíduos são estudantes e a maioria dos que trabalham são funcionários em lojas chinesas (15%); como empresários temos 9% da amostra a exercer funções em empresas de contabilidade e 3% trabalham, apesar de exercerem funções em ambiente corporativo, sem especificarem a sua área de ação.

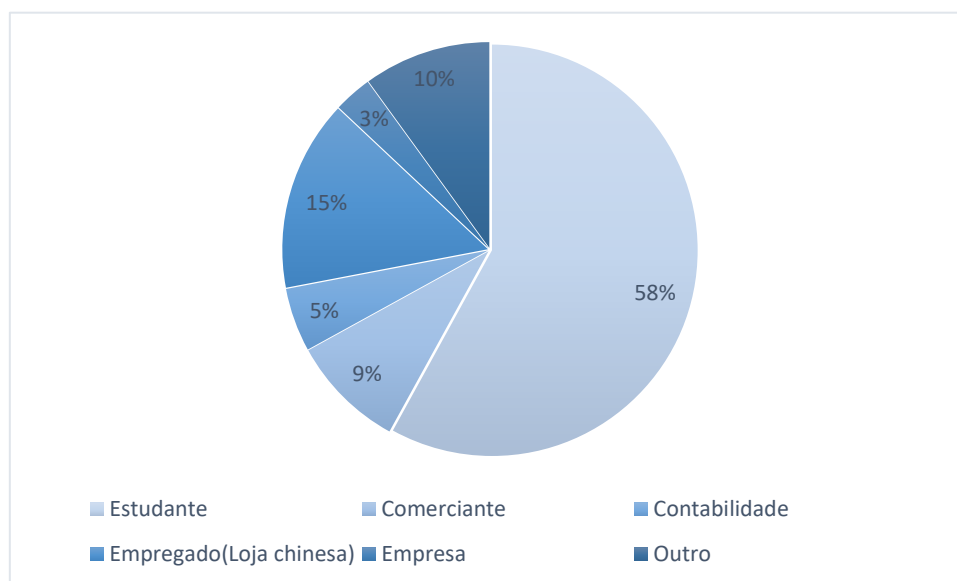


Fig. 9 - Distribuição de local de trabalho e função exercida em Portugal dos inquiridos

No que se refere aos níveis de educação, na figura 10 pode-se observar que o grupo mais elevado da amostra frequentou o ensino secundário, com 37 indivíduos (39,4%), seguido do grupo que concluiu uma licenciatura, com 27 indivíduos, o que representa 28,7% da amostra. O número mais baixo compreende aqueles que escolheram outro grau de ensino, com 3 indivíduos, equivalente a 3,2% da amostra.

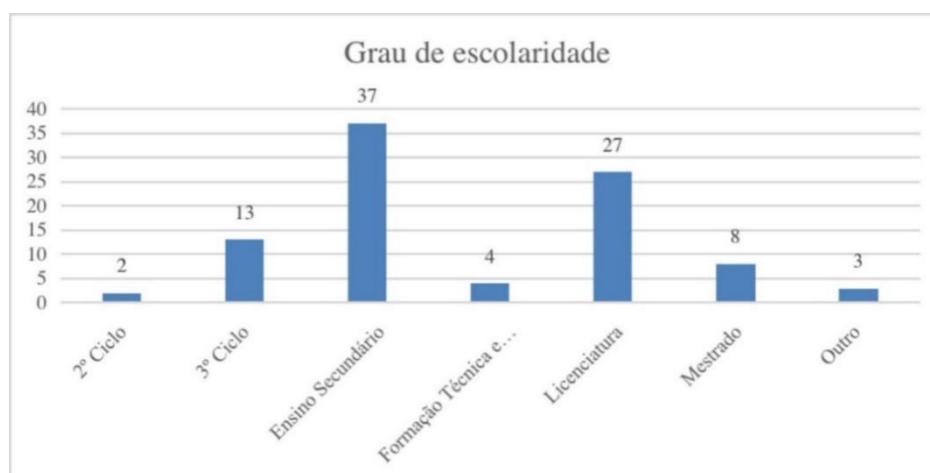


Fig. 10 - Grau de escolaridade dos inquiridos

No que concerne à questão sobre com quem residem em Portugal, um elevado número de indivíduos, 81 (86,2%), responderam que vivem com a família, 6 (6,4%) vivem sozinhos, e 4 (6,4%) moram com seus(suas) namorado(a)s. Em menor número

obtivemos a resposta de que vivem noutra tipo de situação, 3 indivíduos (3,2%). Aqui, perante a discrepância dos dados coletados, pode-se apurar que os inquiridos vivem principalmente com as suas famílias em Portugal.

A respeito do número de anos de residência em Portugal, 55% dos inquiridos encontram-se em Portugal há mais de 15 anos, 29% da amostra vive há mais de 20 anos e 26% estão em Portugal há 15-20 anos. Como se observa na figura 11, podemos verificar que 24% da amostra está em Portugal há menos de 10 anos.

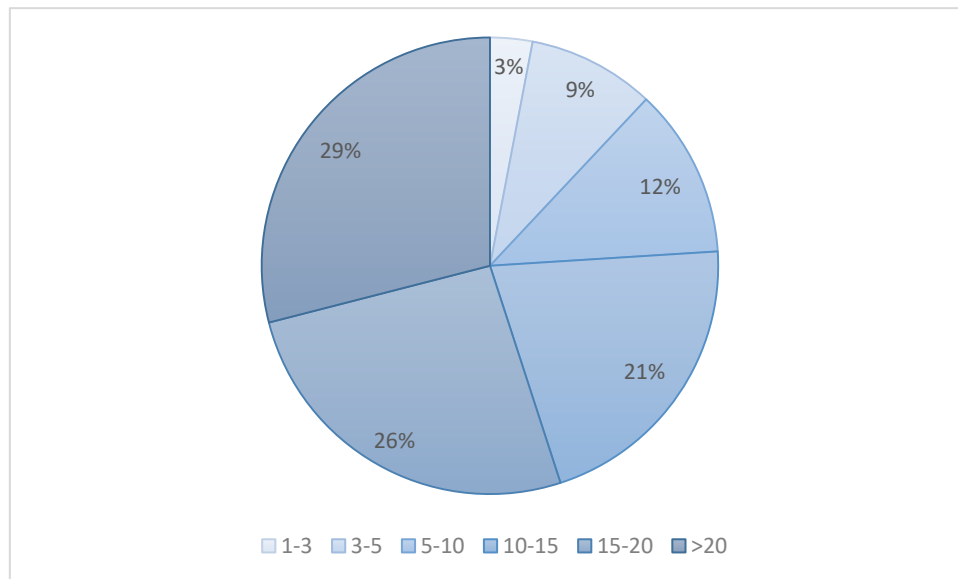


Fig. 11 - Tempo de residência em Portugal

Quanto às motivações pelas quais Portugal foi eleição de destino de emigração (figura 12), a maioria dos indivíduos elegeu a melhor qualidade de vida, com um total de 53 indivíduos (56,4%) da amostra, seguidamente, 15 indivíduos indicaram que tal se deveu ao facto de possuírem parentes a residir em Portugal, com um total de 16%, e em menor número, 12 indivíduos (12,8%) escolheram outro motivo.

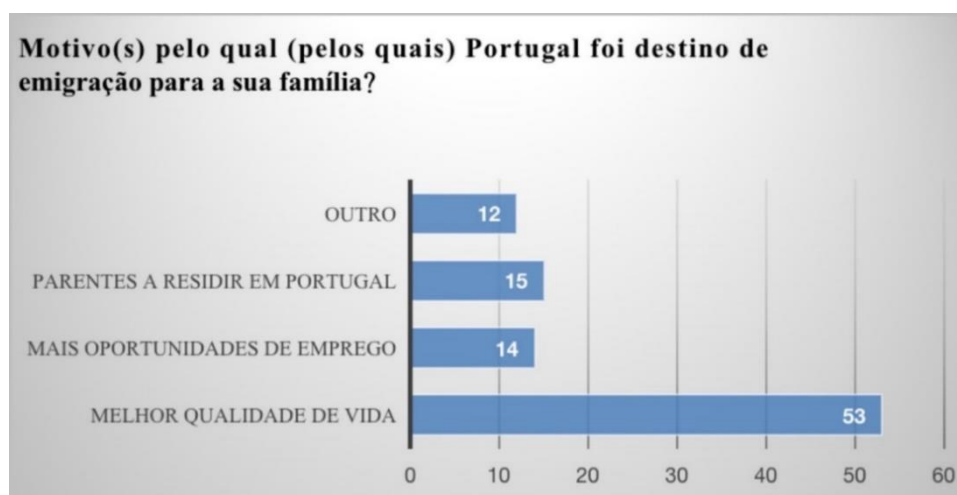


Fig. 12 - "Motivo(s) pelo qual (pelos quais) Portugal foi destino de emigração para a sua família"

### 3.2.2 Integração social e perceção cultural dos inquiridos

Nesta parte do questionário foram elaboradas 18 perguntas, as quais têm como objetivo apurar informações relevantes no que concerne à família, situação social, integração social e dificuldades encontradas pelos inquiridos, bem como a sua perceção sobre as culturas chinesa e portuguesa.

Inicialmente foi colocada aos inquiridos a seguinte questão: “Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a mau e 5 a muito bom, como avalia o seu nível de domínio da língua portuguesa?”

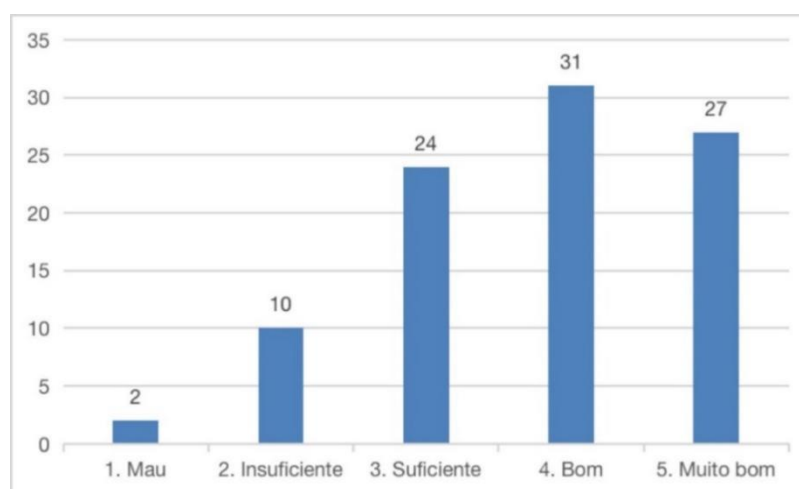


Fig. 13 - Nível de domínio da língua portuguesa dos inquiridos

Tal como se ilustra na figura 13, 27 (28,7%) indivíduos responderam que o seu domínio

é “Muito bom”, 31 dos inquiridos (33%) responderam que têm um “Bom” domínio e 24 inquiridos (25,5%) afirmam possuir um domínio da língua portuguesa de nível “Suficiente”. Apenas 10 indivíduos (10,6%) referem ter um nível “Insuficiente” e 2 consideram o seu domínio “Mau”. Podemos, por isso, considerar que a maioria dos inquiridos conhece bem a língua portuguesa em geral.

Recorde-se que o inquérito foi elaborado apenas em português, e no início do processo de apuramento do mesmo, alguns inquiridos não concluíram o questionário, provavelmente devido ao facto de que o texto da pesquisa se encontrava na sua totalidade em português, sem qualquer tradução para a língua chinesa.

Na figura 14, observam-se os resultados obtidos para a questão “2. Com quem se relaciona mais?”

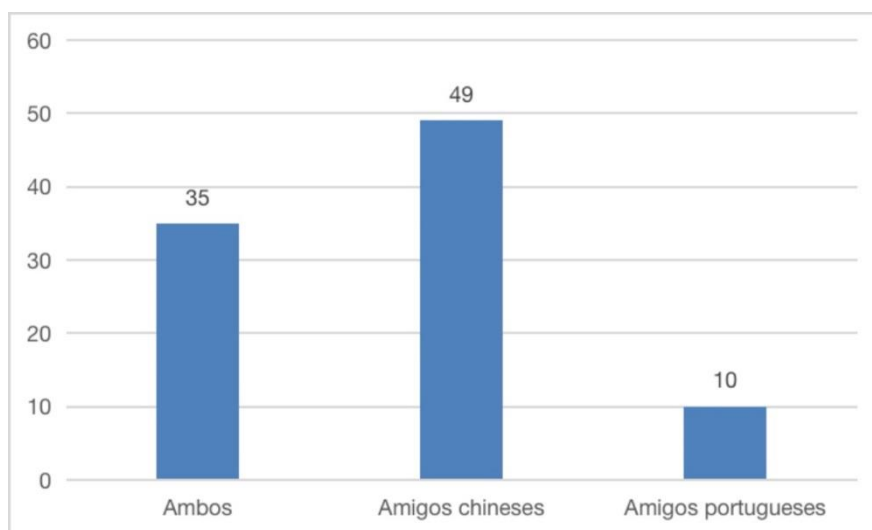


Fig. 14 - "Com quem se relaciona mais?"

Um total de 35 inquiridos (37,2%) relaciona-se com grupos de ambas as nacionalidades, chineses e portugueses, 49 indivíduos (52,1%) relacionam-se mais frequentemente com outros Chineses, e um pequeno grupo de indivíduos, apenas 10 (10,6% do valor total), diz relacionar-se maioritariamente com sujeitos portugueses. Pode-se entender que, muitos indivíduos chineses preferem manter as suas relações pessoais com os amigos chineses, preferindo viver em comunidades fechadas.

Na figura 15 apresentam-se os resultados à questão “3. Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a ‘nunca’ e 5 a ‘sempre’, como avalia a frequência com que contacta, de forma próxima, a comunidade portuguesa?”

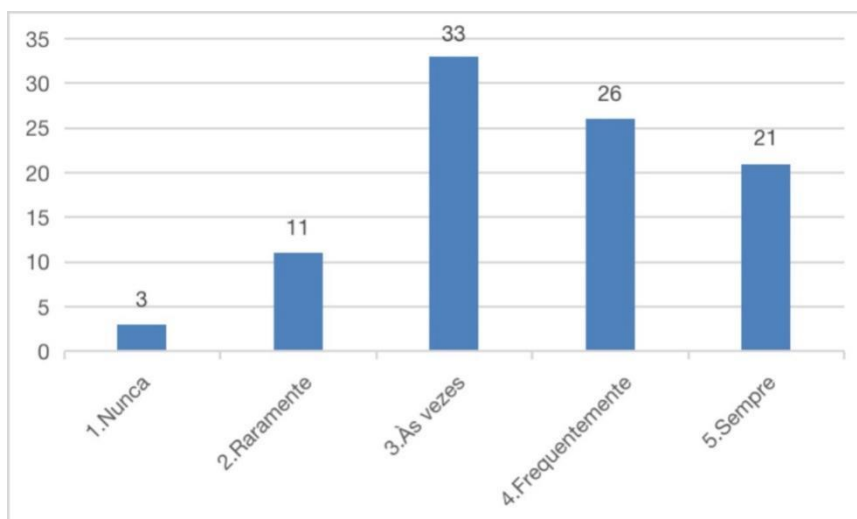


Fig. 15 - Frequência de contacto próximo com a comunidade portuguesa

21 indivíduos (22,3% da amostra) contactam “Sempre” com a comunidade portuguesa, 26 inquiridos (27,7%) contactam “Frequentemente”, 33 respondentes (35,1%) contacta “Às vezes”, 11 indivíduos (11,7%) “Raramente” têm um contacto próximo com a comunidade portuguesa, e 3 indivíduos (3,2%) responderam que “nunca” têm contacto. Podemos considerar que, normalmente, os inquiridos mantêm algum contacto próximo com a comunidade portuguesa.

Na figura 16 podem ser observados os resultados à questão “4. Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a ‘nunca’ e 5 a ‘sempre’, como avalia a frequência com que contacta de forma próxima com a comunidade chinesa local?”

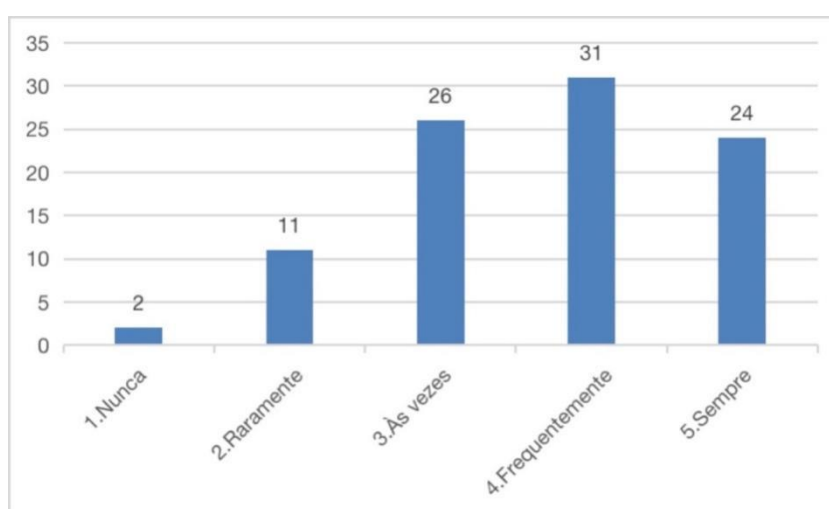


Fig. 16 - Frequência do contacto próximo com a comunidade chinesa local

Um total de 24 inquiridos, o que corresponde a 25,5% da amostra, mantêm sempre contacto próximo com a comunidade chinesa local e 31 indivíduos (33%) mantêm frequentemente contacto. Registou-se também que 26 inquiridos, 27,7% da amostra, “Às vezes” têm um contacto próximo com a comunidade chinesa local, 11 inquiridos (11,7%) e 2 inquiridos (2,1%) responderam que têm contacto próximo “Raramente” e “Nunca”, respetivamente.

Comparando com os resultados obtidos para a pergunta 3, podemos considerar que a diferença não é muito significativa. Entre os contactos de proximidade com a comunidade portuguesa e os da comunidade chinesa, regista-se um maior, mas não significativo número de indivíduos que de alguma forma mantêm um contacto de proximidade frequente com a comunidade chinesa local.

Seguidamente, na figura 17, apresentam-se os resultados obtidos para a questão “5. Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a nunca e 5 a sempre, como avalia a frequência com que os seus pais lhe falam sobre a sua vida / a experiência na China?”.

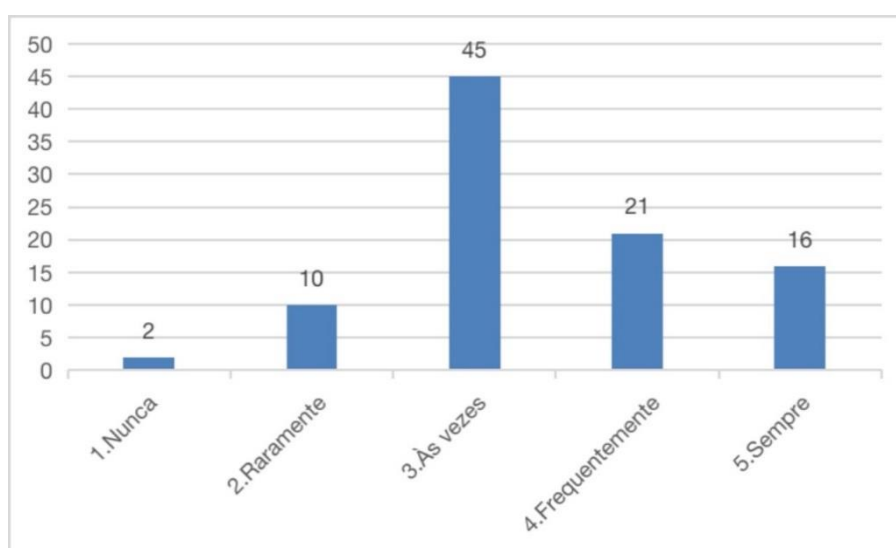


Fig. 17 - Frequência com que os pais falam aos filhos sobre a sua vida/vivências na China

Os pais de 16 inquiridos, 17% da amostra, falam sempre sobre a sua vida na China, 21 inquiridos (22,3%) responderam que seus pais falam “Frequentemente”, 45 indivíduos (47,9%) responderam “Às vezes” e 10 indivíduos (10,6%) e 2 indivíduos (2,1%) responderam “Raramente” e “Nunca”, respetivamente. Nesta questão apurou-se que é reduzido o número de inquiridos que desconhece ou sabe pouco sobre a China ou as vivências dos pais no seu país de origem.

A questão “6. Que itens de origem chinesa tem na sua casa?”, é uma pergunta de escolha



múltipla. Como se observa na figura 16, a maioria dos inquiridos, 62, um total de 70% da amostra, refere ter utensílios de mesa como, por exemplo, pauzinhos; 47 indivíduos (50%) têm fotografias, 29 deles (30,9%) tem em suas casas loiça decorativa com motivos e pinturas chinesas; 17 inquiridos (18,1%) decoram também suas casas com quadros de paisagens chinesas; 28 indivíduos (29, 8%) responderam que em suas casas têm mobiliário de origem chinesa e 33 indivíduos (35,1%) têm outros itens. Os utensílios de mesa são de grande necessidade utilitária para os chineses e 50% das casas dos inquiridos estão decoradas com fotografias (figura 18).

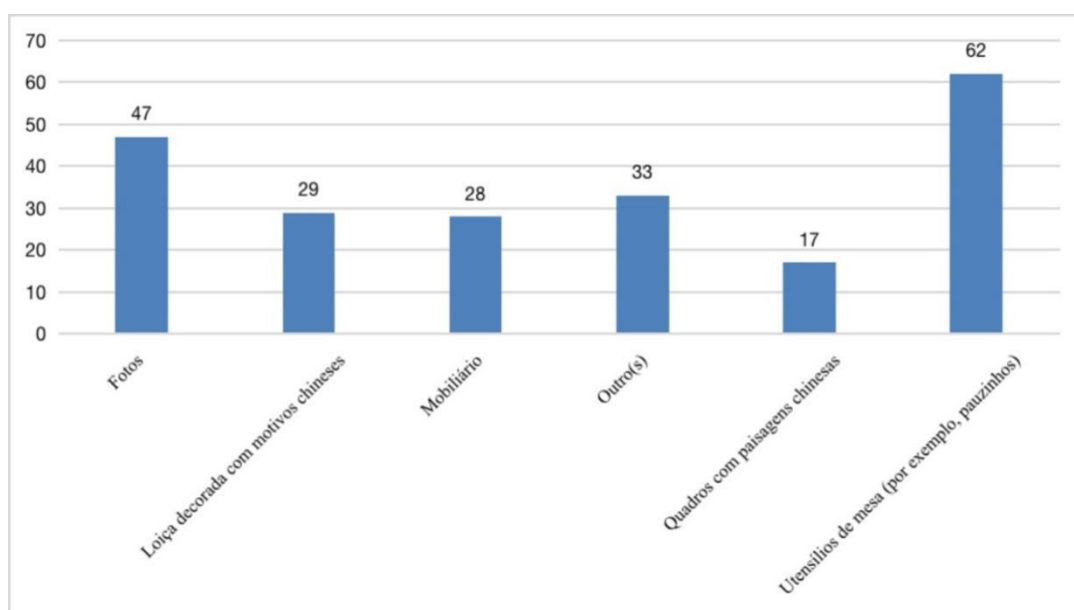


Fig. 18 - Itens de origem chinesa presentes na casa dos inquiridos

A figura 19 apresenta os resultados obtidos para a questão 7. “Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a nunca e 5 a sempre, como avalia a frequência com que celebra as festividades tradicionais chinesas?”.

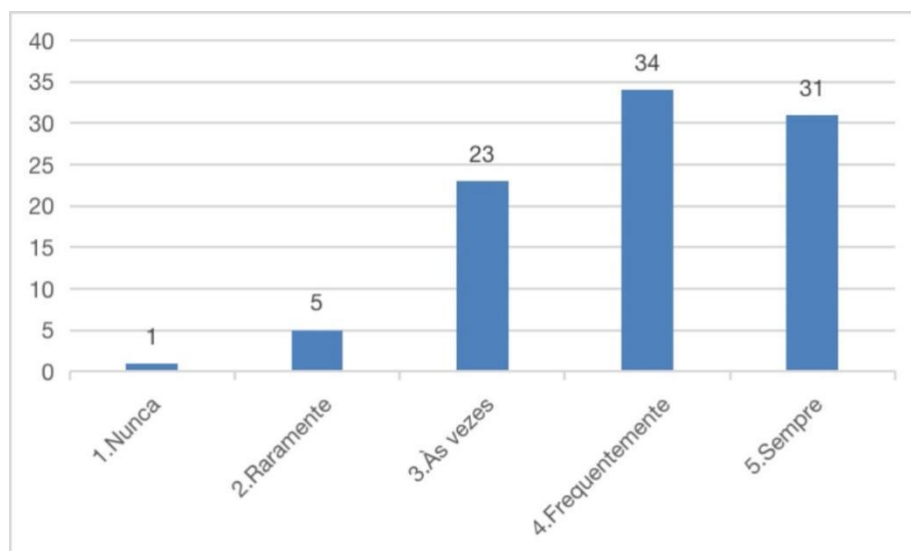


Fig. 19 - Frequência com que se celebram as festividades tradicionais chinesas

Um total de 31 inquiridos, número que corresponde a 24,5% da amostra, celebra sempre as festividades tradicionais chinesas, 34 inquiridos (36,2%) celebram as festividades tradicionais chinesas frequentemente e 23 indivíduos (24,5%) festejam às vezes. 5 indivíduos (5,3%) festejam raramente, apenas quando visitam a China. 1 indivíduo (1%) afirma nunca celebrar.

No seguimento da questão anterior, perguntou-se aos inquiridos “8. Quais são as festividades celebradas?” A maioria dos indivíduos 87 (92,6%) celebram o Ano Novo Chinês, 58 indivíduos (61,7%) festejam o Festival de Outono, 50 inquiridos (53,2%) celebram o Festival de Barco do Dragão, 47 inquiridos (50%) responderam que celebram o Festival das Lanternas e os 39 restantes (41,5%) celebram outras festividades (Figura 20).

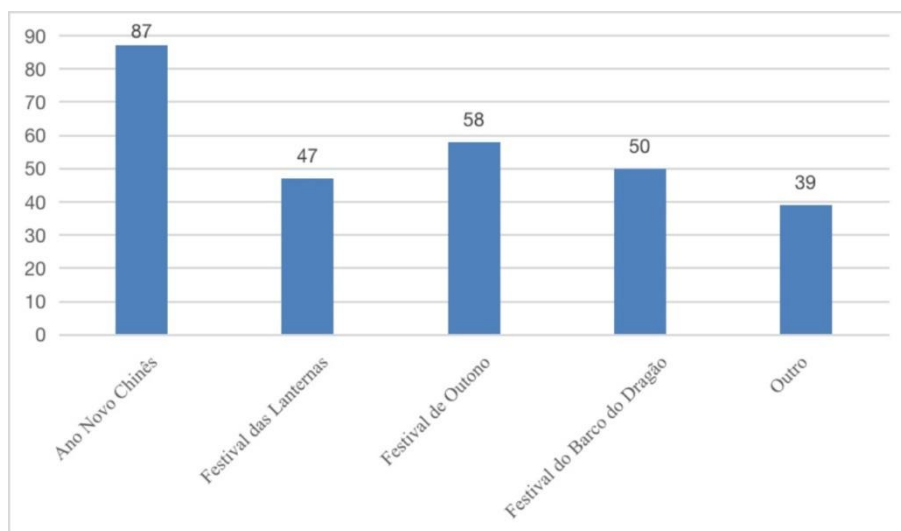


Fig. 20 - As festividades celebradas pelos inquiridos

À questão “Prefere os hábitos e os costumes chineses ou portugueses?”, 49 indivíduos (52,1% da amostra) refere adotar hábitos e costumes de ambos os grupos, 40 inquiridos (42,6%) preferem os hábitos chineses e somente 5 dos indivíduos (5,3%) preferem os hábitos e costumes portugueses.

À questão seguinte “Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a nunca e 5 a muito frequentemente, como avalia a frequência com que visita a China?”, 46,8% da amostra (44 inquiridos) referem visitar a China às vezes, 25 indivíduos (26,6%) raramente visitam a China e 15 inquiridos (16%) visitam frequentemente a China. 4 (4,3%) e 6 (6,4%) indivíduos visitam o país de origem “Muito frequentemente” e “Nunca”, respetivamente (Figura 21).

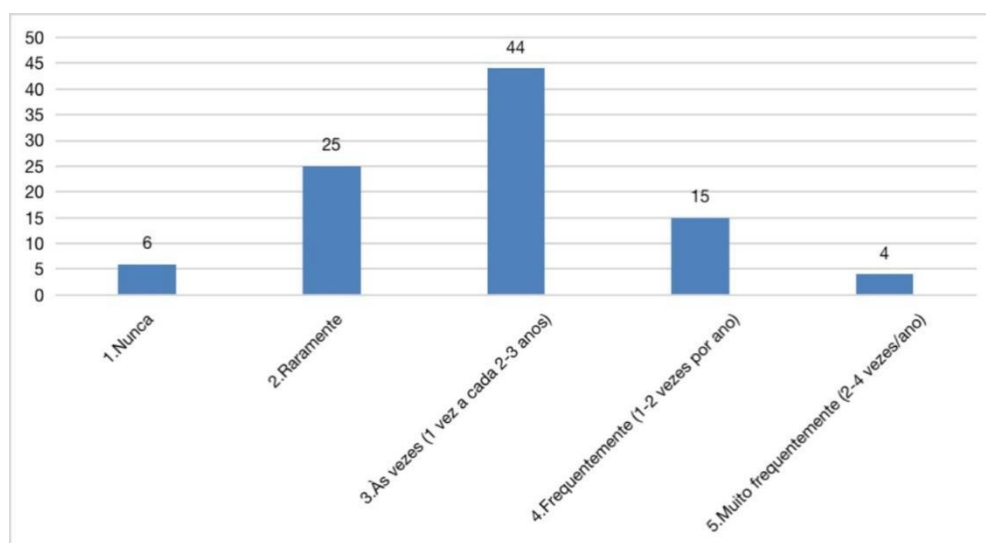


Fig. 21 - Frequência das visitas à China

A figura 22 ilustra as respostas obtidas para a questão “Quais são as principais dificuldades sentidas que encontra na sua vida escolar em Portugal?”

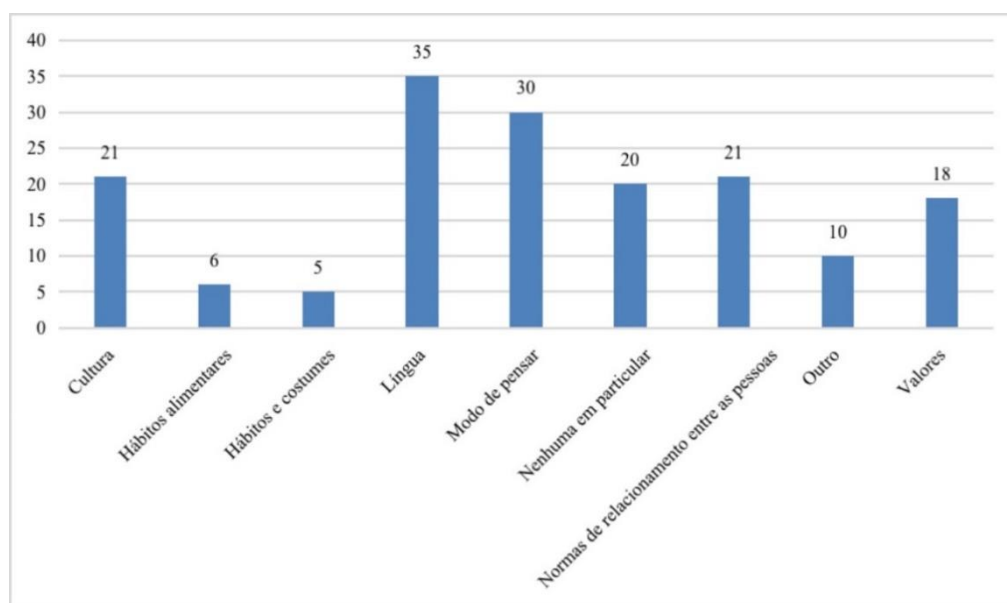


Fig. 22 - Principais dificuldades sentidas na vida escolar em Portugal

Esta pergunta é de escolha múltipla. 35 inquiridos (37,2% da amostra) elegeram a língua como a grande dificuldade que a segunda geração encontra na vida escolar e 30 inquiridos consideram que o modo de pensar dos Portugueses é a sua principal dificuldade. As normas de relacionamento entre indivíduos e a cultura são a principal dificuldade para 21 inquiridos (22,3% da amostra). 20 inquiridos (21,3%) indicaram não ter nenhuma dificuldade em particular e 18 inquiridos (19,1%) apontaram as

diferenças de valores como a principal dificuldade. Um pequeno grupo de indivíduos, 4 (4,3%), escolheram os hábitos alimentares e a questão dos hábitos e costumes foi indicada por 5 indivíduos (5,3%).

As respostas à questão “Quais são as principais dificuldades sentidas que encontra no quotidiano em Portugal?” apresentam-se na figura 23.

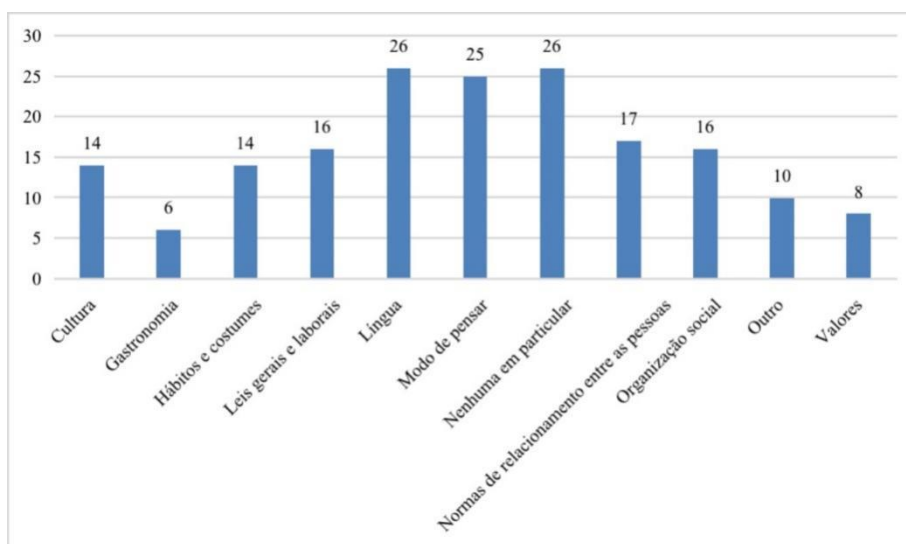


Fig. 23 - Principais dificuldades sentidas na vivência quotidiana em Portugal

Esta pergunta permitia escolhas múltiplas. Em comparação com a vida escolar, os indivíduos encontram mais dificuldades na vida quotidiana em Portugal. Destacamos a língua, escolhida por 26 inquiridos (27,7% da amostra) e as diferenças no modo de pensar, eleito por 25 indivíduos (26,6%) como as maiores dificuldades apontadas. Já um considerável número de inquiridos (26) indica não se deparar com nenhuma dificuldade em particular. 17 (18,1%) respondentes indicaram como maior dificuldade as normas de relacionamento entre pessoas. A leis gerais e laborais assim como a organização social foram eleitas pelo mesmo número de indivíduos, 16 (17% da amostra).

No que concerne à questão “Qual é a língua mais utilizada nas suas interações diárias?”, 66 inquirido (70,2%) refere utilizar mais o mandarim nas suas interações diárias, 17 indivíduos (18,1%) utilizam mais o português, 8 indivíduos (8,5%) preferem usar dialeto e 3 dos inquiridos (3,2% da amostra) utilizam outra língua no seu quotidiano.

À questão “Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a totalmente afastado e 5 a

totalmente integrado, como avalia o seu grau de integração na sociedade e cultura portuguesa?”, um elevado número dos indivíduos escolheu a opção “Moderadamente integrado”, 28 indivíduos (29,8%) consideram encontrar-se bem integrados, 11 inquiridos (11,7%) sentem-se pouco integrados na sociedade e cultura portuguesas, 10 inquiridos (10,6%) escolheram a opção “totalmente integrado” e somente uma pessoa elegeu a opção “totalmente afastado”. Então, podemos concluir que é bastante reduzido o número de indivíduos que não se encontra bem integrado na sociedade e cultura portuguesas (figura 24).

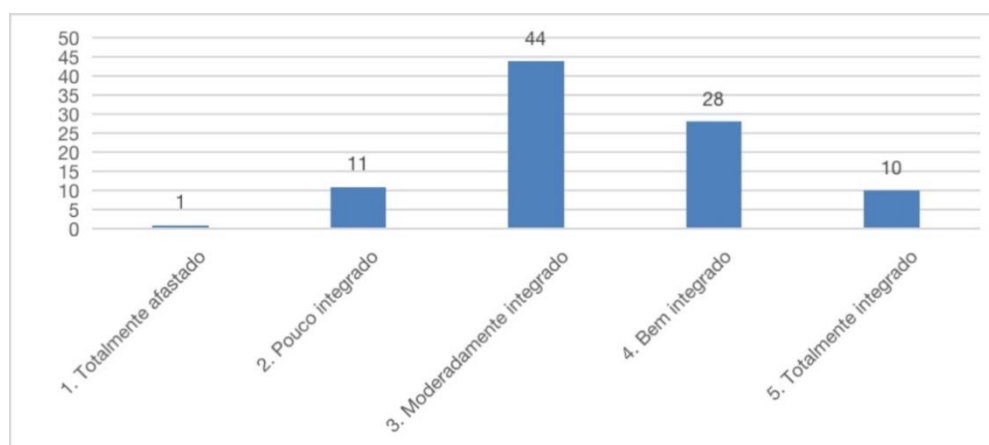


Fig. 24 - Percepção do grau de integração na sociedade e cultura portuguesas

À questão “Deseja viver/regressar à China no futuro?”, 47 inquiridos (50% da amostra) afirmaram que “Sim”, 38 indivíduos (40,4%) referiram que não tinham certeza quanto ao destino futuro e escolheram “Talvez”. Um grupo menor de respondentes, 9 (9,6%), escolheram “Não”, que não desejavam viver na China ou regressar à China no futuro.

No que diz respeito à questão “Com que cultura se identifica mais?”, um elevado número de indivíduos, 63 (67%), indica que se identifica mais com a cultura chinesa e 26 indivíduos (27,7% da amostra) indicaram que se identificam com ambas, isto é, com a identidade chinesa e também com a identidade portuguesa. Apenas 5 indivíduos (5,3%) assumiram a identidade é portuguesa como sendo a sua identidade.

A figura 25 ilustra as respostas obtidas para a questão “Há algum aspeto da cultura/sociedade chinesas com o qual não se sente confortável e ao qual, caso tivesse que viver permanentemente na China, teria dificuldades em se adaptar? (Por exemplo, o modelo de trabalho 996<sup>2</sup>, trabalho extra, utilitarismo, partilha de despesa

<sup>2</sup> O sistema de trabalho 996, o qual se encontra bastante enraizado na cultural laboral chinesa,

restaurante/café, educação, acesso limitado a redes sociais/sítios de internet, etc.)”

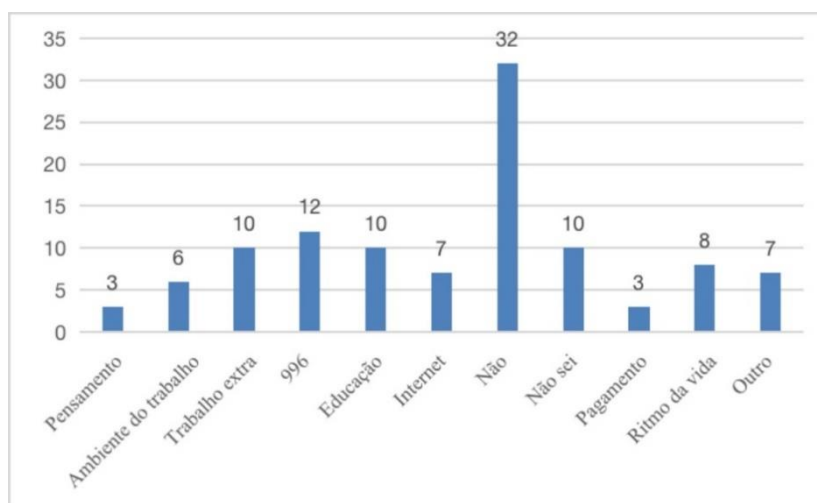


Fig. 25 - "Há algum aspeto da cultura/sociedade chinesas com o qual não se sente confortável e ao qual, caso tivesse que viver permanentemente na China, teria dificuldades em se adaptar?"

Nesta questão 32 indivíduos, isto é 34% da amostra, consideram não antever dificuldades para se adaptarem a uma futura vida na China. Já 12 indivíduos (12,8%) apontaram que não se sentiriam confortáveis com o modelo de trabalho 996 e o trabalho extra foi também selecionado por 10 indivíduos. A educação, selecionada por 10 indivíduos, é outra questão para a qual necessitariam de um maior tempo de adaptação. 8 indivíduos, 8,5% da amostra total, consideram que o ritmo da vida constituiria uma dificuldade na adaptação e 7 inquiridos concordaram que as limitações à Internet poderiam ser igualmente um problema.

---

corresponde a trabalhar das 9h00 da manhã às 9h00 da noite, seis dias por semana – prática que, na verdade, vai contra a lei chinesa, que prevê 40 horas semanais de trabalho.

## **CAPÍTULO 4 – REFLEXÃO CRÍTICA**

Pretende-se que, no presente capítulo, os dados dos resultados obtidos a partir do questionário apresentado no Capítulo 3 sejam cruzados com a base teórica apresentada no Capítulo 2, procedendo-se, assim, a uma reflexão sobre a identidade dos Chineses de segunda geração que atualmente residem em Portugal. É ainda nosso objetivo analisar os fatores que influenciam essa identidade, assim como as dificuldades encontradas por esta geração no processo de busca e construção da sua identidade pessoal e coletiva.

Esta dissertação centra-se na segunda geração de Chineses residentes em Portugal, examinando-se a relação entre os inquiridos e dois grupos de comunidades - a comunidade chinesa e a comunidade portuguesa. Ao crescerem em Portugal, os Chineses de segunda geração vivem em dois ambientes linguísticos/culturais distintos: (1) na sociedade portuguesa eles têm de comunicar em língua portuguesa, no seu dia a dia, na escola, no mercado, nos cinemas, entre outros locais que fazem parte da sua vida quotidiana. (2) Junto da comunidade chinesa, podem utilizar a sua língua nativa, o mandarim, para comunicarem. Portanto, o presente estudo sobre a identidade da segunda geração de Chineses residentes em Portugal não pode ser separado do seu contexto cultural. A memória individual é um processo de armazenamento do passado, bem como um processo de construção da identidade, portanto, as memórias desta segunda geração de chineses também terão, em certa medida, um impacto na sua identidade. As memórias familiares também têm impacto sobre eles, levando a diferenças individuais neste grupo, pelo que a situação individual e coletiva será estudada de uma perspetiva individual para uma perspetiva de grupo.

Em suma, este capítulo analisará os resultados dos dados do questionário sob quatro perspetivas: cultura, identidade, memória, individual e coletiva, para estudar a integração da segunda geração de Chineses residentes em Portugal na sociedade portuguesa, assim como procurará identificar os elementos que integram o “mapa identitário” (Simões, 2015<sup>a</sup>; Simões, 2014) deste grupo de indivíduos, isto é, os vários elementos e identificações que integram o seu Eu e influenciam a perceção que têm de si próprios e do mundo.



#### **4.1 Da perspectiva das diferenças culturais entre a China e Portugal**

Considera-se que a cultura é sempre um fenómeno coletivo e a segunda geração de Chineses em Portugal constitui um grupo especial, na medida em que vivem simultaneamente inseridos em dois grupos distintos e concomitantemente são influenciados pelas culturas de cada um. O estudo da cultura partilhada desta geração de Chineses exige o estudo do seu comportamento coletivo e do ambiente em que vivem.

Ao analisarmos os resultados do inquérito aplicado à nossa amostra relativamente à pergunta número 5 (“Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a nunca e 5 a sempre, como avalia a frequência com que os seus pais lhe falam sobre a sua vida / a experiência na China”), sabemos que 70% das famílias dos inquiridos ainda mantêm hábitos chineses semelhantes aos que mantinham quando viviam na China, como exemplos descortinados através dos dados auferidos no questionário do capítulo anterior, temos o facto de comerem com utensílios chineses (pauzinhos), no entanto, este resultado é inferior ao que a autora esperava, o que indicia que algumas das famílias começaram a ocidentalizar-se e a adaptar-se à cultura portuguesa. Relativamente à utilização de mobiliário chinês na decoração interior das suas habitações, 29,8% das famílias responderam de forma positiva, itens de difícil transporte da China para Portugal, com custos elevados e frequentes danos no processo de transporte, e itens que, ao comprar localmente, têm custos muito mais acessíveis, contudo, isto faz transparecer indiretamente o extremo reconhecimento da cultura chinesa por parte destas famílias. Da amostra, apenas 30,9% dos indivíduos afirmam ter loiça decorativa com motivos chineses nas suas habitações, com, por exemplo, paisagens, ilustrações de livros famosos chineses, bustos, etc. Como esta questão é de escolha múltipla, a mesma família pode ter vários itens chineses e o resultado obtido para a loiça decorativa não se mostra o mais adequado em comparação com a presença de mobiliário, uma vez que as loiças decorativas são de fácil transporte, podendo até ser compradas no mercado online. No entanto, o uso de loiça com motivos chineses pode também influenciar a identidade da segunda geração; ao mesmo tempo, tal reflete também a atitude dos pais da segunda geração perante a cultura chinesa, a pouca importância dada à educação cultural nativa nesta geração chinesa.

Por seu turno, 65 inquiridos, ou seja, cerca de 70% da amostra, celebram sempre ou frequentemente os festivais chineses. Contudo, há ainda 6 inquiridos que afirmam não celebrarem ou quase nunca celebrarem os festivais tradicionais chineses. O Ano Novo Chinês surge como o principal festival celebrado, uma vez que este festival é, em certa

medida, o epítome da cultura chinesa, sendo extremamente comum a sua celebração em todas as famílias na China. O Ano Novo Chinês é celebrado por 87 indivíduos, 92,6% do total da amostra, o que, ainda assim, significa que 7 famílias não o celebraram. Os restantes festivais tradicionais chineses, como por exemplo o Festival do Outono, Festival do Barco do Dragão e o Festival das Laternas foram todos apontados como alvo de celebração, mesmo que em menor grau do que a autora esperava, numa ordenação de 61,7%, 53,2% e 50%, respetivamente. Embora estes festivais tradicionais não sejam de uma importância que se possa comparar com a do Ano Novo Chinês, são fortemente celebrados na China e são também os principais festivais celebrados pelo Instituto Confúcio no estrangeiro.

Na questão número 9, questiona-se a segunda geração de Chineses a respeito da cultura com que mais se identifica e 5 dos inquiridos afirmaram preferir a cultura portuguesa, o que indica que estes indivíduos se identificam mais não só com a cultura portuguesa, mas também com a identidade portuguesa. No entanto, a maioria do grupo inquirido posiciona-se entre ambas as culturas, porque atua efetivamente entre elas, entre a cultura chinesa nas suas famílias e a cultura portuguesa que contactam na escola e na sociedade – circunstância que influenciará profundamente a identidade desta segunda geração. Com efeito, e tal como é defendido por diversos autores (veja-se Capítulo 2), cada um de nós pode ser portador de múltiplas identidades, neste caso, estudantes com a mesma identidade dos seus colegas de turma, filhos da geração que vieram para Portugal trabalhar, indivíduos da comunidade chinesa, funcionários de lojas chinesas, etc.

A autora acredita que alguns inquiridos preferem ambos os hábitos/costumes, mas identificam-se mais com os hábitos/costumes chineses. Apenas uma pequena percentagem de inquiridos que gostam e se identificam mais com a cultura portuguesa têm uma visão clara sobre este assunto. Segundo Triandis (1994, p.23), a cultura é o conhecimento empírico no seu ambiente social, então, os hábitos e os costumes são o que se aprende na vida, o que significa que estes são adquiridos a partir do contexto onde atuamos, e consequentemente são os que se tornam mais familiares, e da nossa preferência.

Na pergunta número 17, “Com que cultura se identifica mais?”, um total de 5,3% indivíduos preferem a cultura portuguesa, 67% da amostra diz preferir a cultura chinesa e 27,7% deles identificam-se com ambas as culturas. A diferença auferida nos resultados destas perguntas mostra que uma parte do grupo da segunda geração de Chineses residentes em Portugal se identifica mais com a cultura chinesa, mas prefere viver com

ambas as culturas. A cultura ocidental de Portugal e a cultura tradicional do confucionismo da China são duas culturas muito distintas entre si e as diferenças culturais encontradas pela segunda geração de Chineses são evidenciadas pelo choque entre as duas culturas.

### *Índice de Distância ao Poder*

Em comparação com o índice de Distância ao Poder de Portugal (cf. supra, p. 41), o índice da China é mais elevado e isto reflete-se em várias perspetivas. Na China, os idosos são mais respeitados, especialmente na província mais tradicional, Shandong, terra natal de Confúcio, onde crianças e netos fazem prostrações aos idosos nos seus aniversários, e onde é dada mais atenção à antiguidade, por exemplo, uma criança numa posição superior será respeitada pelos seus descendentes adultos. Na escola, o núcleo da educação é o professor, o que significa que os estudantes não têm o direito de escolher a sua educação, e isto traz um grande peso para os estudantes. Na pergunta número 18 (“18. Há algum aspeto da cultura / sociedade chinesas com o qual não se sente confortável e ao qual, caso tivesse que viver permanentemente na China, teria dificuldades em se adaptar? (Por exemplo, 996, trabalho extra, utilitarismo, modo de pagamento da conta, modo da educação, acesso limitado a redes sociais/sítios de internet, etc.)”), 10 indivíduos mencionaram a educação, e no capítulo 1 reparou-se que a educação é também uma das razões para a migração, além de que a educação portuguesa gratuita e menos inflexível é a preferida dos pais chineses. No trabalho, as relações entre superiores e subordinados são mais complexas, prevalecendo um sentido de desigualdade entre os indivíduos; a este respeito, na pergunta número 18 seis indivíduos mencionaram o “Ambiente do trabalho”. Embora os inquiridos não tenham indicado qual o aspeto em específico, entende-se que a distância ao poder se apresente como um fator chave que influencia o ambiente, tendo, por outro lado, 10 indivíduos apontado também o fator “trabalho extra”.

Em Portugal também se pratica o trabalho extra não remunerado, prática que ocorre à margem de uma lei que define 40h/semana para o setor privado e 35h/semana para os trabalhadores em funções públicas. Com efeito, trabalhar 2 ou 3 horas para além do estipulado no contrato de trabalho, sem qualquer pagamento suplementar, parece ser uma cultura instituída, em particular quando se assumem funções de natureza mais cognitiva. Em muitos casos parece prevalecer a perceção de que “dar tempo à casa” é sinal de empenho e dedicação à empresa e que se os colaboradores não ficarem mais tempo no escritório tal “pode parecer mal”, premiando-se, no fundo, quem fica até tarde mesmo

que isso seja apenas resultado de não se ter sido eficiente durante o dia (Relvas, 2018). No caso da China, um país com alto índice de Distância ao Poder, os empregados devem de trabalhar mais, por exemplo, os funcionários do setor da banca trabalham mais tempo em busca do reconhecimento de uma boa *performance*. Por norma, os trabalhadores na China trabalham mais horas do que os Portugueses que, segundo dados Eurostat (2021), trabalham 38,4 horas semanais, em média. Para além disso, muitos Chineses também não têm fins de semana, continuando um elevado número a trabalhar a partir de casa – cenário laboral que pode constituir uma motivação para os inquiridos preferirem viver em Portugal.

### *Individualismo versus Coletivismo*

Ambos os países são coletivistas, mas Portugal é mais individualista, mais concentrado na privacidade individual e nas ideias individuais, enquanto a China coloca um maior foco no bem coletivo. Para a segunda geração de Chineses residentes em Portugal, estas diferenças de Individualismo *versus* Coletivismo entre as duas culturas representam as principais dificuldades. Nas perguntas 11 e 12 do questionário, referentes ao “Modo de pensar” e às “Normas de relacionamento entre as pessoas”, este último fator aparece com maior destaque. Quanto à questão das diferenças de valores partilhados dentro de cada grupo, os inquiridos encontram mais dificuldades nas escolas e, tal como referido anteriormente no Capítulo 1, os indivíduos da comunidade chinesa ajudam-se uns aos outros em Portugal, especialmente nas empresas familiares, enquanto que a relação entre Chineses e Portugueses é normalmente cooperativa. Porém, na vida escolar, trata-se mais de diferenças de valores e de pensamento entre indivíduos, e normas de relacionamento entre as pessoas. Na pergunta número 2, metade dos indivíduos afirma interagir mais com os amigos da comunidade de origem dos pais. Nesse caso, quando a segunda geração tem dificuldade de relacionamento na escola, estes indivíduos têm pouco contacto com os seus colegas portugueses, e muitas vezes não conseguem entender o pensamento dos colegas à sua volta. Como vem descrito no capítulo 2, Portugal demonstra mais preocupação com os interesses pessoais; no caso de indivíduos da segunda geração chinesa que têm um menor relacionamento com indivíduos portugueses, estes terão mais dificuldades na integração ou aceitação de uma visão mais “individualista”.

### *Masculinidade versus Feminilidade*

A cultura portuguesa é feminina, enquanto a cultura chinesa tem um forte carácter de masculinidade. Os Portugueses preocupam-se com o equilíbrio entre trabalho e família,

enquanto os Chineses acreditam que o trabalho tem precedência sobre a família. Além disso, os Chineses veneram os indivíduos com poder e ensinam aos seus filhos que os rapazes não devem chorar e que as raparigas não devem lutar. No capítulo 2, abordou-se a questão da influência da família na criança individual e, de acordo com as observações da autora, as famílias portuguesas frequentemente têm mais crianças e as diferenças na forma como os pais tratam os seus filhos afetam os valores dos seus filhos, bem como definem as normas com que se relacionam.

### *Aversão à Incerteza*

No que concerne ao indicador Aversão à Incerteza, a China apresenta uma pontuação baixa ao passo que Portugal apresenta uma pontuação muito elevada. Os Portugueses são, por norma, mais relutantes em mudar de emprego e a incerteza inerente à vida é vista como um perigo, enquanto os Chineses se adaptam à mudança de emprego e são capazes de aceitar a incerteza da vida com maior facilidade. Em Portugal, as pessoas precisam de uma estrutura clara e de uma certa organização, tanto no seu trabalho como nas suas vidas. Na China, pelo contrário, não só existe incerteza quanto aos seus tempos livres, como as pessoas são frequentemente sujeitas a trabalho temporário ou adiam o trabalho que estavam destinadas a fazer, neste caso, não podendo completar o dia de trabalho e utilizar horas extras para compensar o atraso do tempo. Portanto, se um Chinês da segunda geração que vive em Portugal há muitos anos regressar à China para trabalhar ou viver, irão se deparar com algumas dificuldades. Na pergunta número 16 (“Deseja viver/regressar à China no futuro?”), metade dos inquiridos respondeu “Talvez” e “Não”, o que nos pode levar a considerar que têm um certo medo de trabalhar e viver na China e são, portanto, menos determinados, o que é parcialmente influenciado pela cultura portuguesa.

### *Orientação para o Longo Prazo versus Curto Prazo*

A China é uma cultura orientada para o longo prazo, enquanto Portugal é orientada para o curto prazo. Como a cultura é uma grande influência da formação e manutenção da sociedade, a cultura chinesa considera que as tradições são adaptáveis à mudança de circunstâncias. Isto reflete-se na pergunta número 9 (“Prefere os hábitos e os costumes chineses ou portugueses?”), onde mais de metade da segunda geração apresenta um elevado nível de aceitação e integração nos costumes/hábitos portugueses. Além disso, podemos perceber que tentam aprender com os outros países, características refletidas na pergunta número 14 (“Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a totalmente afastado

e 5 a totalmente integrado, como avalia o seu grau de integração na sociedade e cultura portuguesa?”), em que a maioria dos indivíduos respondeu em concordância com a capacidade de se integrarem na sociedade e na cultura portuguesa. Na pergunta número 12 (“Quais são as principais dificuldades sentidas que encontra no quotidiano em Portugal?”), sabemos que existem muitas dificuldades na vida que são difíceis de ultrapassar e que todos eles são capazes de as resolver através dos seus próprios esforços e tentam integrar-se na sociedade. Percebemos a vontade dos inquiridos regressarem à China na pergunta número 16 (“Deseja viver/regressar à China no futuro?”), metade dos inquiridos respondeu “Talvez” e “Não”, o que nos pode levar a considerar que têm um certo medo de trabalhar e viver na China e são, portanto, menos determinados, o que nos parece ser uma influência parcial da cultura portuguesa.

### *Indulgência versus Restrição*

Relativamente à Indulgência versus Restrição, tanto a China como Portugal são países com culturas restritivas, embora a China em maior grau. Os países com restrições consideram que o lazer é menos importante, pelo que este aspeto afeta a preferência dos inquiridos pelos hábitos/costumes de ambas as culturas. Ao mesmo tempo, o ambiente descontraído torna mais fácil a adaptação dos indivíduos. Devido às diferenças regionais de desenvolvimento, o influxo de talentos para as cidades desenvolvidas levou a um elevado nível de involução e, portanto, a níveis mais baixos de felicidade, razão pela qual metade dos indivíduos hesita em regressar à China ou até não o pretende fazer de todo. Ao falar com os entrevistados, a autora descobriu que a segunda geração sentiu menos pressão para estar em Portugal, tanto na escola como no trabalho. Ao mesmo tempo, a maioria dos indivíduos mencionou o trabalho, a educação e o ritmo de vida na pergunta número 18, como aspetos da cultura/sociedade chinesa com o qual não se sentiriam confortáveis em caso de viverem permanentemente na China.

## **4.2 Da perspectiva da identidade pessoal e coletiva**

Há muitos elementos que influenciam a identidade, sendo a cultura uma grande influência da formação e manutenção da identidade. A identidade não é inata, mas sim formada inconscientemente ao longo do tempo, assim, a cultura com a qual um indivíduo tem maior contacto após o seu nascimento exerce uma forte influência sobre a sua identidade. Por isso, podemos assentir que a identificação com uma cultura é a identificação com

uma identidade. Desses fatores que influenciadores na formação da identidade de uma pessoa, inclui-se o papel que essa pessoa desempenha na sociedade. Na dimensão da amostra do inquérito, 58% dos inquiridos eram estudantes, os restantes exercem uma variedade de papéis na sociedade portuguesa. No entanto, independentemente do ambiente profissional, existe um contacto estreito com a cultura de ambos os grupos, pelo que este documento pretende explorar a identidade cultural da segunda geração de Chineses. Todavia, em todos os ambientes profissionais existe um contacto próximo com a cultura de ambos os grupos, pelo que este trabalho pretende explorar a identidade cultural.

Na pergunta número 17 do questionário “Com que cultura se identifica mais?”, 67% dos inquiridos identificaram-se com a cultura chinesa, 27,7% escolheram ambas as culturas e apenas 5,3% deles identificaram-se unicamente com a cultura portuguesa. Contudo, a identidade coletiva enfatiza as coisas e as semelhanças que são partilhadas pelos indivíduos. Precisamos de estudar a semelhança deste grupo, esta não é a alteridade dos vários indivíduos. Viver/Regressar à China é uma representação indireta da escolha da segunda geração de duas culturas em termos da escolha de viver em dois países, sendo a escolha o resultado da identificação. A resposta “Talvez” implica a dificuldade de escolha entre duas culturas, por isso a autora interpreta-a como uma escolha de ambos, viver em Portugal e viver na China. Como a identidade coletiva é construída e negociada através de uma ativação repetida das relações que ligam os indivíduos (grupos), a autora coloca a questão número 2 - “Com quem se relaciona mais?”, apresentando-se desta forma a cultura com a qual a segunda geração mais frequentemente interage. Junto destes e frequentemente através de processos inconscientes, a segunda geração constitui e consolida a sua identidade. Como apresentado na secção anterior, a autora discutiu a relação entre hábitos/costumes e cultura, e embora haja mais indivíduos que responderam “Ambas as culturas”, a identidade com a cultura chinesa é extremamente evidente, tal como se pode observar nos dados apresentados na figura 26.

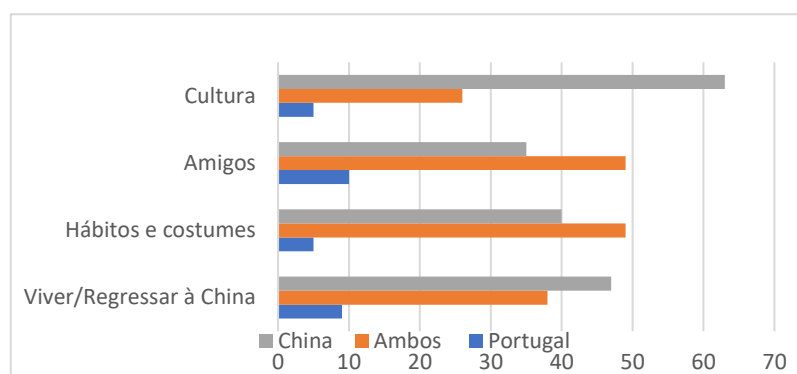


Fig. 26 - Comparação dos resultados das perguntas 2. "Com quem se relaciona mais? ", 9. "Prefere os hábitos e os costumes chineses ou portugueses?", 16. "Deseja viver / regressar à China no futuro?" e 17. "Com que cultura se identifica mais?"

No geral, a segunda geração de Chineses identifica-se em menor grau com a cultura portuguesa, identificando-se, pois, mais com a cultura dos seus pais – por norma, os identificadores primários de cada indivíduo, ou seja, os principais influenciadores no processo de constituição identitária individual. Embora, de certa forma, esta geração concorde com a sua identidade, temos de nos perguntar porque é que este grupo prefere utilizar os hábitos e costumes de ambas as culturas. Isto reflete não só a identificação com as duas culturas, mas também um certo estado de ambivalência. O grupo de segunda geração viverá as suas vidas de uma forma particular, sempre em função do contexto cultural em que atuam a cada momento. Por exemplo, num restaurante português usam obviamente uma faca e um garfo, enquanto num restaurante chinês também podem usar naturalmente pauzinhos. Em termos de celebrações e feriados, as suas escolas e empresas tiram férias de acordo com as festas portuguesas, enquanto os feriados tradicionais chineses são celebrados com as suas famílias, pelo que podemos assumir que os seus hábitos serão sempre influenciados pelo seu ambiente.

Para um bem-sucedido processo de integração, a segunda geração de Chineses precisa de compreender e adaptar-se à cultura portuguesa e, a partir das respostas dadas à pergunta número 14 “Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a totalmente afastado e 5 a totalmente integrado, como avalia o seu grau de integração na sociedade e cultura portuguesa?”, podemos assumir que esta geração se integrou relativamente bem. A cultura influencia o seu estilo de vida e identidade deste grupo, e o processo de integração na sociedade portuguesa é também um processo que contribui para a construção da sua identidade.

Na secção anterior observámos que 60,7% das famílias dos inquiridos dão mais



importância aos festivais chineses e, ao mesmo tempo, 67% identificam-se mais com a cultura chinesa, pelo que podemos constatar uma forte influência familiar junto desta segunda geração, a qual, por conseguinte, influencia também a sua identidade. Simultaneamente, a autora comparou as culturas de China e Portugal, países que apresentam culturas muito distintas. Segundo a opinião da segunda geração chinesa, as diferenças no trabalho e na educação apresentavam-se como mais óbvias. Em comparação com o ambiente na China, a sociedade portuguesa parece, no geral, apresentar menores níveis de stress. Por um lado, isto pode ser observado na preferência da segunda geração por “Viver/Regressar à China” e “Hábitos e costumes”, no dado de que alguns indivíduos gostam de ambas as culturas, mas as diferenças culturais não afetam o gosto da cultura do grupo. Por outro lado, pode refletir-se no facto de que a maioria dos indivíduos se identifica mais com a cultura chinesa, tendo até escolhido a identidade chinesa durante o seu processo de vivência entre duas culturas.

#### **4.3 Da perspectiva da memória pessoal e coletiva**

No que concerne à memória pessoal e coletiva, um dos aspetos fundamentais a ter em linha de conta é que “as primeiras experiências de uma pessoa podem influenciar, de alguma forma, padrões de comportamento do futuro” (Zhao, 2021, p.15), verificando-se que tal princípio é também corroborado pelo nosso questionário. Com efeito, os indivíduos de segunda geração nascidos em Portugal vivem com os seus pais durante vários anos até ingressarem na escola portuguesa, para além de que passam esses primeiros seis anos de vida também em comunicação permanente com a restante comunidade chinesa. Da amostra, 86,2% dos inquiridos indicaram viver principalmente com as suas famílias e 92,6% têm familiares a viver em Portugal.

Pode-se, pois, constatar que a maioria dos inquiridos mantém contacto com a cultura e a memória chinesa. Como mostra o gráfico 27, em geral, a maioria dos inquiridos encontra-se estreitamente relacionada com a comunidade chinesa, contudo a diferença de frequência de contacto com as duas comunidades não se mostra significativa. Em suma, ao contrário da primeira geração chinesa, a segunda geração já possui laços estreitos com as duas culturas.

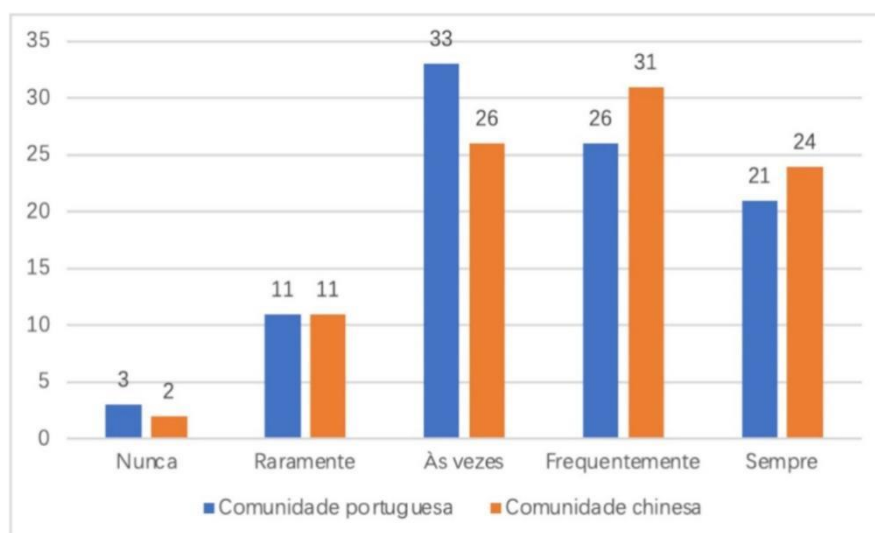


Fig. 27 - Comparação dos resultados das perguntas 3. "Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a nunca e 5 a sempre, como avalia a frequência do contacto próximo com a comunidade portuguesa?" e 4. "Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a nunca e 5 a sempre, como avalia a frequência do contacto próximo com a comunidade chinesa local?"

Como se referiu no Capítulo 2 do presente trabalho, a memória é algo que não é fiel na medida em que é uma (re)construção do indivíduo, crivada e moldada por um conjunto de circunstâncias diversas. Existe sempre uma relação entre o esquecimento e a memória, a qual, simultaneamente, é também influenciada pelo que acontece mais tarde na sua vida, criando-se novas perceções das coisas. Isto reflete-se na identidade cultural do grupo da segunda geração. Embora as primeiras experiências familiares os tenham influenciado, a exposição posterior a ambos os grupos também os influenciou; como pudemos observar, 27,7% dos indivíduos identificam-se com ambas as culturas. Por outras palavras, as experiências de vida afetaram as suas memórias e à medida que o tempo passa, algumas memórias são esquecidas e tornam-se confusas, isto prova que a memória é mutável.

Acredita-se que a memória individual e a memória coletiva interagem mutualmente assim (Assmann, 2006). A memória individual é gerada no meio da proximidade social, interação regular, formas comuns de vida e experiências partilhadas, e a memória coletiva é “uma forma de memória que supera os indivíduos e é partilhada por um grupo.”

Na pergunta número 13 (“A linguagem mais utilizada nas suas interações diárias?”), 70,2% dos inquiridos afirmam utilizar mais o mandarim nas suas interações, e se conjugarmos este idioma com o uso do dialeto obtemos 78,7% de respostas. Sabe-se que a maioria dos inquiridos têm mais contacto com Chineses e, portanto, há mais memórias geradas por

esse intercâmbio; por seu turno, 18,1% dos inquiridos falam mais português. Pelo uso da linguagem, podemos ver que existe uma grande diferença entre os indivíduos, e que as diferenças na linguagem refletem os diferentes ambientes em que estes comunicam e produzem diferentes memórias pessoais. No gráfico acima (Figura 27), podemos aferir que este é um grupo intimamente relacionado com ambas as comunidades e, em certa medida, mais próximo da comunidade chinesa. Isto é um reflexo do facto da memória coletiva da segunda geração ser influenciada no geral por ambas as culturas, mas mais influenciado pela cultura chinesa. Além disso, a segunda geração de chineses que conhecemos na seção 4.1, identifica-se mais com a cultura chinesa, reforçando-se esta visão. Embora os indivíduos da segunda geração tenham memórias diferentes, influenciadas pelas duas culturas, cada indivíduo tem um nível diferente de interação com os dois grupos, logo, comunicam com diferentes memórias. No entanto, a memória coletiva da segunda geração supera a memória individual e enfatiza a uniformidade do grupo. Por exemplo, os eventos de Ano Novo Chinês nas embaixadas e as celebrações de Natal nas escolas são fragmentos da memória coletiva do grupo da segunda geração.

A pós-memória é uma forma dos indivíduos recordarem aquelas que são as memórias reais da geração anterior; fazem-no através da partilha de histórias, imagens e comportamentos entre os quais cresceram. Esta segunda geração é, pois, influenciada pelas memórias dos seus pais em todos os aspetos da sua vida familiar, desde a comida da sua terra natal, as palavras que descrevem as suas vidas passadas, as fotografias que têm em suas casas e os pequenos objetos que trouxeram da China, etc.

Tal como foi referido no capítulo 3, sabemos que 47 inquiridos (50%) têm em suas casas fotografias trazidas da China. A existência de fotografias implica sempre a presença de memórias e, por sua vez, de experiências passadas que lhes são transmitidas; a ausência de fotografias significa que estes indivíduos têm poucas oportunidades de conhecer/reviver as memórias dos pais e da origem da sua família, os elementos que, no fundo, deveriam contribuir para a construção da sua pós-memória. Embora 47,9% da amostra tenha familiares que às vezes lhes falam do passado, no geral a maioria do grupo da segunda geração é influenciada pela pós-memória. A falta de fiabilidade da memória, acima mencionada, é ainda mais evidente no caso da pós-memória, especialmente nas memórias que estes recebem das conversas com seus pais, por isso, podem apresentar um desvio do que aconteceu na história, através da sua própria compreensão. No entanto, estas memórias afetam as memórias individuais, neste contexto as diferenças entre cada

indivíduo são mais evidentes, uma vez que o que aconteceu em cada família será certamente diferente. Da perspectiva da cultura, a segunda geração influenciada pela pós-memória irá identificar-se mais com a cultura chinesa, uma vez que as memórias do passado da família lhes permitirão colocarem-se no passado e aprofundar o conhecimento que têm da vida dos seus pais na China. O facto da segunda geração se identificar mais com a cultura chinesa é também um efeito lateral da influência da pós-memória sobre este grupo.

Os festivais tradicionais chineses são por norma celebrados por toda a família, e quanto maior a frequência com que os pais da segunda geração descrevem as suas experiências na China, maiores são as oportunidades para esta geração sentir estas celebrações como suas também. Combinando as perguntas número 5 e 7 (“5. Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a nunca e 5 a sempre, como avalia a frequência com que os seus pais lhe falam sobre a sua vida / a experiência na China” / “7. Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a nunca e 5 a sempre, como avalia a frequência com que celebra as festividades tradicionais chinesas?”) pode-se observar na figura 28 que, no geral, é evidente que a segunda geração é claramente influenciada pelas narrativas transmitidas pela geração anterior.

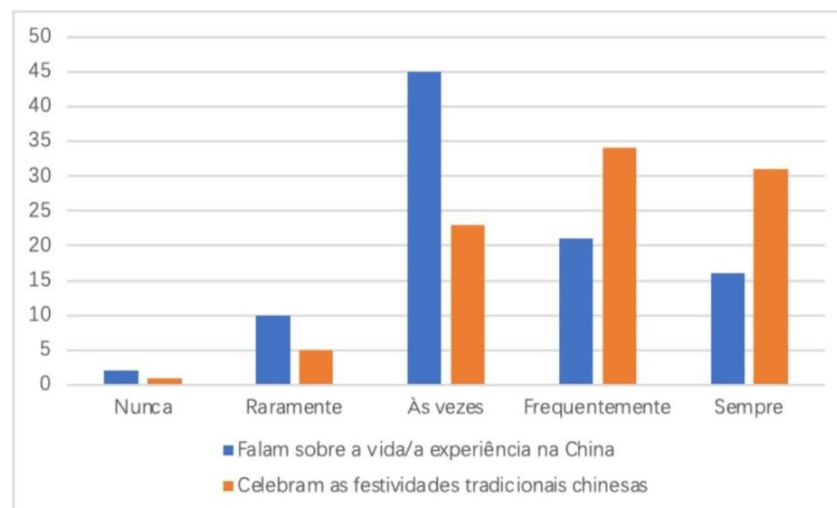


Fig. 28 - Comparação dos resultados das perguntas 5. “Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a nunca e 5 a sempre, como avalia a frequência com que os seus pais lhe falam sobre a sua vida / a experiência na China?” e 7. “Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a nunca e 5 a sempre, como avalia a frequência com que celebra as festividades tradicionais chinesas?”

#### **4.4 Da perspectiva do indivíduo e do grupo**

Relativamente às perspetivas individuais e grupais, sabemos que a cultura não é individual, mas partilhada por um grupo, portanto, aquando da discussão de cultura, o sujeito deve ser o grupo. Existe uma divisão individual e coletiva entre memória e identidade e, por isso, esta secção analisará a identidade e a memória a partir de uma perspetiva individual e coletiva.

Em primeiro lugar, precisamos de clarificar a relação lógica entre memória e identidade. Como “as nossas memórias são indispensáveis porque são as materiais a partir do qual se fazem a experiência individual, as relações interpessoais, o sentido de responsabilidade, e a imagem da nossa própria identidade” (Assmann, 2006, p.212), e cada memória individual se constitui em comunicação com os outros, o processo de memória é o de construção da identidade; tudo acontece sob a influência de um contexto social e é a cultura que determina o contexto social. Da memória individual à memória coletiva, do indivíduo ao nível coletivo, embora os objetos em que a memória ocorre estejam numa base individual, a essência é diferente, o sujeito da memória é o indivíduo do contexto social, e a memória coletiva inclui diferentes níveis, tais como indivíduo, relações entre indivíduos e grupo. As memórias partilhadas por um grupo de indivíduos, as mesmas memórias, constituem a mesma identidade também conhecida como identidade coletiva; tal como defende Assmann (2006), “memória coletiva” é o reconhecimento do conceito de “identidade coletiva”.

A segunda geração de Chineses em Portugal constitui-se como um grupo especial na medida que incorporou na sua identidade memórias de ambas as culturas, dos dois contextos sociais. Contudo, enquanto crianças, junto das suas famílias, nas interações na comunidade chinesa, na escola, ou como adultos que ainda vivem com a família e amigos e no local de trabalho, os sujeitos deste grupo são mais influenciados pela cultura chinesa e identificam-se mais com ela. Os inquiridos que se identificaram mais com a cultura portuguesa refletirão também as suas vivências e identificações na medida em que parece haver uma ligação entre o número de indivíduos que se identificam com a cultura portuguesa (5) e o facto de “raramente (5)” e “nunca (1)” celebrarem os festivais chineses e nunca terem visitado a China (6). A autora faz uma análise dos inquiridos que referiram identificar-se mais a cultura portuguesa (5) e resume-os na tabela 1.

Frequência de contacto próximo com a comunidade portuguesa	Frequência de contacto próximo com a comunidade chinesa local	Frequência com que visita a China	Grau de integração na sociedade e cultura portuguesa	Frequência com que celebra as festividades chinesas
Sempre	Raramente	Às vezes	Bem integrado	Às vezes
Sempre	Às vezes	Às vezes	Totalmente integrado	Frequentemente
Sempre	Frequentemente	Às vezes	Bem integrado	Frequentemente
Sempre	Frequentemente	Às vezes	Pouco integrado	Raramente
Às vezes	Às vezes	Raramente	Totalmente integrado	Sempre

Tabela 1 - Comparação dos casos especiais  
Fonte: Elaboração própria

Os resultados obtidos foram algo inesperados para a autora, na medida em que a frequência das visitas à China não pode influenciar a identidade da segunda geração de chineses, enquanto os inquiridos que responderam “Nunca” e “Raramente” foram influenciados por uma variedade de fatores objetivos. Além disso, estes indivíduos celebram as festas tradicionais chineses com muito mais frequência do que a autora esperava. Por conseguinte, a autora acrescentou à tabela a situação das relações e integração das duas comunidades, e como podemos verificar, aqueles que se identificam com a cultura portuguesa tendem a considerar-se bem integrados na sociedade portuguesa, assim como frequentam a comunidade portuguesa com proximidade, em comparação com uma interação com a comunidade chinesa menos frequente. Por conseguinte, a cultura afeta a identidade, mas não é um fator determinante da mesma. O fator mais importante é o grau de interação com a comunidade, e reflete o facto destes cinco inquiridos terem feito uma escolha sobre a sua identidade, mantendo os seus modos culturais chineses originais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apresentado no Capítulo 1 do presente trabalho, sabemos que ao longo da história os Chineses migraram para a Europa por razões históricas, económicas ou familiares, e para Portugal em resultado de incentivos políticos. Atualmente, a política dos Vistos Gold permite que mais Chineses se mudem para Portugal, razão pela qual os inquiridos vêm de toda a China. A maioria dos inquiridos neste questionário é, contudo, originária de Zhejiang, dado que coincide com a história da migração local, muito marcada pelo número de indivíduos que encontraram oportunidades em Portugal e, a partir daí, organizaram a vinda de familiares que residiam quer na China ou quer noutros pontos da Europa.

O segundo capítulo deste trabalho debruçou-se sobre os conceitos de cultura, identidade e memória, com um enfoque mais particular sobre as noções de identidade e memória coletivas, estabelecendo-se estes como a base fundamental para o quadro teórico desta pesquisa. Devido à curta história de imigração de Chineses em Portugal, o grupo da segunda geração chinesa residente em Portugal que constituiu o universo da amostra do questionário presente neste estudo é mais jovem que o grupo da primeira geração de Chineses. De acordo com os resultados do capítulo 3, 51,1% dos inquiridos têm idades inferiores a 20 anos, e 46,8% têm idades compreendidas entre os 20 e os 30 anos, sendo maioritariamente estudantes (58%). 15% da amostra afirmam ser funcionários de lojas chinesas e, talvez por isso, no geral têm um bom nível de proficiência em português – 87,2% com nível suficiente e mais alto –, no entanto, a maioria, 70,2%, ainda usa mandarim no seu quotidiano. Estes mantêm uma relação de proximidade com ambas as comunidades, sendo que 50% contacta frequentemente ou sempre com a comunidade portuguesa e 58,5% com a comunidade chinesa local. No que concerne às suas preferências, embora a maioria prefira viver em ambas as culturas, 52,1% da amostra assume uma maior proximidade com a cultura chinesa. A um nível cultural, 42,6% refere preferir a cultura chinesa.

No quarto capítulo do presente trabalho, foi desenvolvida uma análise de dados relativamente a cultura, identidade e memória, conceitos intimamente ligados entre eles. Se a cultura é o solo, então a memória é a nutrição e a identidade é a colheita, e no contexto da cultura, a memória influencia a identidade. Embora existam diferenças individuais no

grupo da segunda geração, este grupo identifica-se mais com a cultura chinesa e é influenciado pelo seu contexto de vida e pelas memórias dos seus pais, mas a uniformidade do grupo não representa diferenças individuais. Embora alguns sejam influenciados pela cultura e memória, o contacto mais próximo com a comunidade portuguesa do que com a comunidade chinesa a longo prazo afeta a identidade pessoal. A investigação de Hofstede (2002) sobre a cultura, por outro lado, poderia explicar a preferência dos chineses por viver com dois hábitos culturais, e as razões da dificuldade de adaptação à cultura chinesa (quando volta para a China), especialmente em termos de trabalho e educação.

Em conclusão, a identidade requer uma ligação próxima com o grupo de determinada cultura, enquanto a identidade com uma cultura não significa rejeitar completamente a outra, o indivíduo necessita compreender ambas as culturas, escolher o seu modo de vida preferido e definir melhor a sua identidade.

Ao mesmo tempo, a autora espera que se preste maior atenção ao grupo de Chineses pertencentes à segunda geração e que se estude em profundidade o processo de constituição da identidade deste grupo de indivíduos. Devemos estudar o processo de desenvolvimento da identidade e da integração deste grupo de forma aprofundada e, em especial, verificar e fazer o registo de possíveis alterações atitudinais à medida que envelhecem. Com o passar do tempo este grupo irá conhecer cada vez melhor estas duas culturas, e durante esse processo de aprofundamento das suas culturas talvez se venha a criar uma nova identidade.



## BIBLIOGRAFIA

Assembleia da República (2014). Pedido de adesão à CEE. *Boletim da Assembleia da República*. <https://app.parlamento.pt/comunicar/Artigo.aspx?ID=929>

Assmann, A. (2006). Memory, individual. *The Oxford handbook of contextual political analysis*, 5, 210.

Assmann, J. (2011). *Cultural memory and early civilization: Writing, remembrance, and political imagination*. Cambridge University Press.

Assmann, J., & Czaplicka, J. (1995). Collective memory and cultural identity. *New german critique*, 65, 125-133.

Benton, G. (2011). The Chinese in Europe: Origins and Transformations. *Religions & Christianity in Today's China*, 1, (1), 62-70.

Benton, G., & Pieke, F. (2016). *The Chinese in Europe*. London: Palgrave Macmillan Limited, 2nd ed.

Boavida, L. (2021). Os Fluxos migratórios Chineses para a Europa e Para Portugal – Evolução Recente. *Academia.Edu*.  
[https://www.academia.edu/26605243/OS\\_FLUXOS\\_MIGRAT%C3%93RIOS\\_CHINESES\\_PARA\\_A\\_EUROPA\\_E\\_PARA\\_PORTUGAL\\_EVOLU%C3%87%C3%83O\\_RECENTE](https://www.academia.edu/26605243/OS_FLUXOS_MIGRAT%C3%93RIOS_CHINESES_PARA_A_EUROPA_E_PARA_PORTUGAL_EVOLU%C3%87%C3%83O_RECENTE).

Bunnin, N. & Yu, J. (2001). *The Blackwell Dictionary of Western Philosophy*. Blackwell Publishing.

Buyme. (2021). Golden Visa: Requisitos e o Que Muda em 2021. <https://www.buymeproperty.pt/artigo/golden-visa-requisitos-e-o-que-muda-em-2021/5569>.

Castells, M. (2011). *The power of identity (2<sup>nd</sup> Edition)*. Chichester: Wiley-Blackwell.

Chen, Yande. (2002). 欧洲福建籍华人地缘性社团的个案研究. *Proceedings of the Academic Symposium of the Wuyuan Culture Research Association of Fujian Province*.

Cheng, Mei. (2015). 移民“后记忆”阴影下的自我重建. *Foreign languages*, 31(5), 20-25.

Comissão Europeia. (2006). *Europa sem fronteiras. O Espaço Schengen*. [https://ec.europa.eu/home-affairs/system/files\\_en?file=2020-09/schengen\\_brochure\\_dr3111126\\_pt.pdf](https://ec.europa.eu/home-affairs/system/files_en?file=2020-09/schengen_brochure_dr3111126_pt.pdf)

Cornell, S., & Hartmann, D. (2006). *Ethnicity and race: Making identities in a changing world*. Sage Publications.

De Mooij, M., & Hofstede, G. (2010). The Hofstede model: Applications to global

branding and advertising strategy and research. *International Journal of advertising*, 29(1), 85-110.

Du, J. (2019). 隐忍, 认同与时间性——在法华人移民劳工的劳务市场与劳动控制. *Sociological research*, 4.

Epstein, S. (1973). The self-concept revisited: Or a theory of a theory. *American psychologist*, 28 (5), 404.

Eurodicas. (2021). Golden Visa Portugal: regras em 2022 e como funciona. <https://www.eurodicas.com.br/golden-visa-portugal/>

European Commission, Directorate-General for Migration and Home Affairs (2015). *Europa sem fronteiras: o Espaço Schengen*, Publications Office. <https://data.europa.eu/doi/10.2837/4470>

Eurostat (2021). Hours of work - annual statistics. [https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Hours\\_of\\_work\\_-\\_annual\\_statistics](https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Hours_of_work_-_annual_statistics).

Friedman, J. (1994). *Cultural identity and global process* (Vol. 31). Sage Publications.

Gardiner, H. W., & Kosmitzki, C. (2005). *Lives across cultures: Cross-cultural human development*. Pearson Education New Zealand.

Gaspar, S. (2015). *A comunidade chinesa em Portugal: percursos migratórios, contextos familiares e mercado de trabalho*. CIES-IUL.

Gastil, R. D. (1961). The determinants of human behavior. *American Anthropologist*, 63(6), 1281-1291.

Gedi, N., & Elam, Y. (1996). Collective memory—what is it?. *History and memory*, 8(1), 30-50. <http://www.jstor.org/stable/25618696>

Habermas, J. (1985). *Para a reconstrução do materialismo histórico*. São Paulo: Brasiliense.

Halbwachs, M. (2002). *On collective memory*. Shanghai: Century Publishing Group of Shanghai.

Hall, E. T. (1959). *The silent language*. Garden City, N.Y: Doubleday.

Hall, E. T. (1976). *Beyond culture*. Anchor Books.

Hofstede, G. (2002). Dimensions do not exist: A reply to Brendan McSweeney. *Human relations*, 55(11), 1355-1361.

Hofstede, G. (2011). Dimensionalizing cultures: The Hofstede model in context. *Online readings in psychology and culture*, 2(1), 2307-0919.

Idealista (2021). Vistos gold: restrições ao programa só entram em vigor a 1 de janeiro de 2022. <https://www.idealista.pt/news/imobiliario/habitacao/2021/02/12/46277-vistos-gold-restricoes-ao-programa-so-entram-em-vigor-a-1-de-janeiro-de-2022>.

Jackson, T., & Aycan, Z. (2001). International Journal of Cross Cultural Management—Towards the Future. *International Journal of Cross Cultural Management*, 1(1), pp.5-9.

Kluckhohn, C., & Kelly, W.H. (1945). The concept of culture. In R. Linton (Ed.). *The Science of Man in the World Culture*. New York. 78-105.

Kroeber, A. L., & Kluckhohn, C. (1952). Culture: A critical review of concepts and definitions. *Papers. Peabody Museum of Archaeology & Ethnology*, Harvard University.  
Lamarescapela. (2021). Golden visa - Alterações ao programa português em 2021. <https://lamarescapela.pt/alteracoes-golden-visa-portugues-2021/>

Lamont, M., & Molnár, V. (2002). The study of boundaries in the social sciences. *Annual review of sociology*, 28(1), 167-195.

Li, M. (2008). 法国的中国新移民人口构成分析. *Journal of Xiamen University: Philosophy and Social Sciences*, p.3.

Li, M. (2014). 21 世纪初欧洲华侨华人人口构成概览. 华侨华人蓝皮书, 31-33.

Liang, Z., & Morooka, H. (2004). Recent trends of emigration from China: 1982–2000. *International Migration*, 42(3), 145-164.

Liu Y. (2010). From Collective Memory to Individual Memory: A Critical Reflection on the Social Memory Studies. *Chinese Journal of Sociology*, 30(5), 217-242.

Lv, T. (2013). 民国时期青田华侨群体研究. [Doctoral dissertation]. 吉林大学.

Matias, A. (2007). *Imagens e estereótipos da sociedade portuguesa sobre a comunidade chinesa. Interação multissecular via Macau* [Tese de Doutoramento]. ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa.

Melucci, A. (1995). The process of collective identity. *Social movements and culture*, 4, 41-63.

Ministério das Relações Exteriores da República Popular da China. (2019). 中国同葡萄牙的关系.

[https://www.fmprc.gov.cn/web/gjhdq\\_676201/gj\\_676203/oz\\_678770/1206\\_679570/sbgx\\_679574/](https://www.fmprc.gov.cn/web/gjhdq_676201/gj_676203/oz_678770/1206_679570/sbgx_679574/)

Morley, D., & Robins, K. (2002). *Spaces of identity: Global media, electronic landscapes and cultural boundaries*. London: Routledge.

Mortágua, M. J. V. D. A. (2011). Simbiose dos povos os imigrantes chineses no sul da europa na viragem do século xx para o Século XXI. [Doctoral dissertation]. Universidad de Salamanca.

Munsat, S. M. (1965). *The concept of memory* [Doctoral dissertation]. University of Michigan.

O'sullivan, T., Hartley, J., Saunders, D., Montgomery, M., & Fiske, J. (1994). *Key concepts in communication and cultural studies*. London: Routledge.

Parlamento Europeu (2006).1986: Europa passa a Doze com a adesão da Espanha e de Portugal. <https://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+IM-PRESS+20060111STO04190+0+DOC+XML+V0//PT>

Porto Editora (2022). Revolução Cultural.  
[https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$revolucao-cultural-chinesa](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$revolucao-cultural-chinesa)

Rego, A. (2004). Uma visão peculiar sobre a cultura nacional: a "tourada portuguesa" como metáfora. *Gestão e desenvolvimento*, 12, 105-121.

Relvas, A. (2018). O culto de trabalhar muitas horas. *Objetivo LUA*, <https://www.objetivolua.com/horas-extra/>.

Reis de Oliveira, C. (2003). Immigrants' Entrepreneurial Opportunities: The Case of the Chinese in Portugal. [https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=464682](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=464682)

RTP (2017). Início da “Revolução Cultural” na China. <https://ensina.rtp.pt/artigo/inicio-da-revolucao-cultural-na-china/>

Samovar, L. A., Porter, R. E., McDaniel, E. R., & Roy, C. S. (2016). *Communication between cultures*. Cengage Learning.

Simões, A.V. (2015<sup>a</sup>). Filhos da guerra: a transferência do trauma e do sentimento de culpa. A.G. Macedo (Org.), *Conflito e Trauma*. Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, Edições Húmus, 597-613.

Simões, A.V. (2015<sup>b</sup>). Holocaust testimony literature: articulating the fine line between fact and fiction. L. Marinescu (Coord.) *Language and Literature: Modernization and Modernity / Limbă și literatură: Modernizare și modernitate*. Editura Fundației României de Măine, București, 144-152.

Simões, A.V. (2014). It is not yet resolved. Post-memories of the Third Reich. Á. Mateos-Aparicio & E. Gregorio (Eds.), *Constructing Selves: issues on Gender, Age, Ethnicity and Nationhood (143 colección estudios)*. Cuenca: Ediciones de la Universidad Castilla-La Mancha, 129-140.

Simões, A.V. (2009). O lugar da memória na obra de jovens autores de expressão alemã [Tese de Doutoramento]. DLC, Universidade de Aveiro.

Song, Q. (2013). 中国海外移民在欧洲: 规模, 特征, 问题与前景. 理论学刊, 11, 69-73.

Tamir, Y. (2005). 自由主义的民族主义. 上海世纪出版集团.

Taylor, C. (1989). *Sources of the self: The making of the modern identity*. Harvard University Press.

Teixeira, A. (1998). *Entrepreneurs of the Chinese community in Portugal. The Chinese in Europe*. London: Palgrave Macmillan.

Times Online. (2005). 东北人在海外做什么. <http://www.time-weekly.com/wap-article/30591>

Ting-Toomey, S. (2005). Identity negotiation theory: Crossing cultural boundaries. W. Gudikunst (Ed.), *Theorizing about intercultural communication*. Thousand Oaks: Sage Publications, 211-233.

Triandis, H. C. (1994). *Culture and social behavior*. New York: McGraw-Hill.

Trompenaars, F. (1996). Resolving international conflict: Culture and business strategy. *Business strategy review*, 7(3), 51-68.

Trompenaars, F., & Hampden-Turner, C. (2011). *Riding the waves of culture: Understanding diversity in global business*. Nicholas Brealey International.

Tylor, E. B. (1871). *Primitive culture: Researches into the development of mythology, philosophy, religion, art and custom (Vol. 1)*. New York: Henry Holt.

Wang, Dongmei. (2020). 个人—集体：社会记忆的心理学视域. *天津社会科学*, 157-160.

Wendt, A. (1994). Collective identity formation and the international state. *American political science review*, 88(2), 384-396.

Wertsch, J. V., & Roediger III, H. L. (2008). Collective memory: Conceptual foundations and theoretical approaches. *Memory*, 16 (3), 318-326.  
<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09658210701801434>

Würtz, E. (2005). Intercultural communication on web sites: A cross-cultural analysis of web sites from high-context cultures and low-context cultures. *Journal of computer-mediated communication*, 11(1), 274-299.

Ye, Weichun. (2018). 文化记忆：从创伤到认同 . [Doctoral dissertation]. 福州：福建师范大学.

Yu, Y. (2016). *A imigração chinesa em Portugal e a sua integração linguística e cultural na sociedade portuguesa* [Tese de Doutoramento]. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Zhao, Yiran. (2021). 探究加缪个人记忆对小说《鼠疫》的陶染作用. *文学评论*. 15-17.

## ANEXO

### Questionário sobre a situação da segunda geração em Portugal

O presente questionário é elaborado no âmbito da unidade curricular “Dissertação” do Mestrado em Português Língua Estrangeira, ministrado no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, sob orientação da Professora Anabela Valente Simões. O objetivo deste estudo é investigar a identidade da segunda geração de chineses que vive em Portugal, a situação da integração na sociedade portuguesa e a sua relação com a comunidade chinesa.

Para tal a sua colaboração é muito importante. Por favor, responda às seguintes questões. O preenchimento do questionário demorará cerca de 10 minutos. Os dados recolhidos são anónimos e confidenciais.

Muito obrigada pela sua colaboração e pela sua disponibilidade.

\*必填

#### PARTE 1

Caracterização da amostra

##### 1. Género \*

單選。

- ☐ Masculino
- ☐ Feminino
- ☐ Prefiro não responder

##### 2. Idade \*

單選。

- ☐ < 20 (menos de 20)
- ☐ 20-30 (entre 20 e 30)
- ☐ 30-40 (entre 30 e 40)
- ☐ 40-50 (entre 40 e 50)
- ☐ >50 (mais de 50)

3. Nasceu na China ou em Portugal? \*

單選。

☐ China

☐ Portugal

4. Se nasceu na China, quantos anos tinha quando veio viver para Portugal?

---

5. Local/Cidade de residência em Portugal \*

---

6. Lugar de origem da China (da sua família) \*

---

7. Local de trabalho e função exercida em Portugal \*

---

8. Grau de escolaridade \*

單選。

☐ Ensino Básico / 1º Ciclo

☐ 2º Ciclo

☐ 3º Ciclo

☐ Ensino Secundário (Curso Científico-Humanístico)

☐ Ensino Secundário (Curso Profissional)

☐ Pós-secundário (Nível V)

☐ Licenciatura

☐ Mestrado

☐ Doutoramento

☐ Outro

9. Pessoas com quem vive em Portugal \*

單選。

- ☐ Sozinho(a)
- ☐ Com família
- ☐ Com amigos
- ☐ Com namorado(a)
- ☐ Outro

10. Tem familiares a residir em Portugal? \*

單選。

- ☐ Sim
- ☐ Não

11. Se respondeu “Sim” na questão anterior, há quantos anos a sua família veio morar para Portugal? \*

單選。

- ☐ < 1
- ☐ 1-3
- ☐ 3-5
- ☐ 5-10
- ☐ 10-15
- ☐ 15-20
- ☐ >20



12. Motivo(s) pelo qual (pelos quais) Portugal foi destino de emigração para a sua família \*

\*

(可複選)

- ☐ Melhor qualidade de vida
- ☐ Mais oportunidades de emprego
- ☐ Parentes a residir em Portugal
- ☐ Mudança social
- ☐ Outro

PARTE

2

Perceção dos inquiridos relativamente à sua identidade pessoal e integração na sociedade portuguesa

1. Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a mau e 5 a muito bom, como avalia o seu nível de domínio da língua portuguesa? \*

單選。

- ☐ 1. Mau
- ☐ 2. Insuficiente
- ☐ 3. Suficiente
- ☐ 4. Bom
- ☐ 5. Muito bom

2. Com quem se relaciona mais? \*

單選。

- ☐ Amigos chineses
- ☐ Amigos portugueses
- ☐ Ambos

3. Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a nunca e 5 a sempre, como avalia a frequência do contacto próximo com a comunidade portuguesa \*

單選。

- ☐ 1.Nunca
- ☐ 2.Raramente
- ☐ 3.Às vezes
- ☐ 4.Frequentemente
- ☐ 5.Sempre

4. Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a nunca e 5 a sempre, como avalia a frequência do contacto próximo com a comunidade chinesa local \*

單選。

- ☐ 1.Nunca
- ☐ 2.Raramente
- ☐ 3.Às vezes
- ☐ 4.Frequentemente
- ☐ 5.Sempre

5. Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a nunca e 5 a sempre, como avalia a frequência com que os seus pais lhe falam sobre a sua vida / a experiência na China \*

單選。

- ☐ 1.Nunca
- ☐ 2.Raramente
- ☐ 3.Às vezes
- ☐ 4.Frequentemente
- ☐ 5.Sempre

6. Que itens de origem chinesa tem na sua casa? \*

(可複選)

- ☐ Fotos
- ☐ Mobiliário
- ☐ Loição decorada com motivos chineses
- ☐ Quadros com paisagens chinesas
- ☐ Utensílios de mesa (por exemplo, pauzinhos)
- ☐ Outro(s)

7. Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a nunca e 5 a sempre, como avalia a frequência com que celebra as festividades tradicionais chinesas? \*

單選。

- ☐ 1.Nunca
- ☐ 2.Raramente
- ☐ 3.Às vezes
- ☐ 4.Frequentemente
- ☐ 5.Sempre

8. Quais são as festividades celebradas? \*

(可複選)

- ☐ Ano Novo Chinês
- ☐ Festival de Outono
- ☐ Festival do Barco do Dragão
- ☐ Festival das Lanternas
- ☐ Outro

9. Prefere os hábitos e os costumes chineses ou portugueses? \*

單選。

- ☐ Prefiro os hábitos e os costumes chineses
- ☐ Prefiro os hábitos e os costumes portugueses
- ☐ Adoto hábitos e costumes de ambos os grupos

10. Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a nunca e 5 a muito frequentemente, como avalia a frequência com que visita a China? \*

單選。

- ☐ 1. Nunca
- ☐ 2. Raramente
- ☐ 3. Às vezes (1 vez a cada 2-3 anos)
- ☐ 4. Frequentemente (1-2 vezes por ano)
- ☐ 5. Muito frequentemente (2-4 vezes/ano)

11. Quais são as principais dificuldades sentidas que encontra na sua vida escolar em Portugal? \*

(可複選)

- ☐ Nenhuma em particular
- ☐ Língua
- ☐ Cultura
- ☐ Hábitos e costumes
- ☐ Normas de relacionamento entre as pessoas
- ☐ Modo de pensar
- ☐ Hábitos alimentares
- ☐ Valores
- ☐ Outro

12. Quais são as principais dificuldades sentidas que encontra no quotidiano em Portugal? \*

(可複選)

- ☐ Nenhuma em particular
- ☐ Língua
- ☐ Cultura
- ☐ Hábitos e costumes
- ☐ Normas de relacionamento entre as pessoas
- ☐ Modo de pensar
- ☐ Organização social
- ☐ Leis gerais e laborais
- ☐ Gastronomia
- ☐ Valores
- ☐ Outro

13. A linguagem mais utilizada nas suas interações diárias? \*

單選。

- ☐ Português
- ☐ Mandarim
- ☐ Dialeto
- ☐ Outra(s)

14. Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a totalmente afastado e 5 a totalmente integrado, como avalia o seu grau de integração na sociedade e cultura portuguesa? \*

單選。

- ☐ 1. Totalmente afastado
- ☐ 2. Pouco integrado
- ☐ 3. Moderadamente integrado
- ☐ 4. Bem integrado
- ☐ 5. Totalmente integrado

15. Se respondeu “1” ou “2” na questão anterior, pode explicar o porquê?

---

16. Deseja viver / regressar à China no futuro? \*

單選。

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

17. Com que cultura se identifica mais? \*

單選。

- ☐ Chinesa
- ☐ Portuguesa
- ☐ Ambas

18. Há algum aspeto da cultura / sociedade chinesas com o qual não se sente confortável e ao qual, caso tivesse que viver permanentemente na China, teria dificuldades em se adaptar? (Por exemplo, 996, trabalho extra, utilitarismo, modo de pagamento da conta, modo da educação, acesso limitado a redes sociais/sítios de internet, etc.) \*